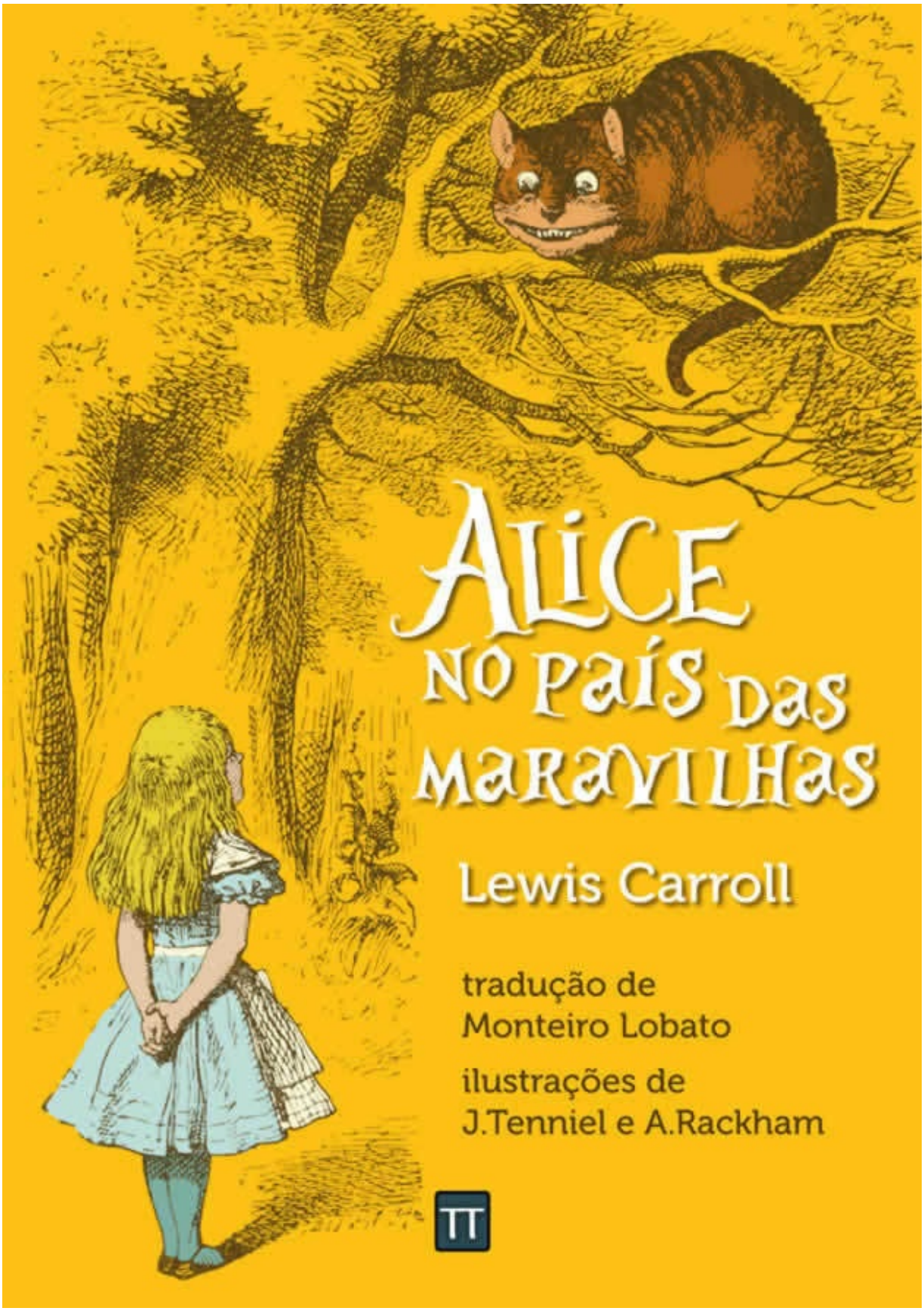


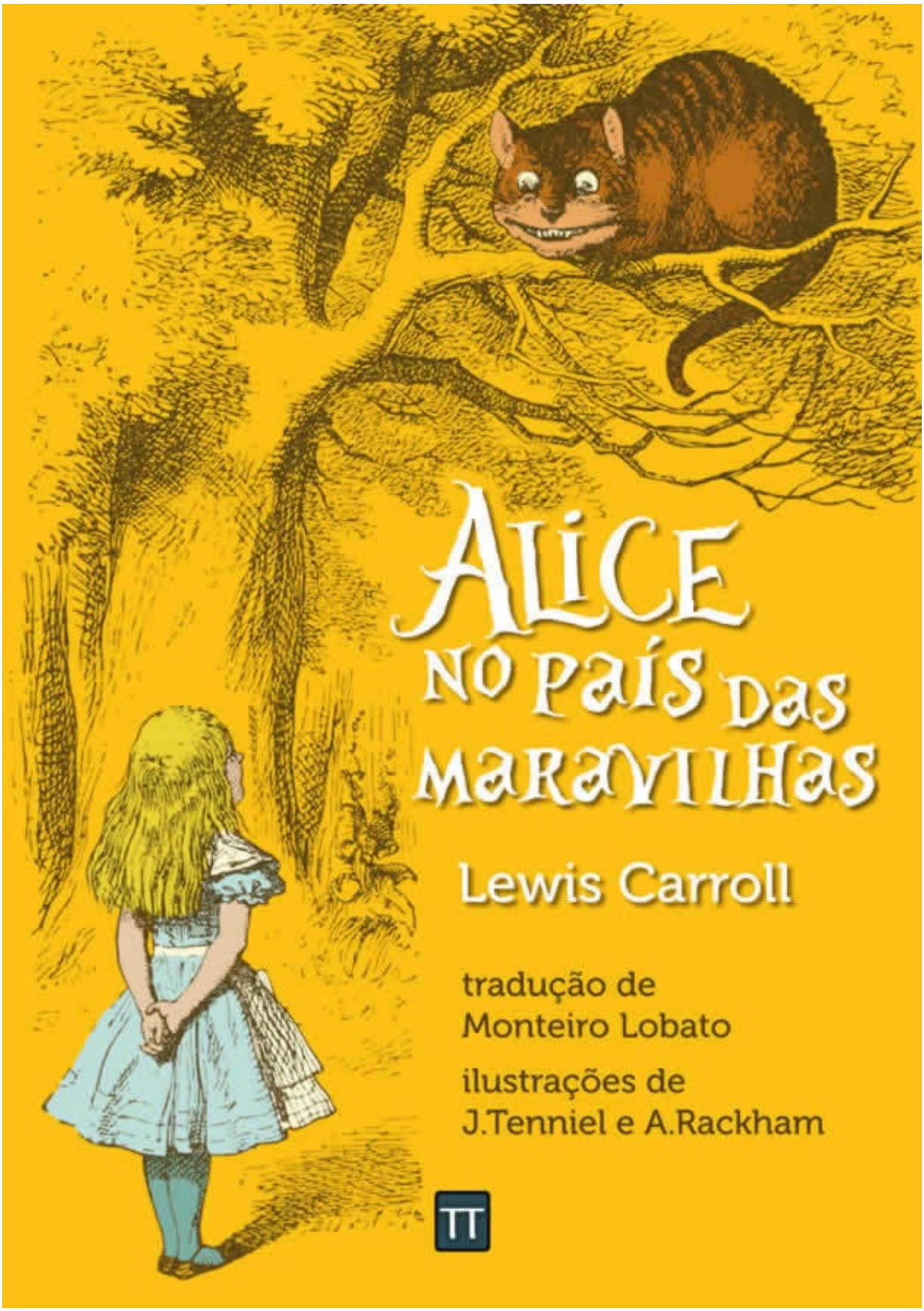
ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Lewis Carroll

tradução de
Monteiro Lobato

ilustrações de
J.Tenniel e A.Rackham

TT



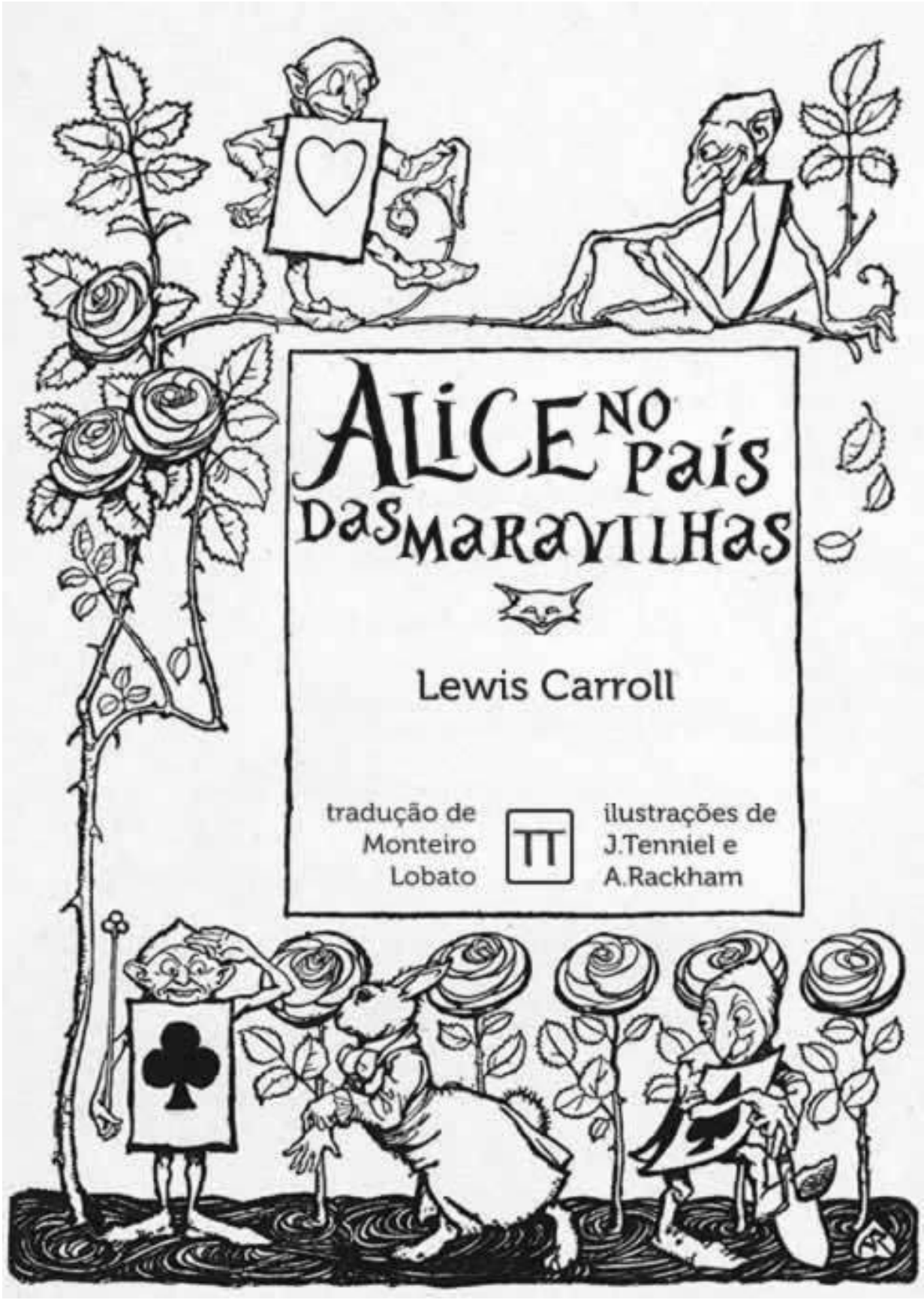
ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Lewis Carroll

tradução de
Monteiro Lobato

ilustrações de
J.Tenniel e A.Rackham

TT



Alice no país das maravilhas

Lewis Carroll

tradução de Monteiro Lobato

TT

ilustrações de J.Tenniel e A.Rackham

Sumário

Prefácio

1. Descendo a Toca do Coelho

2. A Lagoa de Lágrimas

3. A Corrida da Convenção e uma Longa História

4. O Coelho envia o Pequeno Bill

5. Conselhos de uma Lagarta

6. Porco e Pimenta

7. Uma Louca Festa do Chá

8. O Campo de Croquet da Rainha

9. A História da Tartaruga Falsa

10. A Quadrilha da Lagosta

11. Quem Roubou as Tortas?

12. O Depoimento de Alice

Todo conteúdo original (em inglês) é de autoria de Lewis Carroll e se encontra em domínio público. A tradução original é de Monteiro Lobato (1931), revisada e atualizada por Rafael Arrais (2019).

Texto revisado segundo as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Ilustrado por John Tenniel e Arthur Rackham

Organização: Rafael Arrais

Esta é uma edição de Textos para Reflexão

Para conhecer outras obras, visite o blog: textosparareflexao.blogspot.com

Design e diagramação: Ayon

Copyright © 2019 por Rafael Arrais (eBook para eReaders v1.0)

Todos os direitos reservados (apenas para a edição)

Prefácio

Muitos anos atrás um professor de matemática de Oxford, Lewis Carroll, muito amigo das crianças, fez um passeio de bote pelo rio Tâmisa com três menininhas. Para diverti-las, foi inventando uma história de que elas gostaram muito.

Chegando em casa teve a ideia de escrever essa história – e assim nasceu para a biblioteca infantil universal mais uma obra prima – Alice in Wonderland (Alice no País das Maravilhas).

O livro ficou famoso entre os povos da língua inglesa. Foi traduzido por toda a parte. Seu autor imortalizou-se.

Hoje aparece em português. Traduzir é sempre difícil. Traduzir uma obra como a de Lewis Carroll, mais que difícil, é dificílimo. Trata-se do sonho de uma menina travessa – sonho em inglês, de coisas inglesas, com palavras, referências, citações, alusões, versos, humorismo, trocadilhos, tudo inglês –, isto é, especial, feito exclusivamente para a mentalidade dos inglesinhos.

O tradutor fez o que pôde, mas pede aos pequenos leitores que não julguem o original pelo arremedo. Vai de diferença a diferença das duas línguas e a diferença das duas mentalidades, a inglesa e a brasileira.

Há alguns anos o original manuscrito de Alice in Wonderland, do próprio punho do autor, apareceu num leilão de livros velhos em Londres. Vários pretendentes o disputaram, entre eles o British Museum, que havia destinado uma verba de 12.500 libras esterlinas para a sua aquisição. Essa verba foi insuficiente. Um americano apareceu e fez um lance maior, adquirindo o manuscrito pela quantia de 15.400 libras, ou 75.259 dólares, moeda do seu país. Qualquer coisa como mil e tantos contos, ao câmbio de hoje [Nota do Editor: há que se considerar que isso se deu nos anos 1930]. Isto mostra o alto grau de apreço no qual em certos países é tido o trabalho literário.

As crianças brasileiras vão ler a história de Alice por conta do pedido de Narizinho [a famosa personagem de Monteiro Lobato]. Tanto insistiu esta menina em vê-la em português (Narizinho ainda não sabe inglês), que não houve

remédio; apesar de ser, como dissemos, uma obra intraduzível.

– “Serve assim mesmo” – disse ela ao ler a minha tradução – “Dá uma ideia, embora muito pálida, como diz Emília”...

Monteiro Lobato, em torno de 1931.

1. Descendo a Toca do Coelho

Alice estava começando a ficar muito cansada de sentar-se ao lado de sua irmã no banco e de não ter nada para fazer: uma ou duas vezes havia espiado o livro que a irmã estava lendo, mas não havia imagens nem diálogos nele, “e para que serve um livro”, pensou Alice, “sem imagens nem diálogos?”

Então, ela pensava consigo mesma (tanto quanto podia, uma vez que o dia quente a fazia sentir-se sonolenta e esmorecida) se o prazer de fazer uma coroa de margaridas valeria o trabalho de se levantar e apanhá-las, quando repentinamente um Coelho Branco com olhos rosados passou correndo perto dela.

Não havia nada de tão extraordinário nisso; nem Alice achou assim tão fora do normal ouvir o Coelho dizer para si mesmo: “Oh, céus! Oh, céus! Irei me atrasar!” (quando refletiu sobre isso depois, ocorreu-lhe que deveria ter reparado nisso, mas à hora tudo lhe pareceu bastante natural); mas quando o Coelho efetivamente tirou um relógio do bolso do colete e olhou para ele, se apressando, Alice pôs-se de pé porque lhe relampejou pela cabeça que nunca tivera visto antes um coelho nem com um bolso de colete, nem com um relógio para tirar dele e, ardendo de curiosidade, correu através do campo atrás dele e felizmente chegou bem a tempo de o ver pular para dentro de uma grande toca de coelho debaixo da cerca.

"o Coelho tirou um relógio do bolso do colete

Logo depois Alice desceu atrás dele, em momento algum considerando como faria para sair lá de dentro.

A toca do coelho era estreita como um túnel no começo e então se inclinava subitamente para baixo, tão subitamente que Alice não teve nem tempo de pensar em parar antes de ver-se caindo em um poço bem profundo.

Ou o poço era muito profundo, ou ela caiu muito lentamente, pois teve tempo o bastante enquanto caía para olhar ao seu redor e se perguntar o que aconteceria em seguida. Primeiro, tentou olhar para baixo e descobrir para onde estava indo, mas estava escuro demais para ver qualquer coisa; então, ela olhou para as laterais do poço e percebeu que elas estavam repletas de armários e prateleiras de livros; aqui e ali ela viu mapas e quadros pendurados. Ela tirou uma jarra de uma das prateleiras enquanto passava; a jarra estava rotulada como “GELEIA DE LARANJA”, mas para sua grande decepção, ela estava vazia: ela não quis soltar a jarra por medo de matar alguém, então deu um jeito de colocá-la em um dos armários enquanto passava por um.

“Bem!” – pensou Alice consigo mesma – “Depois de uma queda como essa, eu não devo mais me preocupar em tropeçar das escadas! Como todos irão me achar corajosa lá em casa! Bem, eu não diria nada sobre isso, mesmo se caísse do telhado da casa!” (O que era provavelmente verdade.)

Caindo, caindo, caindo. A queda nunca chegaria ao fim? – “Me pergunto quantas milhas eu caí nesse tempo?” – falou em voz alta – “Eu devo estar chegando a algum lugar perto do centro da Terra. Deixe-me ver: isso seria seis mil quilômetros para baixo, eu acho” – (pois, veja você, Alice aprendera várias coisas desse tipo nas lições da escola e, mesmo que essa não fosse uma oportunidade muito boa para demonstrar seu conhecimento – já que não tinha ninguém lá para escutá-la, ainda assim, era bom repetir para praticar) – “Sim, essa é aproximadamente a distância certa – mas então eu me pergunto, em qual

Latitude ou Longitude eu cheguei?” (Alice não tinha ideia do que era Latitude ou Longitude, mas achou que essas eram boas palavras grandes para se falar.)

Logo ela começou de novo – “Imagino se cairei através da Terra! Como vai parecer engraçado sair no meio de pessoas que andam de cabeça para baixo! Os Antipáticos, eu acho;” – (ela ficou mais contente por não haver ninguém escutando, dessa vez, pois essa não parecia mesmo a palavra correta) – “mas eu deverei perguntar a eles qual é o nome do país, sabe. Por favor, senhora, essa é a Nova Zelândia ou a Austrália?” – (e ela tentou reverenciar enquanto falava – reverência pomposa a medida que está caindo pelo ar! Você acha que conseguiria?) – “E que garota pequena e ignorante ela vai me achar por perguntar! Não, não vai dar para perguntar: talvez eu veja escrito em algum lugar.”

Caindo, caindo, caindo. Não havia mais nada para fazer, então Alice logo começou a falar de novo: “Diná vai sentir muito a minha falta esta noite, eu acho!” (Diná era sua gata) “Eu espero que eles se lembrem do pires de leite dela na hora do chá. Diná, minha querida! Eu queria que você estivesse aqui embaixo comigo! Não há ratos no ar, eu acho, mas você poderia pegar um morcego que é muito parecido com um rato, sabe. Mas será que gatos comem morcegos?” – E aqui Alice começou a ficar um tanto sonolenta e continuou falando para si mesma, de um modo distraído – “Gatos comem morcegos? Gatos comem morcegos?”, e algumas vezes, “Morcegos comem gatos?” – pois, veja, como ela não poderia responder nenhuma das questões, não importava muito o modo como as colocava. Ela sentiu que estava cochilando e começou a sonhar que estava andando de mãos dadas com Diná, falando para ela muito seriamente – “Agora, Diná, diga-me a verdade: você já comeu um morcego?” – quando subitamente, puf! puf!, ela acertou uma pilha de gravetos e folhas secas e a queda havia acabado.

Alice não estava nem um pouco machucada, e ficou de pé num instante – ela olhou para cima, mas estava tudo muito escuro; à frente dela havia outro corredor longo e o Coelho Branco ainda podia ser visto correndo por ele. Não

havia um minuto a perder – Alice seguiu como o vento e foi bem a tempo de ouvi-lo dizer, enquanto virava uma esquina: “Oh, minhas orelhas e bigodes, como está ficando tarde!” – Ela estava logo atrás dele quando virou a esquina, mas já não conseguiu ver o Coelho; ela percebeu que estava em uma sala comprida, baixa, que era iluminada por uma fileira de lâmpadas penduradas no teto.

Havia portas por todos os lados da sala, mas estavam todas trancadas; e quando Alice já havia percorrido um lado e o outro tentando abrir todas as portas, ela andou tristemente para o meio, se perguntando como iria fazer para sair daquele lugar de novo.

De repente, encontrou uma pequena mesa de três pernas, toda feita de vidro maciço; não havia nada sobre ela exceto uma pequenina chave dourada, e o primeiro pensamento de Alice foi de que ela poderia pertencer a uma das portas da sala; mas, ai!, ou as fechaduras eram muito grandes, ou a chave muito pequena, mas de qualquer modo ela não abria nenhuma delas. Porém, em uma segunda olhada, ela achou uma cortina baixa que não havia notado antes e atrás dela havia uma pequena porta de uns quarenta centímetros de altura: ela experimentou a chavinha dourada na fechadura e, para sua grande alegria, serviu!

"ela achou uma cortina baixa, e atrás dela havia uma pequena porta

Alice abriu a porta e descobriu que levava a um pequeno corredor, não muito maior do que um buraco de rato: ela se ajoelhou e olhou através da passagem para o mais adorável jardim que você já viu. Como ela ansiou por sair daquela sala escura e perambular por entre aqueles canteiros de flores brilhantes e aquelas fontes frescas, mas ela não conseguia nem passar a cabeça pela porta; “E mesmo se minha cabeça passasse”, pensou a pobre Alice, “seria de pouco uso sem meus ombros. Oh, como eu queria poder encolher como uma luneta! Eu acho que poderia se ao menos souber como começar.” Pois, veja, tantas coisas fora do rumo tinham acontecido ultimamente, que Alice começou a pensar que poucas coisas eram realmente impossíveis.

Pareceu ser inútil ficar esperando junto à portinha, então ela voltou para a mesa, na esperança de que poderia encontrar outra chave sobre ela ou, em todo caso, um livro de regras para encolher pessoas como lunetas: dessa vez ela encontrou uma pequena garrafa em cima dela (“Que certamente não estava aqui antes”, disse Alice), e em volta do gargalo da garrafa havia uma etiqueta de papel, com as palavras “BEBA-ME”, impressas com beleza em letras grandes.

“em volta do gargalo da garrafa havia uma etiqueta de papel

Parecia tudo bem em dizer “Beba-me”, mas a sábia pequena Alice não iria fazer isto com pressa – “Não, vou olhar primeiro”, ela falou, “e ver se está marcado em algum lugar veneno ou não”; pois ela tinha lido várias boas historinhas de crianças que se queimaram e foram comidas por feras selvagens e outras coisas desagradáveis, tudo porque elas não se lembravam das pequenas regras que seus amigos lhes tinham ensinado: tais como, que um gancho de lareira incandescente vai queimar você se você o segurar por muito tempo; e que se você cortar seu dedo muito fundo com uma faca, geralmente sangra; e ela nunca esqueceu que, se você beber muito de uma garrafa marcada com veneno, é quase certo que você se dê mal, cedo ou tarde.

Entretanto, essa garrafa não estava marcada como veneno, então Alice se arriscou a prová-la e, achando muito gostoso (tinha, na verdade, um tipo de gosto misto de torta de cereja, creme, abacaxi, peru assado, caramelo e torrada com manteiga quente), ela logo terminou de beber.

“Que sensação estranha!” – disse Alice – “Devo estar encolhendo como uma luneta”.

E de fato estava. Agora ela tinha somente 25 centímetros de altura e o seu rosto iluminou-se com a ideia de que agora ela tinha o tamanho certo para passar pela portinha para aquele amável jardim. Contudo, primeiro ela esperou por alguns minutos para ver se iria diminuir ainda mais: ela se sentiu um pouco nervosa quanto a isso – “Eu poderia acabar, você sabe”, Alice disse para si mesma, “sumindo totalmente como uma vela. Como eu seria então?” – E ela tentou imaginar como é a chama de uma vela depois que a vela se apaga, pois ela não conseguia se lembrar de já ter visto algo assim.

Após algum tempo, percebendo que nada mais aconteceu, ela decidiu ir ao jardim de uma vez; mas, ai da pobre Alice! Quando ela chegou à porta, descobriu que havia esquecido a chavinha dourada, e quando voltou à mesa para

apanhá-la, ela descobriu que não podia alcançá-la: podia vê-la muito bem através do vidro e fez o possível para escalar uma das pernas da mesa, mas ela era muito escorregadia; e quando se cansou de tentar, a pobre pequenina se sentou e começou a chorar.

“Vamos, é inútil chorar assim!” – disse Alice para si mesma, um tanto severamente – “Aconselho você a parar agora mesmo!” – Ela geralmente dava a si mesma bons conselhos (embora muito raramente os seguisse), e às vezes se repreendia tão severamente que lágrimas escorriam pelos seus olhos; e uma vez ela se lembrava de ter tentado esbofetear suas próprias orelhas por ter trapaceado a si mesma em um jogo de croquet que estava jogando contra si mesma, pois essa curiosa criança gostava muito de fingir ser duas pessoas. “Mas é inútil agora fingir ser duas pessoas!” – pensou a pobre Alice – “Afinal, dificilmente resta o bastante de mim para fazer uma pessoa respeitável!”

Logo seus olhos caíram sobre uma pequena caixa de vidro que estava debaixo da mesa: ela a abriu e achou dentro dela um bolo muito pequeno no qual as palavras “COMA-ME” estavam lindamente escritas em groselhas – “Bom, eu vou comê-lo”, disse Alice, “e se isso me fizer crescer, poderei alcançar a chave; e se me fizer encolher, posso deslizar por debaixo da porta; então de qualquer modo eu chegarei ao jardim e não me importo com o que aconteça!”

Ela comeu um pedacinho e falou ansiosamente para si mesma, “Que caminho? Que caminho?”, segurando a mão dela sobre o topo da cabeça para sentir se cresceria ou encolheria; e ela ficou bastante surpresa ao perceber que permaneceu do mesmo tamanho: sem dúvidas, isso geralmente acontece quando alguém come um bolo, mas Alice ficou tão acostumada a só esperar coisas fora do costume acontecerem, que pareceu tolo e estúpido a vida seguir como de costume.

Então ela voltou ao trabalho e logo terminou o bolo.

2. A Lagoa de Lágrimas

“Mais e mais curiosíssimo!”, gritou Alice (ela estava tão surpresa, que por um momento esqueceu completamente como falar um português correto); “Agora estou me esticando como o maior telescópio que já existiu! Adeus, pés!” (pois quando ela olhou para baixo para seus pés, eles quase pareciam estar fora de vista, estavam ficando muito distantes); “Oh, meus pobres pezinhos, quem irá colocar seus sapatos e meias agora, queridos? Estou certa de que não poderei! Estarei bastante longe para preocupar-me com vocês: vocês devem se virar da melhor forma que puderem; mas devo ser gentil com eles”, pensou Alice, “ou então eles não vão andar para onde eu quiser ir! Deixe-me ver: Vou dar-lhes um novo par de botas todo Natal.”

“

estou me
esticando como o
maior telescópio
que já existiu!

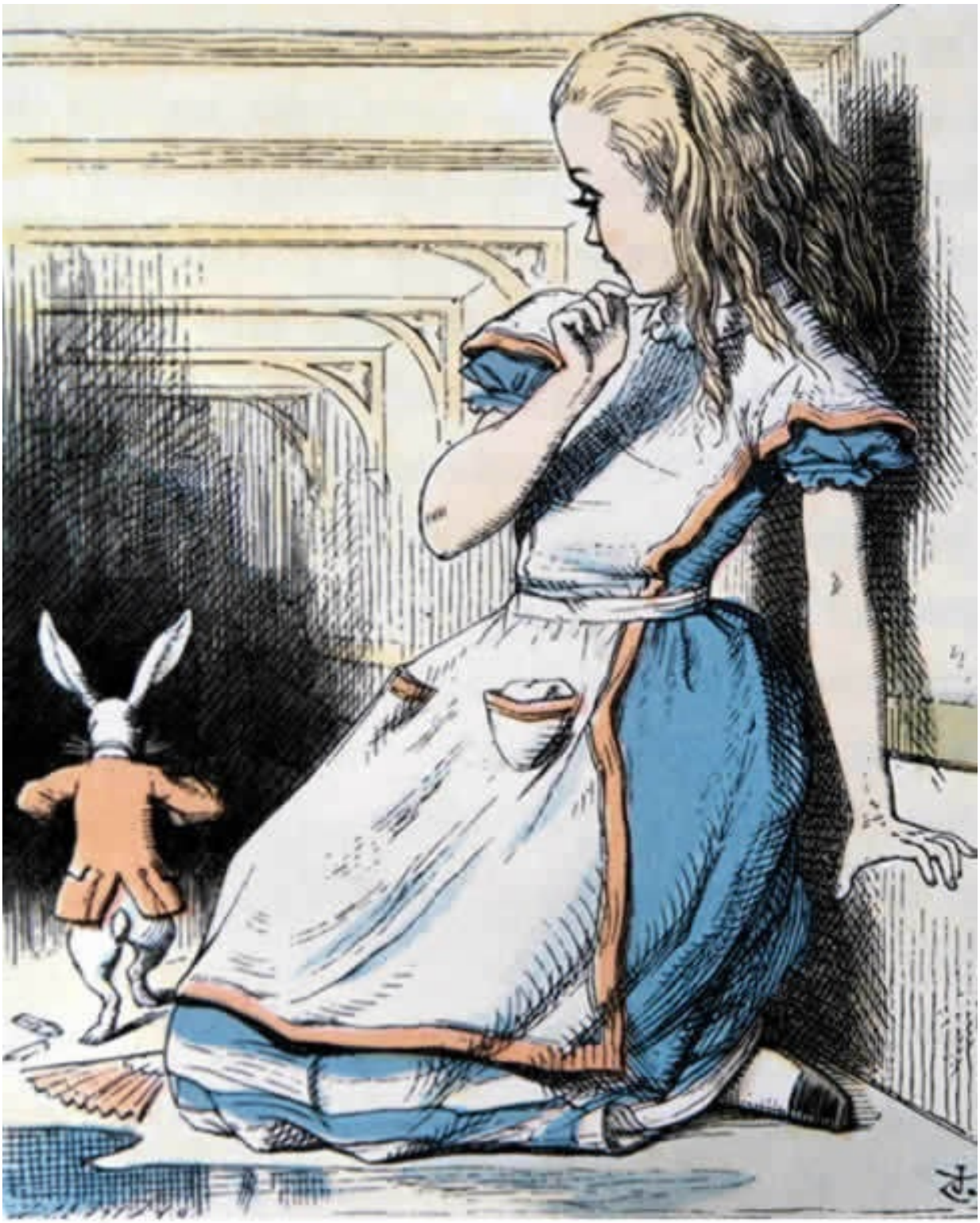
E ela começou a planejar como faria isso. “Elas devem ir pelo correio”, pensou; “e como parecerá engraçado ver alguém mandando presentes para os próprios pés! E quão estranho parecerá o endereço!”

“Oh céus, que bobagem estou falando!” – nesse momento sua cabeça bateu contra o teto da sala: de fato ela tinha agora quase três metros de altura, então ela pegou imediatamente a chavinha dourada e correu para a porta do jardim.

Pobre Alice! Tudo que ela podia fazer, deitando-se de lado, era olhar para o jardim através da porta com um olho; mas passar através dela era algo mais impossível que nunca: ela sentou-se e começou a chorar novamente.

“Você deveria ter vergonha de si mesma”, disse Alice, “uma garota grande como você” – (ela podia mesmo dizer isso) – “continuar chorando desse jeito! Pare agora mesmo, estou lhe dizendo!” – mas ela continuou na mesma, derramando galões de lágrimas, até que havia uma grande lagoa em volta dela, de uns dez centímetros de profundidade e alcançando até a metade da sala.

Depois de algum tempo ela escutou alguns passinhos miúdos ao longe, então secou os olhos depressa para ver o que estava vindo. Era o Coelho Branco voltando, esplendidamente vestido, com um par de luvas brancas de pelica em uma das mãos e um grande leque na outra; ele veio trotando com uma grande pressa, murmurando para si mesmo enquanto vinha: “Oh! a Duquesa, a Duquesa! Oh! Será que ela vai ser má por eu fazê-la esperar?”. Alice sentia-se tão desesperada que estava pronta a pedir ajuda para qualquer um; então, quando o Coelho passou perto dela, ela começou a falar, com uma voz baixa e tímida: “Por favor, senhor...” – O Coelho arrancou de repente, deixou cair as luvas e o leque, e correu para a escuridão o mais rápido que pôde.



o Coelho correu para a escuridão o mais rápido que pôde

Alice pegou o leque e as luvas e, como a sala estava muito quente, se abanava enquanto falava: “Puxa, puxa! Como tudo está estranho hoje! E ontem as coisas seguiam como sempre. E se eu fosse substituída à noite? Deixe-me pensar: será que era eu a mesma quando levantei essa manhã? Eu acho que quase posso me lembrar de ter me sentido um pouco diferente. Mas se não sou a mesma, a próxima questão é: quem diabos sou eu? Ah, esse é o grande mistério!”. E ela começou a pensar sobre todas as crianças que conhecia que eram da mesma idade que ela, para ver se ela tinha sido trocada com alguma delas.

“Eu tenho certeza de que não sou Ada”, ela disse, “porque o cabelo dela forma longos caracóis e o meu não forma caracóis de jeito nenhum; e tenho certeza de que não posso ser Mabel, pois eu sei todos os tipos de coisas, e ela, oh! ela sabe tão poucas! Além disso, ela é ela e eu sou eu, e – puxa, quão misterioso é tudo isso! Vou testar se sei todas as coisas que costumava saber. Deixe-me ver: quatro vezes cinco é doze, e quatro vezes seis é treze, e quatro vezes sete é... Oh, puxa! Eu nunca chegarei a vinte desse jeito! Contudo, a tabuada não significa nada: vamos tentar Geografia. Londres é a capital de Paris, e Paris é a capital de Roma, e Roma... Não, está tudo errado, tenho certeza! Devo ter sido mudada por Mabel! Vou tentar recitar um poema...” – e ela cruzou as mãos sobre o colo como se estivesse recitando lições e começou a repetir, mas sua voz pareceu rouca e estranha, e as palavras não vieram como costumavam vir:

Como o pequeno crocodilo

movendo sua cauda brilhante,

espalha as águas do Nilo

em cada tom flamejante!

Quão feliz ele parece estar,

quão elegantemente espalha suas garras,

que recebem pequenos peixes

com mandíbulas sorrindo gentilmente!

“Tenho certeza de que essas não são as palavras certas”, falou a pobre Alice, e seus olhos se encheram de lágrimas novamente enquanto ela continuou, “Eu devo ser Mabel afinal de contas e deverei ir viver naquela casa apertadinha e não ter quase nenhum brinquedo para brincar e, oh! ter sempre tantas lições para aprender! Não, já me decidi sobre isso; se sou Mabel, vou ficar aqui em baixo! Será inútil se eles colocarem suas cabeças aqui em baixo dizendo ‘Volte para cima, querida!’ Eu devo somente olhar para cima e dizer ‘Quem sou eu então? Diga-me isso primeiro e, então, se eu gostar de ser essa pessoa, voltarei aí para cima: se não, eu vou ficar aqui em baixo até eu ser outra pessoa’ – mas, oh puxa!” – Alice gritou, com um estouro repentino de lágrimas – “Eu queria mesmo que eles colocassem a cabeça aqui em baixo! Estou tão cansada de ficar sozinha aqui!”

Quando ela falou isso, olhou para baixo para suas mãos e ficou surpresa ao perceber que ela havia posto uma das luvinhas brancas de pelica do Coelho enquanto falava. “Como pude fazer isso?” – ela pensou – “Devo estar encolhendo novamente”. Ela levantou e foi para a mesa para medir-se por ela e descobriu que, tão próximo quanto podia avaliar, tinha agora uns sessenta centímetros de altura e continuava diminuindo rapidamente: ela logo percebeu que a causa disso era o leque que estava segurando e depressa o deixou cair, a tempo de evitar sumir completamente.

“Essa foi por um triz!” – disse Alice, bastante assustada com a mudança repentina, mas muito feliz por ainda se achar existindo – “E agora, para o jardim!”, e ela correu à toda velocidade de volta para a pequena porta: mas, ai! a porta estava novamente fechada e a chavinha dourada estava sobre a mesa de vidro como antes. “E as coisas estão piores do que nunca”, pensou a pobre criança, “pois nunca estive tão pequena assim antes, nunca! E declaro que isso é muito ruim, é mesmo!”

Assim que disse essas palavras, seus pés escorregaram e, logo depois, splash!, ela estava com água salgada até o queixo. A sua primeira ideia era a de que, de algum modo, ela tinha caído no mar, “E, nesse caso, posso voltar de trem”, falou para si mesma (Alice tinha ido para a costa uma vez em sua vida e chegou à conclusão de que aonde quer que se vá na costa inglesa, se encontra cabines de banho, algumas crianças cavando na areia com pás de madeira e uma fileira de casas para se hospedar e, atrás delas, uma estação de trem). Entretanto, ela logo percebeu que estava na lagoa de lágrimas que havia chorado quando tinha três metros de altura.

“ ela estava com água salgada até o queixo

“Eu queria não ter chorado tanto!” – disse Alice, enquanto nadava, tentando achar um modo de sair dali – “Eu deverei ser punida por isso agora, suponho, sendo afogada nas minhas próprias lágrimas! Isso será uma coisa estranha, com certeza! Entretanto, tudo está estranho hoje!”

Aí então ela escutou algo respingando na lagoa um pouco longe e ela nadou mais para perto para compreender o que era: a princípio ela pensou que devia ser uma morsa ou um hipopótamo, mas então ela lembrou o quanto estava pequena e logo percebeu que era só um rato que tinha escorregado como ela.

“logo percebeu que era só um rato

“Será que seria útil falar com esse rato agora?” – pensou Alice – “Tudo está tão estranho aqui em baixo, que eu deveria pensar que é muito provável que ele possa falar: de qualquer forma, não faz mal tentar”. Então ela começou: “Oh Rato, você sabe como sair desta lagoa? Eu estou muito cansada de nadar por aqui, oh Rato!” (Alice pensou que esse era o modo correto de falar com um rato: ela nunca havia feito coisa parecida antes, mas se lembrou de ter visto no livro de Gramática Latina de seu irmão, “Um rato... de um rato... para um rato... um rato... Oh rato!”). O Rato olhou para ela um tanto curiosamente e pareceu a ela piscar com um dos seus pequenos olhos, mas não disse nada.

“Talvez ele não entenda inglês”, pensou Alice; “imagino que ele seja um rato francês, que veio para cá com Guilherme, o Conquistador” (Pois, com todo o conhecimento dela sobre História, Alice não tinha uma noção clara de há quanto tempo qualquer coisa tinha acontecido). Então ela começou de novo: “Où est ma chatte?” [“Onde está o meu gato?”], que era a primeira frase em seu livro de francês. O Rato deu um salto repentino para fora da água e pareceu estremecer-se todo de medo. “Oh, desculpe-me!” – gritou Alice depressa, com medo de ter ferido os sentimentos do pobre animal – “Eu quase esqueci que você não gosta de gatos”.

“Não gostar de gatos!” – gritou o Rato, com uma voz estridente, raivosa – “Você gostaria de gatos se fosse eu?”

“Bom, talvez não”, disse Alice com um tom calmo, “Mas não fique bravo com isso. Ainda assim eu queria poder mostrar para você nossa gata Diná. Eu acho que você gostaria de gatos se apenas pudesse vê-la. Ela é uma coisa tão quieta”, Alice continuou, em parte para si mesma, enquanto nadava preguiçosamente na lagoa, “Ela senta-se ronronando tão agradavelmente junto à lareira, lambendo suas patas e lavando a face – e ela é uma coisa tão fofa de se cuidar – e ela é excelente para pegar ratos – oh, perdoe-me!”, gritou Alice novamente, pois dessa vez o Rato estava se arrepiando todo e ela teve certeza de que ele devia estar realmente ofendido – “Nós não falaremos mais nela se você preferir”.

“Não mesmo!” – gritou o Rato, que estava tremendo até a ponta da sua cauda – “Como se eu fosse falar sobre tal assunto! Nossa família sempre odiou gatos: coisas nojentas, baixas, vulgares! Não me deixe escutar o nome novamente!”

“Não vou mesmo!” – disse Alice, com grande pressa para mudar o assunto da conversa – “Você... você gosta... de... de cachorros?” O Rato não respondeu, então Alice continuou avidamente: “Há um cachorrinho tão amável perto de nossa casa que eu gostaria de mostrar a você! Um pequeno terrier de olhos brilhantes, você sabe, com oh, pelos marrons enrolados tão longos! E ele vai buscar coisas quando você as joga e ele senta e pede pelo jantar e todos esses tipos de coisas – não consigo lembrar nem de metade delas – e ele pertence a um fazendeiro, você sabe, que diz que o cachorro é tão útil, que vale mais de cem libras! Ele diz que o cão mata todos os ratos e... oh puxa!” – gritou Alice em um tom triste – “Temo tê-lo ofendido novamente!”. Pois o Rato estava nadando para longe dela tanto quanto conseguia e fazendo um tumulto na lagoa enquanto seguia.

Então ela chamou-o com uma voz macia: “Rato querido! Volte e não falaremos mais sobre gatos nem sobre cachorros, se você não gosta deles!” – Quando o rato ouviu isso, ele deu meia-volta e nadou vagarosamente para perto dela: sua face estava um pouco pálida (de raiva, Alice pensou) e ele falou em uma voz baixa e trêmula: “Vamos até a margem e então eu lhe contarei minha história, e você entenderá por que é que eu odeio gatos e cachorros”.

Estava bem na hora de sair, porque a lagoa estava ficando bem cheia com os pássaros e animais que caíram dentro dela: havia um Pato e um Dodô, um Papagaio e uma Aguiazinha e várias outras criaturas estranhas. Alice liderou o caminho e todo o grupo nadou até a costa.

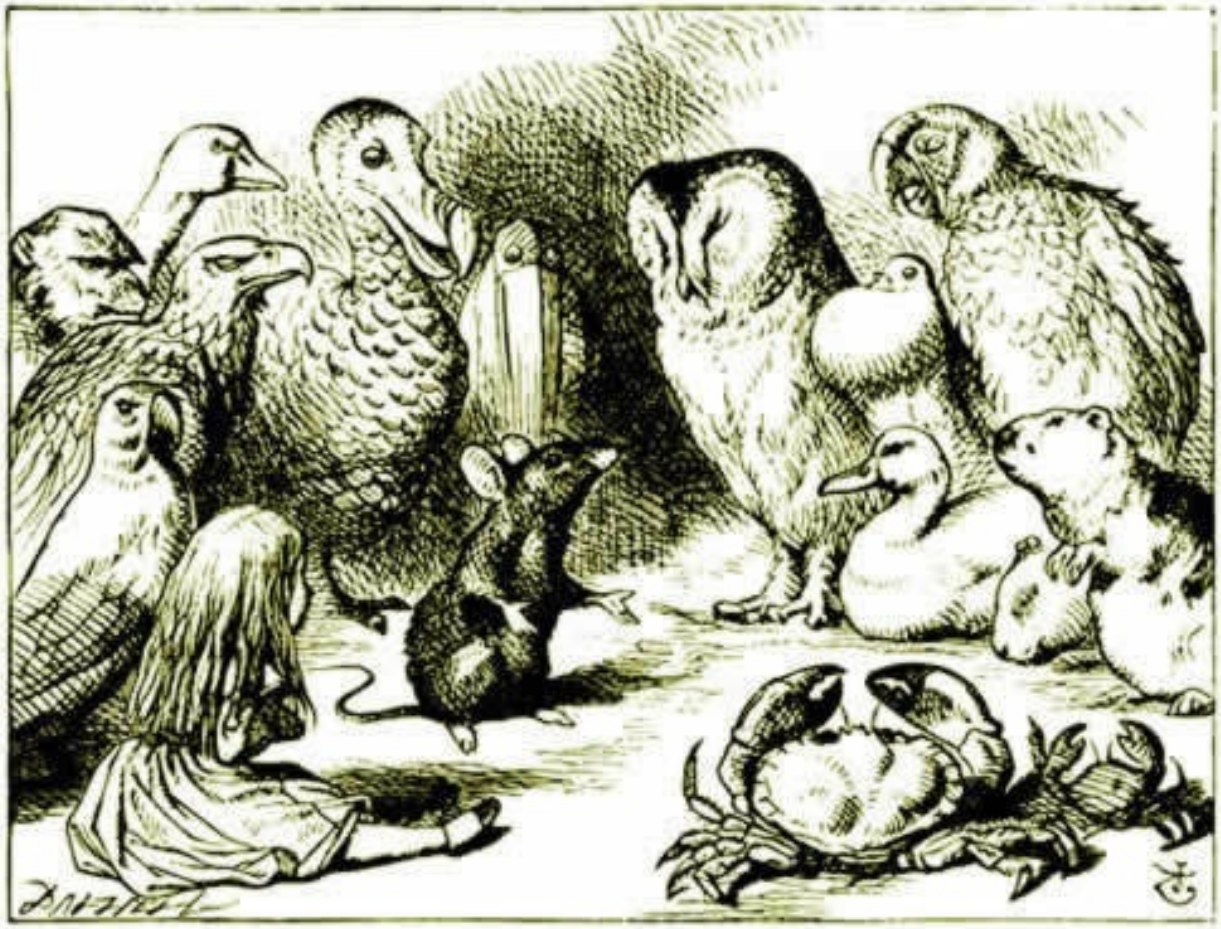
Alice liderou o caminho e todo o grupo nadou até a costa

3. A Corrida da Convenção e uma Longa História

Era de fato um grupo de aparência estranha o que chegou à margem: os pássaros com as penas enlameadas, os animais com seu pelo grudando neles, e todos ensopados, irritados e desconfortáveis.

A primeira pergunta era, é claro, como se secariam novamente: eles deliberaram sobre isso, e após alguns minutos pareceu bastante natural para Alice achar-se conversando familiarmente com eles, como se os tivesse conhecido por toda a vida. De fato, ela teve uma discussão bastante longa com o Papagaio, que no final ficou emburrado, e só dizia “Eu sou mais velho que você, devo saber mais”; e isso Alice não aceitaria sem saber quantos anos ele tinha e, como o Papagaio recusou-se a dizer sua idade, não havia mais nada a dizer.

Finalmente o Rato, que parecia ser um indivíduo com autoridade dentre eles, bradou: “Sentem-se, todos vocês, e escutem-me! Eu logo os deixarei bastante secos!”. Todos sentaram ao mesmo tempo, formando um grande círculo com o Rato no meio. Alice manteve ansiosamente os olhos fixados nele, pois ela tinha certeza de que pegaria um forte resfriado se não ficasse logo seca.



"sentaram num grande círculo
com o Rato no meio

“Ahem!” – disse o Rato com um ar importante – “Estão todos prontos? Essa é a coisa mais seca que conheço. Silêncio em volta, por favor! Guilherme, o Conquistador, cuja causa era favorecida pelo Papa, logo se rendeu aos ingleses, que queriam líderes, e tinham estado recentemente muito acostumados com usurpação e conquista. Edwin e Morcar, os condes de Mércia e Nortúmbria...”

“Ugh!” – disse o Papagaio, com um arrepio.

“Desculpe-me!” – disse o Rato franzindo as sobrancelhas, mas muito polidamente – “Você falou?”

“Eu não!” – disse o Papagaio depressa.

“Pensei que tinha”, disse o Rato; “continuando: Edwin e Morcar, os condes de Mércia e Nortúmbria, pronunciaram-se a favor dele: e até Stigand, o patriótico arcebispo de Canterbury, achou isto aconselhável...”

“Achou o quê?” – disse o Pato.

“Achou isto”, respondeu o Rato, bastante aborrecido; “você obviamente sabe o que ‘isto’ significa.”

“Eu sei muito bem o que ‘isto’ significa, quando eu encontro uma coisa”, disse o Pato, “é geralmente um sapo ou um verme. A questão é: o que o arcebispo achou?”

O Rato não reparou nesta pergunta, mas apressadamente continuou: “... achou aconselhável ir com Edgar Atheling encontrar Guilherme e oferecer-lhe a coroa. A conduta de Guilherme inicialmente foi moderada. Mas a insolência de seus Normandos... Como está você agora, minha querida?” – continuou, virando-se para Alice enquanto falava.

“Mais molhada do que nunca”, disse Alice num tom melancólico; “isto não parece me secar nada”.

“Neste caso”, disse o Dodô solenemente, se levantando, “eu proponho que a reunião seja suspensa para a imediata adoção de soluções mais enérgicas...”

“Fale inglês!” – disse a Águiazinha – “Eu não sei o significado nem da metade destas palavras difíceis e, se quer saber, acho que você também não!” – e a Águiazinha abaixou a cabeça para esconder um sorriso: alguns dos outros pássaros davam risadinhas abafadas.

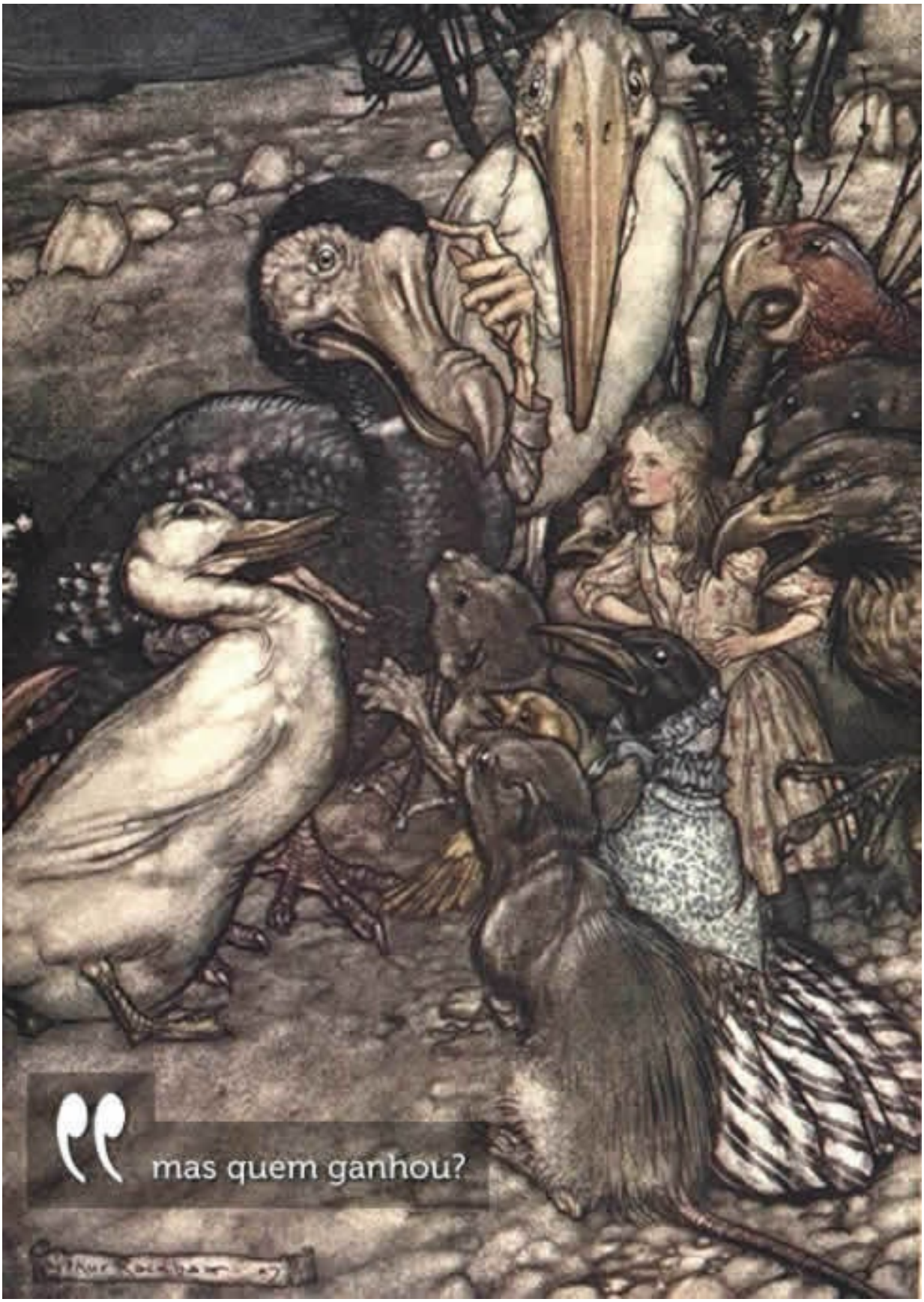
“O que eu ia dizer”, disse o Dodô num tom ofendido, “era que a melhor coisa para nos secarmos seria uma Corrida da Convenção”.

“O que é uma Corrida da Convenção?” – disse Alice; não que ela quisesse muito saber, mas o Dodô havia parado como se ele pensasse que alguém quereria falar, e ninguém mais parecia inclinado a dizer algo.

“Bem”, disse o Dodô, “a melhor maneira de explicá-lo é fazê-lo.” (e, como você mesmo pode querer experimentar a coisa em algum dia de inverno, vou lhe

contar como o Dodô o fez.)

Primeiro ele desenhou uma pista de corrida, em uma espécie de círculo (“A forma exata não importa”, disse ele), e depois todo o grupo foi colocado ao longo da pista, aqui e ali. Não havia ‘um, dois, três e já’, mas eles começavam a correr quando queriam, e paravam quando queriam, de forma que não era fácil saber quando a corrida acabaria. Porém, quando eles já haviam corrido por uma hora ou mais, e estavam novamente secos, o Dodô repentinamente gritou “A corrida acabou!”, e todos se reuniram ao redor dele, arfando e perguntando: “Mas quem ganhou?”.



“mas quem ganhou?

O Dodô não poderia responder a esta questão sem pensar muito, e ele sentou por um bom tempo com um dedo pressionado contra a testa dele (a posição na qual geralmente se vê Shakespeare em retratos dele), enquanto o resto esperava em silêncio. Finalmente o Dodô disse: “Todos ganharam, e todos devem ganhar prêmios”.

“Mas quem dará os prêmios?” – um coro de vozes perguntou – “Bem, ela, é claro”, disse o Dodô apontando para Alice com um dedo; e o grupo inteiro imediatamente se juntou ao redor dela, gritando de maneira confusa: “Prêmios! Prêmios!”

Alice não tinha ideia do que fazer, e em desespero colocou a mão no bolso e tirou uma caixa de bombons (felizmente não havia entrado água salgada nela) e os entregou como prêmios. Havia exatamente um para cada. “Mas ela também precisa de um prêmio, sabe”, disse o Rato.

“É claro”, respondeu o Dodô muito sério; “o que mais você tem no bolso?”, continuou ele, virando-se para Alice.

“Apenas um dedal”, disse Alice tristemente.

“Passe-o para cá”, disse o Dodô.

Então todos eles se agruparam ao redor dela mais uma vez enquanto o Dodô solenemente entregava o dedal, dizendo “Imploramos que aceite este elegante dedal”; e quando ele acabou este curto discurso, todos aplaudiram.

"imploramos que aceite este elegante dedal

Alice achou a coisa toda muito absurda, mas todos pareciam tão sérios que ela não ousou rir; e, como ela não pode pensar em nada para dizer, simplesmente fez uma reverência e pegou o dedal, da forma mais solene que podia. O próximo passo foi comer os bombons: isto causou algum barulho e confusão, já que os pássaros grandes reclamavam que não conseguiam sentir o gosto dos seus, e os pequenos se engasgavam e tinham que levar tapinhas nas costas. Porém, finalmente acabou, e eles mais uma vez se sentaram em círculo, e pediram para que o Rato lhes contasse algo mais.

“Você prometeu me contar a sua história, sabe”, disse Alice, “e por que é que você odeia... G e C”, disse ela num sussurro, com medo de que ele se ofendesse novamente.

“A minha é uma longa e triste história!” – disse o Rato, se virando para Alice e suspirando.

“É certamente longa”, disse Alice, olhando com admiração para a cauda do Rato [Nota do Editor: aqui há um trocadilho intraduzível entre tale (história, em inglês) e tail (rabo ou cauda, em inglês); como as pronúncias são parecidas, Alice achou que o Rato falava de sua própria cauda]; “mas por que você a chama de triste?”. E ela ficou pensando nisto enquanto o Rato falava, então a ideia que ela fazia da história era mais ou menos assim:

Fúria disse a um rato, que encontrou na casa: “Vamos ambos ao tribunal: irei processar você... Venha, não aceitarei recusa; nós devemos ter um julgamento”...
“Realmente nesta manhã não tenho nada para fazer”, disse o rato para o cão...
“Tal julgamento, prezado senhor, sem júri ou juiz, seria perda do nosso tempo”...
“Eu serei juiz, serei o júri”, disse bem feliz Fúria, “Irei julgar a causa toda, e condenar você à morte”.

“Você não está prestando atenção!” – disse o Rato a Alice rispidamente – “No que você estava pensando?”

“Sinto muitíssimo”, disse Alice muito humildemente, “você estava na quinta linha, não?”

“Não estava!” – gritou o Rato, rápido e raivoso.

“Um nó!” – disse Alice, sempre pronta para ajudar, e olhando ao seu redor muito avidamente – “Oh, deixe-me ajudá-lo a desembaraçar!”

“Não farei nada do tipo”, disse o Rato, se levantando e indo embora, “você me insulta falando tantas bobagens!”

“Não era a minha intenção!” – implorou a pobre Alice – “Mas você se ofende muito facilmente, sabe!” O Rato somente grunhiu em resposta. “Por favor, volte e termine sua história!” – Alice o chamou, e todos os outros gritaram em coro: “Sim, por favor, volte!”. Mas o Rato somente balançou a cabeça impacientemente e começou a andar um pouco mais rápido.

“Que pena que ele não quis ficar!” – suspirou o Papagaio quando já estava fora de vista; e uma velha carangueja aproveitou a oportunidade para dizer para a filha: “Ah, minha querida! Que isto sirva de lição para que você nunca perca as estribeiras!” “Cale a boca, mãe!” – disse a jovem carangueja, um pouco nervosamente – “Você consegue testar a paciência de uma ostra!”

“Como eu queria que minha Diná estivesse aqui, eu sei que sim!” – disse Alice em voz alta, para ninguém em particular – “Ela logo o traria de volta!”

“E quem é Diná, se me permite a pergunta?” – disse o Papagaio.

Alice respondeu muito feliz, pois ela sempre estava pronta para falar de seu animal de estimação: “Diná é minha gata. E ela é extremamente hábil para caçar ratos! E oh, como eu queria que você a visse atrás dos pássaros! Bem, ela comerá um passarinho tão logo ela olhe para ele!”

Este discurso causou uma curiosa sensação entre o grupo. Alguns dos pássaros saíram correndo de uma vez: uma velha pega-rabuda [ave da família dos corvos] começou a se embrulhar toda muito cuidadosamente, dizendo: “Eu realmente preciso ir para casa; o sereno não faz bem para a minha garganta!”; E uma canária gritou numa voz tremelicante para seus filhos: “Venham, meus queridos! Já passou da hora de vocês irem para a cama!” Assim, sob vários pretextos eles saíram, e logo Alice ficou sozinha.

“Como eu queria não ter mencionado Diná!” – ela disse para si mesma num tom melancólico – “Ninguém parece gostar dela aqui embaixo, e eu tenho certeza de que ela é a melhor gata do mundo! Oh, minha querida Diná! Me pergunto se eu a verei novamente!”. E aqui a pobre Alice começou a chorar de novo, pois se sentia muito sozinha e desanimada. Algum tempo depois, porém, ela ouviu de novo um barulhinho de passos ao longe, e olhou avidamente, meio que esperando que o Rato tivesse mudado de ideia e estivesse voltando para terminar sua história.

4. O Coelho envia o Pequeno Bill

Era o Coelho Branco, trotando vagarosamente de volta, e olhando ansiosamente em volta enquanto ia, como se tivesse perdido alguma coisa; e ela o ouviu murmurando para si mesmo: “A Duquesa! A Duquesa! Oh minhas queridas patas! Oh meu pelo e bigodes! Ela vai mandar me executar, é tão certo quanto furões são furões! Onde eu posso tê-los deixado cair?” Alice adivinhou logo que ele estava procurando pelo leque e pelo par de luvinhas de pelica, e de muito boa índole começou a procurar em volta por eles, mas eles não podiam ser vistos em parte alguma -- tudo parecia ter mudado desde seu mergulho na lagoa, e a grande sala, com a mesa de vidro e a portinha tinham sumido completamente.

O Coelho logo notou Alice, enquanto ela ia procurando em volta, e gritou para ela com um tom raivoso: “Bem, Mary Ann, o que você está fazendo por aqui? Corra agora para casa, e traga-me um par de luvas e um leque! Rápido, agora!” E Alice estava tão assustada que ela correu imediatamente na direção à qual ele apontou, sem tentar explicar o erro que ele tinha cometido.

corra agora para casa!

“Ele me tomou por sua arrumadeira”, ela disse para si mesma enquanto corria, “Quão surpreso ele ficará quando descobrir quem eu sou! Mas seria melhor levar-lhe seu leque e luvas -- isto é, se eu conseguir encontrá-los”. Assim que disse isso, ela chegou a uma elegante casinha, na porta da qual estava uma brilhante placa de latão com o nome “C. Branco” gravado nela. Ela entrou sem bater, e apressou-se para o andar superior, com muita cautela para que não encontrasse a verdadeira Mary Ann, e fosse mandada para fora da casa antes de ter encontrado o leque e as luvas.

“Que estranho parece”, disse Alice para si mesma, “estar recebendo ordens de um coelho! Eu suponho que Diná estará me dando ordens a seguir!” E ela começou a imaginar o tipo de coisa que aconteceria: “Senhorita Alice! Venha aqui imediatamente, e prepare-se para seu passeio!” “Em um minuto, ama! Mas tenho que observar esse buraco de rato até Diná voltar, e ver se o rato não saiu.” “Eu só acho”, Alice continuou, “que eles não deixariam Diná ficar em casa se ela começasse a mandar nas pessoas assim!”

Neste instante ela tinha aberto caminho por um quartinho bem arrumado com uma mesa na janela, e sobre ela (como ela tinha esperado) um leque e dois ou três pares de luvinhas brancas de pelica: ela pegou o leque e um par das luvas, e já estava saindo do quarto, quando sua visão caiu sobre uma garrafinha que estava perto do espelho. Não havia etiqueta desta vez com as palavras “BEBA-ME”, mas apesar disso ela a desenrolhou e a levou aos lábios. “Eu sei que alguma coisa interessante está com certeza para acontecer”, disse para si mesma, “sempre que eu como ou bebo qualquer coisa: então eu já vou ver o que esta garrafa faz. Eu realmente espero que ela me faça crescer, pois eu realmente estou completamente cansada de ser uma coisinha tão pequena!”

Ela realmente fez, e mais cedo do que ela esperava: antes que ela tivesse bebido metade da garrafa, ela sentiu sua cabeça apertando-se contra o teto, e teve que curvar-se para salvar seu pescoço de ser quebrado. Ela soltou a garrafa apressadamente, dizendo para si mesma: “É o suficiente, espero não crescer mais; como estou, eu não posso sair pela porta -- Eu realmente gostaria de não

ter bebido tanto!”

Ai! Era muito tarde para desejar isso! Ela continuou crescendo, e crescendo, e logo teve que se ajoelhar no chão: no momento seguinte não havia espaço suficiente para isso, e ela testou o resultado de deitar com um cotovelo contra a porta, e o outro braço enroscado em volta da cabeça dela. Contudo ela continuou crescendo, e, como último recurso, colocou um braço para fora da janela, e um pé pela chaminé, e disse a si mesma: “Agora eu não posso fazer mais nada, aconteça o que acontecer. O que será de mim?”

"ela continuou crescendo, e crescendo...

Felizmente para Alice, a garrafinha mágica tinha agora tido todo o seu efeito, e ela não cresceu mais: todavia estava muito desconfortável, e, como não parecia haver qualquer chance de ela algum dia sair do quarto de novo, não admira ter ficado triste.

“Era muito mais agradável em casa”, pensou a pobre Alice, “quando não se estava sempre crescendo e encolhendo, e sendo mandada por ratos e coelhos. Eu quase queria não ter descido naquela toca de coelho -- e ainda -- e ainda -- é bastante curioso, sabe, este tipo de vida! Eu realmente imagino o que pode ter me acontecido! Quando eu lia contos de fada, eu imaginava que aquele tipo de coisa nunca acontecesse, e agora cá estou no meio de um! Deve haver um livro escrito sobre mim, isto deve! E quando eu crescer, eu escreverei um -- mas eu estou crescida agora”, ela adicionou em tom pesaroso; “ao menos não há mais espaço para crescer mais aqui.”

“Mas então”, pensou Alice, “eu nunca ficarei mais velha do que estou agora? Isto seria um alívio, por um lado -- nunca ser uma velha -- mas por outro -- sempre ter lições a aprender! Oh, eu não gostaria disto!”

“Oh, sua tola Alice!” – ela respondeu para si – “Como você pode aprender lições aqui? Bem, mal há lugar para você, e nenhum lugar para qualquer livro didático!”

E então ela continuou, tomando primeiro um lado e depois o outro, e fazendo uma bela conversação disto tudo; mas após alguns minutos ela ouviu uma voz do lado de fora, e parou para ouvir.

“Mary Ann! Mary Ann!” – disse a voz – “Traga-me minhas luvas neste instante!” Então veio um barulhinho de pés na escada. Alice sabia que era o

Coelho vindo procurá-la, e ela tremeu até sacudir a casa, esquecendo completamente que estava agora quase mil vezes maior que o Coelho, e não tinha nenhuma razão para ter medo dele.

Daí a pouco o Coelho subiu até a porta, e tentou abri-la; mas, como a porta se abria para dentro, e o ombro de Alice estava firmemente pressionado contra ela, esta tentativa foi um fracasso. Alice o ouviu dizer para si mesmo: “Então eu vou dar a volta e entrar pela janela”.

“Isto você não vai”, pensou Alice; e, depois de esperar até ela imaginar ouvir o Coelho logo embaixo da janela, ela subitamente estendeu a mão para fora e tentou agarrá-lo no ar. Ela não agarrou nada, mas ouviu um gritinho estridente e uma queda, e um estraçalhamento de vidro quebrado, do qual ela concluiu que era bem possível que ele tivesse caído sobre uma pequena estufa, ou algo do tipo.

"ela estendeu a mão para fora
e tentou agarrá-lo

Em seguida veio uma voz irritada -- o Coelho: “Pat! Pat! Onde você está?” E então uma voz que ela nunca tinha ouvido: “Sem dúvida estou aqui agora! Cavando por maçãs, Vossa Excelência!”

“Cavando por maçãs, certamente!” – disse o Coelho com raiva – “Aqui! Venha e me ajude a sair disto!” (Sons de mais vidros quebrados.)

“Agora diga-me, Pat, o que é aquilo na janela?”

“Claro, é um braço, Vossa Excelência!” (Ele pronunciou braçum.)

“Um braço, seu tolo! Quem já viu um daquele tamanho? Ora, ele ocupa toda a janela!”

“Claro que ocupa, Vossa Excelência, mas é um braço mesmo assim.”

“Bem, ele não deveria estar lá, de qualquer forma: vá e retire-o!”

Houve um longo silêncio depois disso, e Alice só podia ouvir cochichos aqui e ali; tais como: “Sem dúvida eu não gosto disto, Vossa Excelência, nem um pouco, nem um pouco!” “Faça o que estou dizendo, seu covarde!” Então, finalmente ela estendeu a mão de novo, e tentou agarrar no ar mais uma vez. Desta vez houve dois gritinhos, e mais sons de vidro quebrado. “Quantas janelinhas deve haver!” -- pensou Alice – “O que eles vão fazer em seguida?! Quanto a me puxar pela janela, eu só queria que eles pudessem! Eu só sei que não quero mais ficar aqui!”

Ela esperou algum tempo sem ouvir mais nada: finalmente veio um ruído de carrinhos de mão, e o som de muitas vozes todas falando ao mesmo tempo. Alice compreendeu as palavras: “Onde está a outra escada de mão?” – “Bem, eu só tive que trazer uma; Bill está com a outra” – “Bill! traga-a aqui, rapaz!” – “Aqui, coloquem-nas neste canto” – “Não, amarrem-nas primeiro” – “Elas não chegam nem à metade ainda” – “Oh! elas vão servir muito bem; não seja exigente” – “Aqui, Bill! agarre-se a esta corda” – “O teto vai suportar?” – “Preste atenção àquela telha solta” – “Oh, está caindo! Cuidado com as cabeças aí em baixo!” (um estrondo alto) – “Ora, quem fez isto?” – “Foi Bill, eu imagino” – “Quem vai descer pela chaminé?” – “Não, eu não irei! Você vai!” – “Isto é que não, neste caso!” – “Bill é quem vai descer” – “Aqui, Bill! O mestre diz que você é quem deve descer pela chaminé!”

“Oh! Então Bill tem que descer pela chaminé, não tem?” – disse Alice para si mesma – “Bem, parece que eles colocam tudo sobre Bill! Eu não gostaria de estar no lugar de Bill: a lareira é estreita, com certeza; mas eu acho que posso chutar um pouco!”

Ela colocou o pé na chaminé tão fundo quanto pode, e esperou até ouvir um animalzinho (ela não pode adivinhar de que tipo ele era) arranhando e arrastando-se dentro da chaminé pertinho dela. Então, dizendo para si mesma, “Este é Bill!”, ela deu um chute brusco, e esperou para ver o que aconteceria em seguida.

A primeira coisa que ela ouviu foi um coro geral de “Lá vai o Bill!” Então a voz do Coelho adiante: “Peguem-no, vocês perto da cerca viva!” Então silêncio, e então outra confusão de vozes: “Mantenha a cabeça dele erguida -- Conhaque agora -- Não o sufoquem -- Como foi, velho companheiro? O que aconteceu com você? Conte-nos tudo sobre isto!”

lá vai o Bill!

Finalmente veio uma voz fraca, guinchante (“É a voz de Bill”, pensou Alice): “Bem, eu mal sei – chega de conhaque, obrigado; estou melhor agora -- mas eu estou bastante confuso para lhes contar – tudo que sei é que algum coisa veio até mim como um jack-in-the-box [caixa surpresa, de onde salta um boneco com molas ao se abrir], e lá vou eu para cima como um foguete!”

“Realmente você foi, velho companheiro!” – disseram os outros.

“Devemos queimar a casa!” – disse a voz do Coelho; e Alice gritou tão alto quanto pode: “Se você fizer isso. Eu vou soltar Diná em você!”

Houve imediatamente um completo silêncio, e Alice pensou consigo mesma: “O que eles vão fazer em seguida?! Se eles tivessem alguma sensatez, eles tirariam o teto”. Depois de um minuto ou dois, eles começaram a se mover de novo, e Alice ouviu o Coelho dizer: “Uma carga do carrinho-de-mão será suficiente, para começar”.

“Uma carga de quê?” – pensou Alice; mas ela não precisou imaginar por muito tempo, pois no momento seguinte uma saraivada de pequenos seixos veio estrondeando janela adentro, e alguns deles atingiram-na no rosto. “Vou dar um fim a isto”, ela disse a si mesma, e gritou para fora, “É melhor vocês não fazerem isto de novo!” – o que provocou outro completo silêncio.

Alice notou com alguma surpresa que os seixos estavam todos se transformando em bolinhos enquanto caíam no chão, e uma ideia brilhante lhe veio à cabeça. “Se eu comer um destes bolos”, ela pensou, “certamente produzirá alguma mudança no meu tamanho; e como ele possivelmente não pode me tornar maior, deve me tornar menor, eu suponho”.

Então ela engoliu um dos bolos, e ficou encantada em descobrir que começou a encolher imediatamente. Assim que ela ficou pequena o suficiente para passar pela porta, saiu correndo da casa, e achou uma boa multidão de pequenos animais e pássaros esperando do lado de fora. O pobre pequeno Lagarto, Bill, estava no meio, sendo mantido erguido por dois porquinhos-da-índia, que estavam lhe dando algo de uma garrafa. Todos precipitaram-se sobre Alice no momento que ela apareceu; mas ela fugiu tão rápido quanto podia, e logo achou-se a salvo em um bosque denso.

“A primeira coisa que tenho que fazer”, disse Alice para si mesma, enquanto vagava pelo bosque, “é crescer até o meu tamanho certo de novo; e a segunda coisa é achar o caminho para aquele jardim encantador. Eu acho que este será o melhor plano”.

Soava como um plano excelente, sem dúvidas, muito hábil e simplesmente arranjado; a única dificuldade era que ela não tinha a menor ideia de como começar com ele; e enquanto ela estava investigando ansiosamente por entre as árvores, um pequeno e agudo latido bem sobre a sua cabeça a fez olhar para cima com muita pressa.

Um cachorrinho enorme estava olhando para baixo na sua direção, com olhos grandes e redondos, e debilmente esticando uma pata, tentando tocá-la. “Pobre coisinha!” – disse Alice, em tom afagante, e ela tentou muito assobiar para ele; mas estava terrivelmente assustada todo o tempo com o pensamento de que ele pudesse estar com fome, situação na qual seria muito provável que ele a comesse apesar de todo o seu afago.

Mal sabendo o que fez, ela pegou um pedacinho de graveto, e o estendeu para o cachorrinho; e então o cachorrinho pulou no ar com todas as suas patas imediatamente, com um ganido de prazer, e lançou-se ao graveto, e fingiu atacá-

lo a dentadas; então Alice fugiu para trás de um grande arbusto, guardando-se de ser atropelada; e no momento em que ela apareceu do outro lado, o cachorrinho lançou-se novamente ao graveto, e andou aos tropeções na pressa de alcançá-lo; então Alice, pensando que era muito parecido com brincar com um cavalo, e esperando a todo momento ser esmagada sob as patas dele, correu em redor do arbusto de novo; então o cachorrinho começou uma sucessão de breves ataques ao graveto, correndo uma pequena distância para a frente a cada vez e uma longa distância para trás, e latindo rouco todo o tempo, até finalmente ele sentar bastante longe, ofegando, com sua língua pendurada da boca, e seus olhos grandes meio fechados.

"ela pegou um pedacinho de graveto
e o estendeu para o cachorrinho

Esta pareceu a Alice uma boa oportunidade para fugir; então ela partiu imediatamente, e correu até que estivesse completamente cansada e sem fôlego, e até que o latido do cachorrinho soasse bastante fraco ao longe.

“E, no entanto, que lindo cachorrinho era!” – disse Alice, enquanto apoiava-se em um botão-de-ouro para descansar, e abanava-se com uma das suas folhas: “Eu teria gostado muito de ensinar-lhe truques, se -- se ao menos eu tivesse o tamanho certo para fazê-lo! Meu Deus, eu quase esqueci que eu tenho que crescer de novo! Deixe-me ver -- como isto pode ser arranjado? Suponho que eu deveria comer ou beber alguma coisa ou outra; mas a grande questão é, o quê?”

A grande questão certamente era: “o quê?” Alice olhou em volta dela para as flores e folhas de relva, mas ela não viu nada que parecesse com a coisa certa a comer ou beber em tais circunstâncias. Havia um grande cogumelo crescendo perto dela, com quase a sua própria altura; e quando ela tinha olhado sob ele, e em ambos os lados dele, e atrás dele, ocorre-lhe que ela poderia muito bem se esticar e ver o que estava no alto dele.

Ela se esticou ao máximo, e espiou por sobre a borda do cogumelo, e seus olhos encontraram imediatamente os de uma grande lagarta, que estava sentada no alto com seus braços cruzados, tranquilamente fumando um longo narguilé [espécie de cachimbo de água], e não fazendo o menor caso dela ou de qualquer outra coisa.

5. Conselhos de uma Lagarta

A Lagarta e Alice olharam-se por algum tempo em silêncio: finalmente, a Lagarta tirou o narguilé da boca e dirigiu-se a ela com uma voz lânguida e sonolenta:

“Quem é você?” – disse a Lagarta.

"quem é você?

Este não era um início encorajador para uma conversa. Alice respondeu, meio timidamente: “Eu -- eu mal sei, senhor, no momento -- ao menos eu sei quem eu era quando eu levantei esta manhã, mas eu acho que devo ter sido mudada várias vezes desde então”.

“O que você quer dizer com isso?” – disse severamente a Lagarta – “Explique-se!”

“Receio que não posso me explicar, senhor”, disse Alice, “porque eu não sou eu mesma, você vê”.

“Eu não vejo”, disse a Lagarta.

“Temo não poder colocá-lo mais claramente”, respondeu Alice muito educadamente, “pois eu mesma não consigo entendê-lo para começar; e ter tantos tamanhos diferentes em um dia é muito desconcertante”.

“Não é”, disse a Lagarta.

“Bem, talvez você não ache isso ainda”, disse Alice, “mas quando você tiver que virar uma crisálida -- você irá algum dia, sabe -- e então depois disso uma borboleta, eu penso que você vai se sentir um pouco estranha, não vai?”

“Nem um pouco”, disse a Lagarta.

“Bem, talvez seus sentimentos sejam diferentes”, disse Alice; “tudo que sei é que seria muito estranho para mim”.

“Você!” – disse a Lagarta desdenhosamente – “Quem é você?”

O que as trouxe de volta ao início da conversa. Alice se sentiu um pouco irritada com a Lagarta fazendo tais comentários tão secos; então deteve-se e disse, muito seriamente: “Bem, eu acho que você deveria me dizer quem é você primeiro”.

“Por quê?” – disse a Lagarta.

Aqui estava outra questão intrigante; e como Alice não podia pensar em nenhuma boa resposta, e como a Lagarta pareceu estar em um estado de espírito muito desagradável, ela se virou para ir embora...

“Volte!” – a Lagarta a chamou – “Eu tenho algo importante para dizer!”

Isto pareceu promissor, com certeza: Alice virou-se e voltou.

“Mantenha a calma”, disse a Lagarta.

mantenha a calma

“Isto é tudo?” – disse Alice, engolindo sua raiva o melhor que podia.

“Não”, disse a Lagarta.

Alice achou que podia muito bem esperar, já que não tinha mais nada para fazer e, afinal de contas, talvez ela pudesse lhe contar algo que valesse a pena escutar. Por alguns minutos ela baforou sem falar, mas por fim ela descruzou os braços, tirou o narguilé da boca de novo e disse: “Então você acha que está mudada, não é?”

“Receio estar, senhor”, disse Alice; “Eu não consigo me lembrar das coisas como costumava -- e eu não mantenho o mesmo tamanho por dez minutos seguidos!”

“Não consegue se lembrar de que coisas?” – disse a Lagarta.

“Bem, eu tentei recitar How doth the little busy bee [Como é ocupada a pequena abelha; poema de Isaac Watts], mas tudo saiu diferente!” – Alice respondeu com um tom de voz muito melancólico.

“Recite aquele outro poema, sobre o velho Pai William”, disse a Lagarta.

Alice cruzou suas mãos e começou:

“Você está velho, Pai William”, disse o jovem,

“E seu cabelo se tornou muito branco;

e ainda que permaneça continuamente na sua cabeça –

você acha, na sua idade, correto plantar bananeira?”

"você acha, na sua idade, isto correto?

“Em minha juventude”, Pai William replicou para seu filho,

“eu temia que pudesse machucar meu cérebro;

mas, agora que eu tenho a certeza de que não tenho nenhum,

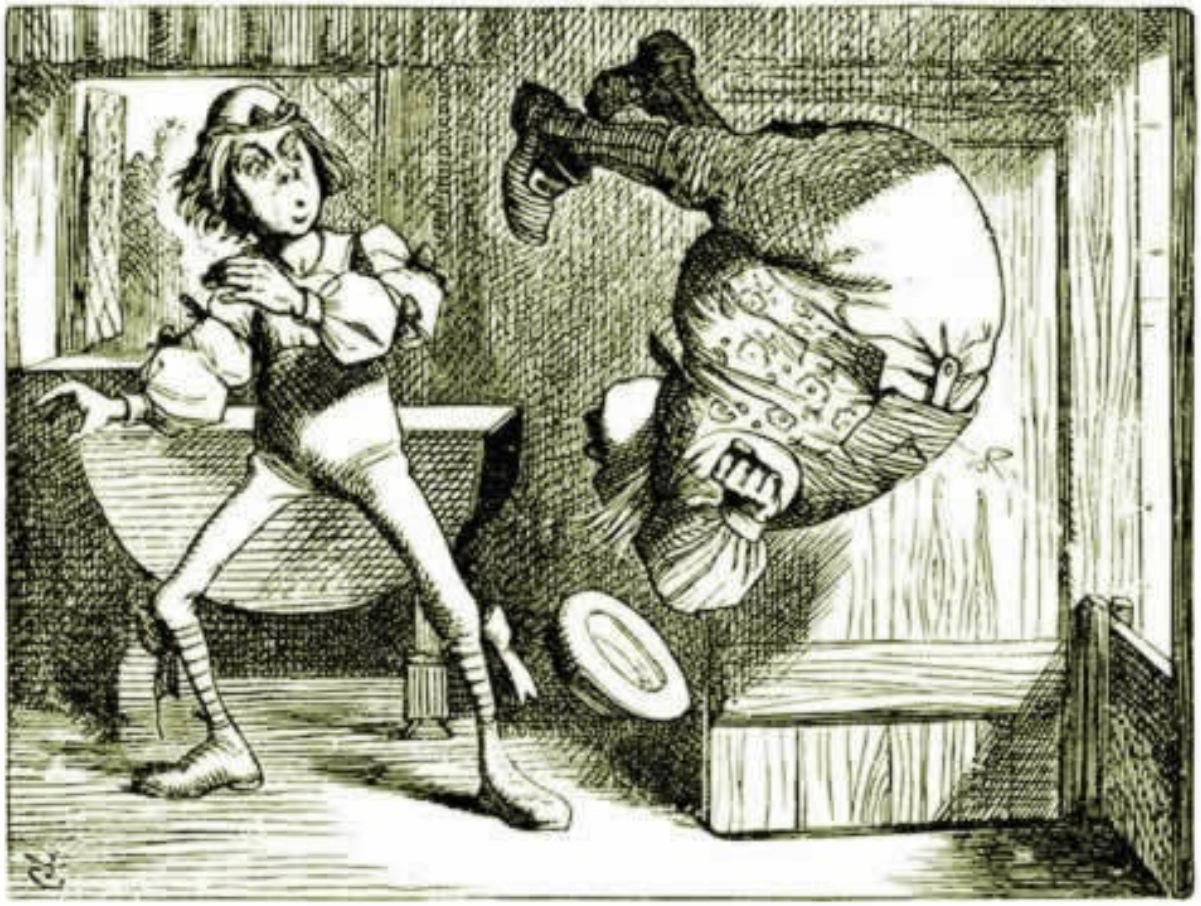
farei de novo e de novo.”

“Você está velho”, disse o jovem, “conforme mencionei antes,

e tem crescido mais incomumente gordo;

no entanto você girou um salto mortal para trás na porta –

ora, qual é a razão disto?”



“ ora, qual é a razão disto?

“Em minha juventude”, disse o sábio, conforme balançava seus tufos de cabelo cinzas,

“mantive todos os meus membros bem flexíveis

pelo uso desta pomada -- um xelim a caixa --

permita-me vender para você um par?”

“Você está velho”, disse o jovem, “e suas mandíbulas estão muito fracas

para qualquer coisa mais dura que uma gordurinha;

no entanto você terminou o ganso, com os ossos e o bico –

ora, como você consegue isto?”

“ ora, como você consegue?

“Em minha juventude”, disse o pai,

“tomei a legislação e argumentei cada caso com a minha esposa;

e a força muscular que isto deu as minhas mandíbulas

permaneceu pelo resto de minha vida.”

“Você está velho”, disse o jovem, “alguém dificilmente suporia

que seus olhos estariam tão firmes como nunca;

no entanto você equilibrou uma enguia na ponta do seu nariz –

o que te fez tão terrivelmente esperto?”

“o que te fez tão terrivelmente esperto?

“Respondi três questões, e isto é suficiente”, disse o pai;

“Não seja arrogante! Você acha

que posso ouvir o dia todo tais coisas?

Vá embora, ou vou chutá-lo escada abaixo!”

“Isso não está certo”, disse a Lagarta.

“Não completamente certo, eu receio”, disse Alice, timidamente; “algumas das palavras foram alteradas”.

“Está errado do começo ao fim”, disse a Lagarta decididamente, e houve silêncio por alguns minutos...

Então a Lagarta foi a primeira a falar:

“De que tamanho você quer ser?” – ela perguntou.

“Oh, eu não sou exigente quanto ao tamanho”, respondeu Alice apressadamente; “apenas não se gosta de mudar tão frequentemente, sabe”.

“Eu não sei”, disse a Lagarta.

Alice não disse nada; ela nunca tinha sido tão contradita na vida antes, e achou que estivesse perdendo a calma.

“Você está satisfeita agora?” – disse a Lagarta.

“Bem, eu gostaria de ser um pouco maior, senhor, se você não se importasse”, disse Alice; “sete centímetros é uma estatura tão infeliz de se ter”.

“É certamente uma estatura muito boa!” – disse a Lagarta zangadamente, empinando-se verticalmente enquanto falava (ela tinha exatamente sete centímetros de altura).

“Mas eu não estou acostumada com ela!”, alegou a pobre Alice em um tom de lástima. E ela pensou para consigo – “Eu queria que os animais não fossem ofendidos tão facilmente!”

“Você vai se acostumar com ela com o tempo”, disse a Lagarta; e colocou o narguilé na boca e começou a fumar de novo.

Desta vez Alice esperou pacientemente até ela escolher falar novamente. Em um ou dois minutos a Lagarta tirou o narguilé da boca e bocejou uma ou duas vezes e sacudiu-se. Então, ela desceu do cogumelo e andou para dentro da grama, apenas comentando enquanto ia: “Um lado vai fazer você crescer e o outro lado vai fazer você encolher”.

“Um lado de quê? O outro lado de quê?” – pensou Alice consigo mesma.

“Do cogumelo”, disse a Lagarta, como se ela tivesse perguntado em voz alta; e em seguida ela estava fora de vista.

Alice ficou olhando atenciosamente para o cogumelo por um minuto, tentando adivinhar quais eram os dois lados dele; e como ele era perfeitamente redondo, ela achou que esta era uma questão muito difícil. Contudo, finalmente ela esticou os braços dela em volta dele tão longe quanto eles iam e partiu um pedaço da borda com cada mão.

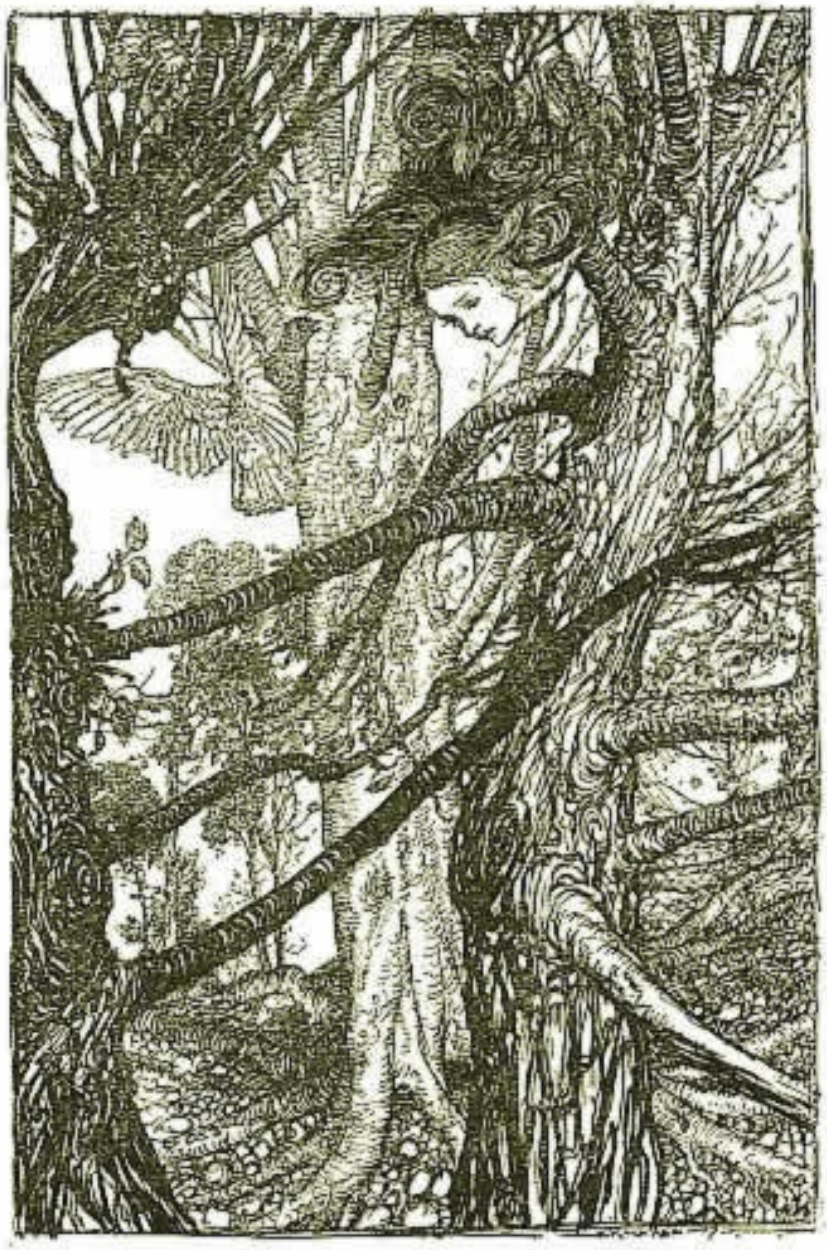
“E agora, qual é qual?” – ela disse a si mesma, e mordiscou um pouco do pedaço da mão direita para provar o efeito... Em seguida ela sentiu um sopro violento por baixo de seu queixo: ela tinha se achatado toda e batido com ele em seus próprios pés!

Ela ficou bastante assustada com essa mudança tão súbita, mas sentiu que não havia tempo a perder, já que ela estava encolhendo tão rapidamente: então ela decidiu imediatamente comer um pouco do outro pedaço. O queixo dela estava tão pressionado contra seus pés que mal havia espaço para abrir a boca, mas ela o fez finalmente e conseguiu engolir um bocado do pedaço da mão esquerda.

“Ora vamos, minha cabeça está livre finalmente!” – disse Alice em tom de alegria, o qual mudou para inquietação no momento seguinte, quando ela percebeu que seus ombros não podiam ser achados: tudo que podia ver, quando olhava para baixo, era uma imensa extensão de pescoço, que parecia erguer-se como uma vara para fora do mar de folhas verdes que se encontrava muito abaixo dela.

“O que será toda aquela coisa verde?” – disse Alice. “E aonde foram os meus

ombros? E oh, minhas pobres mãos, como é que eu não posso vê-las?” Ela as estava movendo por todo lado enquanto falava, mas nenhum resultado parecia se seguir, a não ser por uma pequena sacudida entre as folhas verdes distantes.



“aonde foram os meus ombros?

Como parecia não haver chance de levantar suas mãos até a cabeça, ela tentou abaixar a cabeça até elas, e ficou encantada ao descobrir que seu pescoço se dobraria facilmente em qualquer direção, como uma serpente. Ela acabara de conseguir curvá-lo em um elegante ziguezague, e ia mergulhá-lo entre as folhas (que ela achava não serem nada além do topo das árvores sob as quais ela havia vagado), quando um assovio agudo a fez retroceder apressadamente: uma grande pomba voou em seu rosto, e estava batendo nela violentamente com as asas.

“Serpente!” – gritou a Pomba.

“Eu não sou uma serpente!” – disse Alice indignada – “Me Deixe em paz!”

“Serpente, eu digo de novo!” – repetiu a Pomba, mas em tom mais desanimado, e acrescentou com um pequeno soluço: “Eu tentei de todas as formas, e nada parece convir a elas!”

“Eu não tenho a menor ideia do que você está falando”, disse Alice.

“Eu tentei as raízes das árvores, tentei as margens de rios, tentei nas cercas vivas”, a Pomba continuou, sem dar bola pra ela; “mas essas serpentes! Nada as contenta!”

Alice estava mais e mais intrigada, mas achou inútil dizer qualquer coisa mais até que a Pomba tivesse terminado.

“Como se não fosse problema o suficiente chocar os ovos”, disse a Pomba; “mas

eu tenho que tomar cuidado com serpentes noite e dia! Ora essa, eu não preguei os olhos estas três semanas!”

“Eu sinto muito que você tenha sido incomodada”, disse Alice, que estava começando a entender o que ela queria dizer.

“E logo quando peguei a árvore mais alta no bosque”, continuou a Pomba, elevando a voz a um grito estridente, “e logo quando eu estava pensando que ficaria livre delas finalmente, elas teimam em descer se retorcendo do céu! Ugh, Serpente!”

“Mas eu não sou uma serpente, eu lhe digo!” – disse Alice – “Eu sou uma, eu sou uma...”

“Bem! O que você é?” – disse a Pomba – “Vejo que você está tentando inventar algo!”

“Eu, eu sou uma garotinha”, disse Alice, de forma um tanto duvidosa, visto que ela lembrava o número de mudanças que atravessara naquele dia.

“Uma história muito provável de fato!” – disse a Pomba num tom de profundo desprezo. “Eu já vi muitas garotinhas no meu tempo, mas nunca uma com um pescoço tão longo como esse! Não, não! Você é uma serpente, e é inútil negá-lo. Suponho que em seguida você me contará que nunca provou um ovo!”

“Eu provei ovos, certamente”, disse Alice, que era uma criança muito sincera,

“mas garotinhas comem ovos quase tanto quanto serpentes, sabe”.

“Eu não acredito”, disse a Pomba, “mas se elas comem, bem, então elas são um tipo de serpente, é tudo que posso dizer”.

Esta era uma ideia tão nova para Alice que ela ficou totalmente silenciosa por um minuto ou dois, o que deu a Pomba a oportunidade de acrescentar: “Você está procurando por ovos, eu sei disso muito bem; e o que me importa se você é uma garotinha ou uma serpente?”

“Importa muito para mim”, disse Alice depressa, “mas eu não estou procurando por ovos, no momento; e se estivesse, eu não iria querer os seus: eu não gosto deles crus”.

“Bem, afaste-se, então!” – disse a Pomba em tom emburrado, enquanto se instalava de novo no seu ninho. Alice agachou-se entre as árvores o melhor que pôde, pois o pescoço dela continuou se enredando entre os galhos, e aqui e ali ela tinha de parar e desenredá-lo. Depois de um tempo ela se lembrou que ainda segurava os pedaços do cogumelo nas mãos, e então muito cuidadosamente, beliscando primeiro um e depois o outro, e às vezes crescendo e às vezes encolhendo, até que ela conseguiu reduzir-se à altura usual.

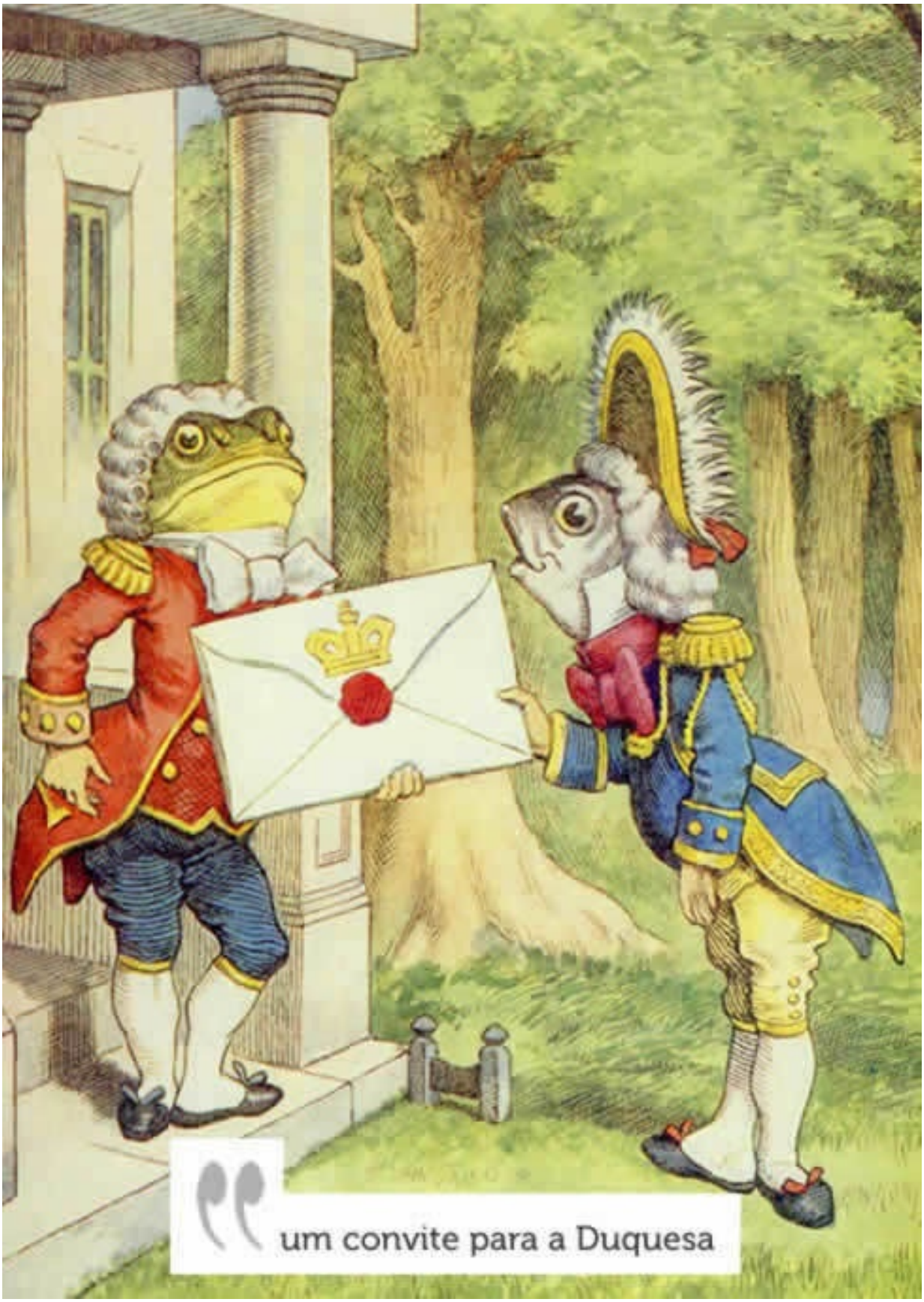
Fazia tanto tempo desde que ela tinha tido qualquer coisa perto do tamanho certo, que pareceu bastante estranho a princípio; mas ela se acostumou com ele em alguns minutos, e começou a falar consigo mesma, como sempre: “Ora vamos, eis metade do meu plano completo agora! Quão complicadas todas essas mudanças são! Eu nunca tenho certeza do que serei de um minuto para o outro! Contudo, voltei ao meu tamanho certo: a próxima coisa é entrar no belo jardim -- como fazer isso?”

Assim que disse isto, ela chegou inesperadamente a um lugar aberto, onde se via uma pequena casa com cerca de um metro e vinte centímetros de altura. “Quem quer que more aqui”, pensou Alice, “não seria apropriado aparecer para eles deste tamanho: bem, eu os assustaria até ficarem fora de si!” Então ela começou a beliscar o pedaço da mão direita de novo, e não se arriscou a se aproximar da casa até ter alcançado vinte e dois centímetros de altura.

6. Porco e Pimenta

Por um minuto ou dois ela ficou olhando a casa, e perguntando-se o que fazer em seguida, quando de repente um lacaio de uniforme saiu correndo do bosque -- (ela o considerou um lacaio porque ele estava usando um uniforme de empregado: senão, julgando apenas pelo rosto dele, ela o teria chamado de peixe) -- e bateu ruidosamente na porta com os nós de seus dedos. Ela foi aberta por outro lacaio de uniforme, com uma cara redonda, e grandes olhos como uma rã; e ambos os lacaios, Alice observou, tinham cabelos empoados que se ondulavam sobre toda a cabeça deles. Ela se sentiu muito curiosa para saber sobre o que era tudo aquilo, e rastejou uma pequena distância para fora do bosque para escutar.

O Lacaio-Peixe começou tirando debaixo do braço uma grande carta, quase tão grande quanto ele mesmo, e esta ele entregou ao outro, dizendo em tom solene: “Para a Duquesa. Um convite da Rainha para jogar croquet [jogo recreativo com bolas e tacos]”. O Lacaio-Rã repetiu, no mesmo tom solene, apenas mudando a ordem das palavras: “Da Rainha. Um convite para a Duquesa para jogar croquet”.



um convite para a Duquesa

Então ambos cumprimentaram-se curvando-se, e seus cachos enredaram-se.

Alice riu tanto disto, que ela teve que correr de volta para o bosque por medo de que eles a escutassem; e quando ela espreitou logo em seguida o Lacaio-Peixe desaparecera, e o outro estava sentado no chão perto da porta, fitando estupidamente o céu.

Alice foi timidamente até a porta, e bateu.

“É inútil bater”, disse o Lacaio; “e isso por duas razões: primeiro, porque eu estou do mesmo lado da porta que você; segundo, porque eles estão fazendo tanto barulho aí dentro, que virtualmente ninguém conseguiria ouvir você”. E certamente havia o mais extraordinário barulho lá dentro -- um constante lamentar-se e espirrar, e aqui e ali um grande espatifar-se, como se um prato ou chaleira tivesse sido feito em pedaços.

“Por favor, então”, disse Alice, “como eu posso entrar?”

“Haveria algum sentido em sua batida”, o Lacaio continuou sem prestar atenção a ela, “se nós tivéssemos a porta entre nós. Por exemplo, se você estivesse dentro, você bateria, e eu poderia deixá-la sair, sabe”. Ele estava olhando para o céu durante todo o tempo em que falava, e isto Alice achou decididamente grosseiro. “Mas talvez ele não possa evitar”, ela disse para si mesma, “os olhos dele estão quase tão completamente na parte superior de sua cabeça. Mas em todo caso ele podia responder a perguntas. “Como eu posso entrar?” –ela repetiu, em voz alta.

“Devo me sentar aqui”, o Lacaio observou, “até amanhã...”

Neste momento a porta da casa se abriu, e um grande prato saiu deslizando, diretamente na cabeça do Lacaio: apenas roçando seu nariz, e quebrou-se em pedaços contra uma das árvores atrás dele.

“...ou depois de amanhã, talvez”, o Lacaio continuou no mesmo tom, exatamente como se nada tivesse acontecido.

“Como posso entrar?” – perguntou Alice de novo, em tom mais alto.

“Será que é para você entrar?” – disse o Lacaio – “Essa é a primeira pergunta, sabe”.

E era, sem dúvidas: só que Alice não gostava que isto lhe fosse dito. “É realmente terrível”, murmurou para si mesma, “a maneira como todas essas criaturas discutem. É o bastante para deixar alguém louco!”

O Lacaio pareceu achar ser esta uma boa oportunidade para repetir a sua observação, com algumas variações: “Eu devo sentar aqui”, ele disse, “aqui fora, por dias e dias”.

“Mas o que eu devo fazer?” – disse Alice.

“O que você quiser”, disse o Lacaio, e começou a assobiar.

“Oh, é inútil falar com ele”, disse Alice desesperadamente; “ele é completamente idiota!” E assim ela simplesmente abriu a porta e entrou.

A porta levava direto a uma grande cozinha, que estava cheia de fumaça de um lado a outro: a Duquesa estava sentada em um banquinho de três pernas no meio, embalando um bebê; a cozinheira estava inclinando-se sobre o fogo, mexendo um grande caldeirão que parecia estar cheio de sopa.

“a porta levava direto a uma grande cozinha

“Há certamente muita pimenta naquela sopa!” – Alice disse para si mesma, enquanto fazia o que podia para não espirrar.

Havia certamente muito dela no ar. Mesmo a Duquesa espirrava ocasionalmente; e quanto ao bebê, ele estava espirrando e chorando alternadamente sem um momento para pausa. As únicas coisas na cozinha que não espirravam eram a cozinheira e um grande gato que estava sentado no meio e sorrindo largamente de orelha a orelha.

“Por favor, você poderia me dizer”, disse Alice, um pouco timidamente, pois ela não estava bem certa se era de bom tom falar primeiro, “por que o seu gato sorri assim?”

“É um gato de Cheshire”, disse a Duquesa, “e é por isso. Porco!”

Ela disse a última palavra com uma violência tão súbita que Alice sobressaltou-se um pouco; mas ela viu em seguida que fora dirigida ao bebê e não a ela, então reuniu coragem, e continuou de novo:

“Eu não sabia que gatos de Cheshire sempre sorriam; na verdade, eu não sabia que gatos podiam sorrir”.

“Todos eles podem”, disse a Duquesa; “e a maioria o faz”.

“Eu não sei de nenhum que o faça”, Alice disse muito polidamente, se sentindo muito alegre por se envolver em uma conversação.

“Você não sabe muito”, disse a Duquesa; “e isso é um fato”.

Alice não gostou nem um pouco do tom desta observação, e pensou que seria bom introduzir algum outro assunto na conversação. Enquanto ela estava tentando estabelecer um, a cozinheira tirou o caldeirão de sopa do fogo, e imediatamente começou a trabalhar jogando tudo dentro de seu alcance na Duquesa e no bebê -- o atiçador veio primeiro; depois seguiu-se uma chuvarada de panelas, talheres e pratos. A Duquesa não deu atenção aos mesmos, mesmo quando eles bateram nela; e o bebê já estava chorando tanto que era bastante impossível dizer se as pancadas o machucavam ou não.

“Oh, por favor, tenha cuidado com o que está fazendo!” – gritava Alice, pulando para cima e para baixo em uma agonia de terror. “Oh, lá se vai o precioso nariz dele”; enquanto uma caçarola extraordinariamente grande voou perto do bebê, e quase o carregou.

"oh, por favor, tenha cuidado com o que está fazendo!

“Se todos cuidassem da sua própria vida”, disse a Duquesa em um resmungo rouco, “o mundo giraria um tanto mais rápido”.

“O que não seria uma vantagem”, disse Alice, que se sentiu muito feliz por ter uma oportunidade de exibir um pouco de seu conhecimento: “Pense só no efeito que causaria no dia e na noite! Sabe, a Terra leva vinte e quatro horas para girar no seu eixo...”

“Por falar em machados”, disse a Duquesa, “cortem-lhe a cabeça!” [Nota do Editor: aqui há mais um trocadilho intraduzível entre axis (eixo, em inglês) e axes (machados, em inglês); desta vez foi a Duquesa quem se confundiu]

Alice olhou bastante ansiosamente de relance para a cozinheira, para ver se ela pretendia aceitar a sugestão; mas a cozinheira estava ocupadamente mexendo a sopa, e não pareceu estar escutando, então ela continuou de novo: “Vinte e quatro horas, eu acho; ou são doze? Eu…”

'”Oh, não me incomode”, disse a Duquesa; “Eu nunca pude suportar imagens!” – e com isso ela começou a ninar sua criança de novo, cantando uma espécie de canção de ninar enquanto o fazia, e dando-lhe um chacoalhão violento ao fim de cada linha:

“Fale rudemente com nosso pequeno menino,

e bata nele quando ele espirrar:

ele apenas faz para irritar,

porque ele sabe que provoca.”

REFRÃO

(Ao qual a cozinheira e o bebê se juntaram): “Wow! wow! wow!”

Enquanto a Duquesa cantava a segunda estrofe da canção, ela continuou sacudindo violentamente o bebê para cima e para baixo, e a pobre criatura chorava tanto que Alice dificilmente pôde ouvir as palavras:

“Eu falo severamente com o meu menino,

bato-lhe quando ele espirra;

para ele realmente apreciar

a pimenta sempre que quiser!”

REFRÃO

“Wow! wow! wow!”

“Tome! Você pode niná-lo um pouco, se quiser!” – disse a Duquesa para Alice, arremessando o bebê para ela enquanto falava. “Tenho que ir e me preparar para jogar croquet com a Rainha” – e ela saiu às pressas da sala. A cozinheira jogou uma frigideira nela enquanto ela saia, mas esta não a acertou.

Alice apanhou o bebê com alguma dificuldade, assim como se fosse uma estranha criatura, com braços e pernas em todas as direções –“como se fosse uma estrela do mar”, pensou Alice. A pequena criança respirava como se fosse uma máquina a vapor; quando ela o agarrou, ainda se debatia tanto que pelos

primeiros minutos tudo o que ela pôde fazer foi segurá-lo nos braços com toda força.

Assim que ela achou a maneira correta de cuidar dele (que era enrolá-lo em um tipo de nó e depois manter firme e preso em sua orelha direita e pé esquerdo, assim prevenindo de se soltar sozinho), ela o carregou para fora. “Se eu não levar esta criança comigo”, Alice pensou, “eles com certeza irão matá-la em um ou dois dias: não seria assassinato deixá-la para trás?” Ela disse as duas últimas palavras alto, e então o pequenino grunhiu em resposta (tinha deixado de espirrar neste momento). “Não grunha”, disse Alice, “este não é o modo correto de se expressar”.

O bebê grunhiu novamente, e Alice olhou muito ansiosamente na direção de seu rosto para ver qual era o problema: não havia dúvida de que tinha um nariz bastante dobrado, parecendo mais um focinho do que um nariz real; também os olhos dele eram extremamente pequenos para um bebê; em geral Alice não gostava da aparência da coisa toda. “Mas talvez ele estava apenas soluçando”, ela pensou; e olhou dentro dos seus olhos novamente, para ver se havia alguma lágrima.

Não, não havia lágrimas. “Se você vai se transformar em um porco, meu querido”, disse Alice, seriamente, “eu não terei nada mais a fazer por você. Imagina!” A pobre coisinha soluçou novamente (ou grunhiu, era impossível de dizer o que), e eles continuaram por algum tempo em silêncio.

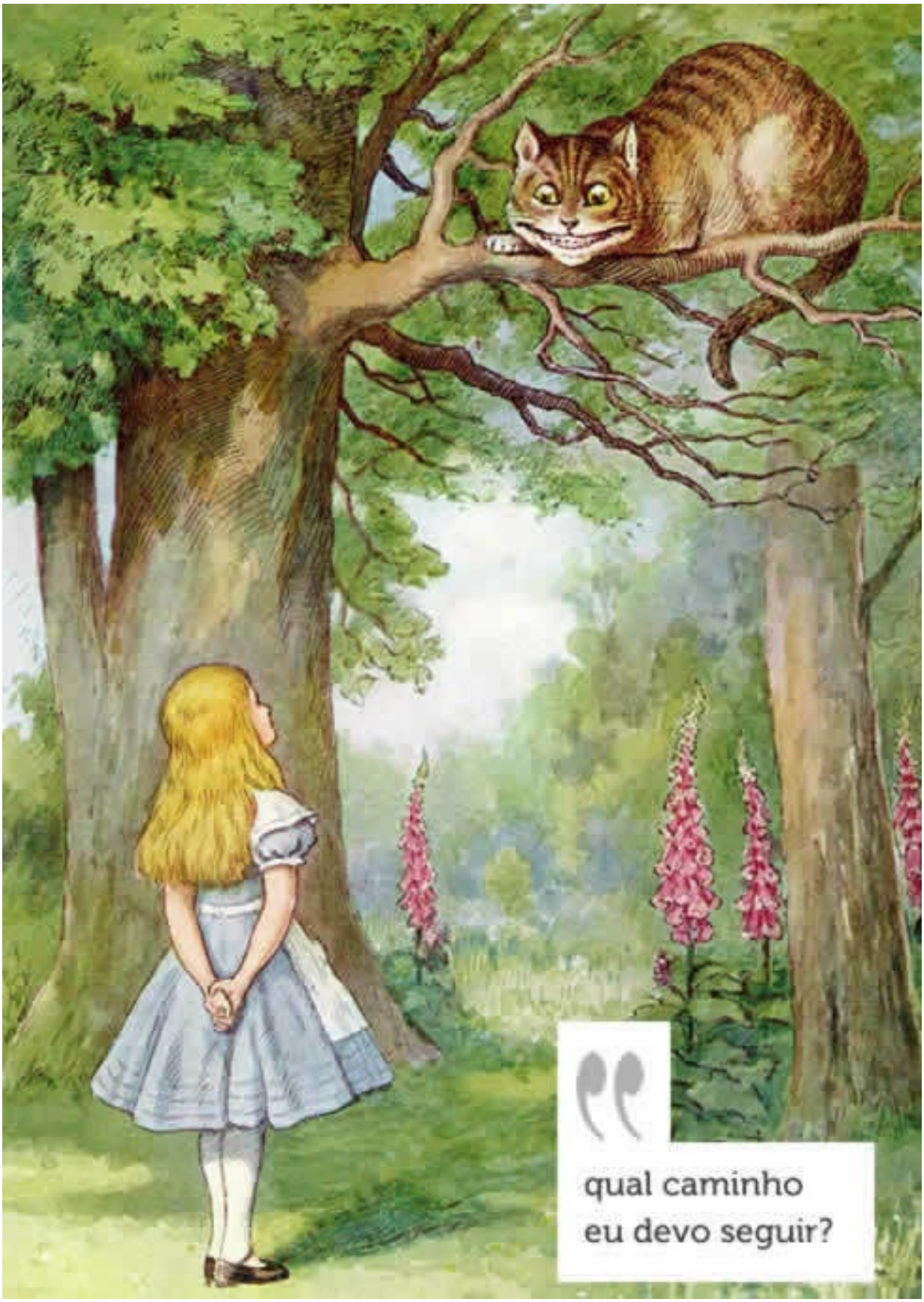
Alice estava começando a pensar consigo mesma: “Agora, o que eu vou fazer com esta criatura quando chegar em casa?” – quando grunhiu novamente, tão violentamente, que ela olhou para baixo com o rosto alarmado. Era o momento de não haver enganos sobre isto: não era nem mais nem menos que um porco, e ela percebeu que seria bem absurdo para ela carregá-lo consigo.

o que eu vou fazer
com esta criatura?

Então ela colocou a pequena criatura no chão, e se sentiu bem aliviada de vê-la trotando embora calmamente pela floresta. “Se tivesse crescido”, disse a si mesma, “teria sido uma criança terrivelmente feia: mas agora faz um belo porco, eu acho”. E ela começou a pensar em outras crianças que conhecia, as quais poderiam ser muito bem como porcos, e estava justamente dizendo a si mesma, “se alguém apenas soubesse o jeito certo de mudá-las...” – quando ela ficou um pouco assustada ao perceber o gato de Cheshire sentado num galho de uma árvore um pouco adiante.

O Gato apenas sorriu largamente quando viu Alice. “Ele parecia de bom caráter”, ela pensou, “ainda que ele tivesse garras muito longas e um monte de dentes” – então ela sentiu que ele deveria ser tratado com respeito.

“Gatinho de Cheshire”, ela começou, um tanto timidamente, já que ela não sabia de todo se ele gostaria do nome; contudo, ele apenas sorriu um pouco mais largamente. “Bem, ele está satisfeito até agora”, pensou Alice, e continuou: “Você poderia me dizer, por favor, qual caminho eu devo seguir a partir daqui?”


qual caminho
eu devo seguir?

“Isso depende muito de para onde você quer ir”, disse o Gato.

“Eu não me importo muito para onde...” – disse Alice.

“Então não importa qual caminho você segue”, disse o Gato.

“...desde que eu chegue a algum lugar”, Alice acrescentou como explicação.

“Oh, você vai certamente fazê-lo”, disse o Gato, “contanto que você caminhe o suficiente”.

Alice achou que isso não pudesse ser negado, então ela tentou outra pergunta: “Que tipo de gente vive por aqui?”

“Naquela direção”, o Gato disse, acenando com a pata direita em círculo, “vive um Chapeleiro; e naquela direção”, acenando com a outra pata, “vive uma Lebre de Março. Visite quem você preferir: ambos são loucos”.

“Mas eu não quero estar entre gente louca”, Alice advertiu.

“Oh, isso você não pode evitar”, disse o Gato, “todos somos loucos aqui. Eu sou louco. Você é louca”.

“Como você sabe que eu sou louca?” – disse Alice.

“Você deve ser”, disse o Gato, “ou você não estaria aqui”.

Alice não achou que isto provasse nada afinal; contudo, ela continuou: “E como você sabe que você é louco?”

“Para começar”, disse o Gato, “um cachorro não é louco. Você concorda?”

“Suponho que sim”, disse Alice.

“Então, bem”, o Gato continuou, “você vê, um cão rosna quando está bravo e balança o rabo quando está contente. Bem, eu rosno quando estou feliz e balanço meu rabo quando estou bravo. Portanto, eu sou louco”.

“Eu chamaria isso de ronronar, não rosnar”, disse Alice.

“Chame do que você quiser”, disse o Gato. “Você vai jogar croquet com a Rainha hoje?”

“Eu gostaria muito”, respondeu Alice, “mas ainda não fui convidada”.

“Você me verá por lá”, disse o Gato, e desapareceu.

Alice não ficou muito surpresa com isto, ela já estava se acostumando com coisas estranhas acontecendo. Enquanto ela ainda estava olhando para o lugar onde ele estava, subitamente apareceu novamente.

“A propósito, no que se tornou o bebê?” – disse o Gato – “Eu quase esqueci de perguntar”.

“Transformou-se num porco”, disse Alice calmamente, da mesma forma que diria acaso ele tivesse se transformado numa forma mais humana.

“Eu pensei que seria”, disse o Gato, e desapareceu novamente.

Alice esperou um pouco, meio que esperando vê-lo novamente, mas ele não apareceu, e depois de um minuto ou dois ela começou a caminhar na direção de onde foi dito que a Lebre de Março morava. “Eu já vi Chapeleiros antes”, disse ela para si mesma; “a Lebre de Março será bem mais interessante – e talvez, como já é Maio, ela não estará delirante — pelo menos não tão loucamente como ela deve ficar em Março”. Ao dizer estas palavras ela olhou para cima e lá estava o Gato novamente, sentado no galho de uma árvore.

“Você falou porco ou figo?” – disse o Gato. [Nota do Editor: mais uma confusão entre pig (porco, em inglês) e fig (figo, em inglês)]

“Eu disse porco”, retrucou Alice; “e eu gostaria que você parasse de aparecer e desaparecer repentinamente: você deixa a gente tonta!”

“Tudo bem”, disse o Gato; e desta vez ele desapareceu bem lentamente, começando pelo final da cauda, e terminando com o sorriso, o qual permaneceu no ar algum tempo após o resto ter sumido.

"desta vez ele desapareceu bem lentamente...

“Bem! Tenho às vezes visto um gato sem um sorriso”, pensou Alice, “mas um sorriso sem um gato! Esta é a coisa mais curiosa que eu vi em toda a minha vida!”

Ela não tinha ido muito longe antes de avistar o que imaginou ser a casa da Lebre de Março: ela achou que deveria ser a casa certa porque as chaminés eram feitas com a forma de orelhas e o teto era coberto com peles. A casa era tão grande que Alice não queria se aproximar até mordiscar um pedaço de cogumelo da mão esquerda, e crescer para mais ou menos 70 centímetros: mesmo depois disso ela caminhou em sua direção timidamente, dizendo para si mesma: “Suponhamos que ela esteja delirante afinal! Eu quase gostaria que tivesse ido ver o Chapeleiro!”

7. Uma Louca Festa do Chá

Havia uma mesa posta para fora debaixo de uma árvore na frente da casa, e a Lebre de Março e o Chapeleiro estavam tomando chá: um Arganaz [espécie de roedor aparentado com o esquilo] estava sentado entre eles, dormindo, e os outros dois estavam a usá-lo como almofada, descansando os cotovelos sobre ele, e falando sobre sua cabeça. “Muito desconfortável para o Arganaz”, pensou Alice, “mas como ele está dormindo, eu suponho que não se importa”.

A mesa era grande, mas os três estavam amontoados num canto dela: “Não há espaço! Não há espaço!” – eles gritaram quando viram Alice chegando. “Há um bastante espaço!” – disse Alice indignada, e sentou-se em uma grande poltrona numa das extremidades da mesa.

Alice olhou em volta da mesa, mas não havia nada sobre ela, apenas chá. “Eu não vejo nenhum vinho”, ela avisou.

“Não há nenhum”, disse a Lebre de Março.

“Então não foi muito educado vocês oferecerem”, disse Alice com raiva.

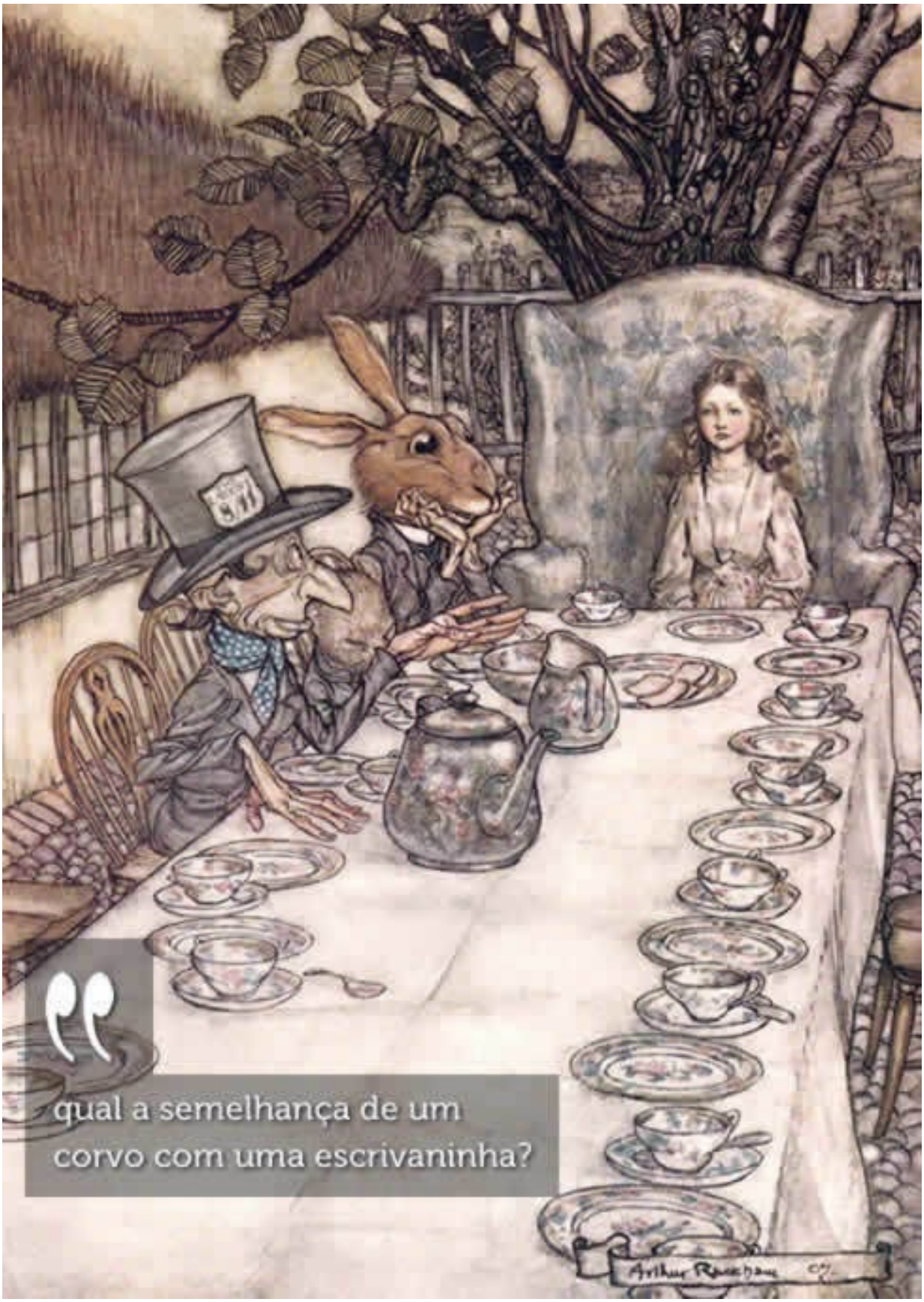
“E não foi muito educado sentar sem ser convidada”, disse a Lebre de Março.

“Eu não sabia que era sua mesa”, disse Alice; “ademais ela é tão grande que há bem mais do que três lugares”.

“Seu cabelo precisa ser cortado”, disse o Chapeleiro. Ele estava olhando para Alice por algum tempo com grande curiosidade, e esta foi a sua primeira manifestação.

“Você deve aprender a não fazer comentários pessoais”, Alice disse com alguma seriedade, “é muito rude”.

Os olhos do chapeleiro abriram-se amplamente ao ouvir isto, mas tudo o que ele disse foi: “Qual a semelhança de um corvo com uma escrivaninha?”



"qual a semelhança de um corvo com uma escrivaninha?

“Legal, devemos ter algum divertimento agora!” – pensou Alice. “Ainda bem que começaram a dizer charadas – acho que consigo adivinhar essa”, acrescentou ela em voz alta.

“Você quer dizer que consegue descobrir a resposta?” – disse a Lebre de Março.

“Exatamente”, disse Alice.

“Então devias dizer o que queres dizer”, continuou a Lebre de Março.

“Eu digo”, respondeu Alice apressadamente; “bem, pelo menos – pelo menos eu quero dizer aquilo que digo – é a mesma coisa, sabe”.

“Não é nem parecido!” – disse o Chapeleiro. “Seria o mesmo que dizer que ‘eu vejo o que como’ é o mesmo que ‘eu como o que vejo’!”

“E o mesmo que dizer”, acrescentou a Lebre de Março, “que ‘gosto do que compro’ é o mesmo que ‘compro o que gosto’!”

“E o mesmo que dizer”, acrescentou o Arganaz, que parecia falar enquanto dormia, “que ‘eu respiro quando durmo’ é o mesmo que ‘eu durmo quando respiro’!”

“Para ti é a mesma coisa”, disse a Lebre; e com isto a conversa morreu e o grupo

silenciou-se por um minuto enquanto Alice pensava em tudo aquilo de que conseguia lembrar-se sobre corvos e escrivaninhas, o que não era muito...

O Chapeleiro foi o primeiro a quebrar o silêncio: “Em que dia do mês estamos?” – perguntou ele, virando-se para Alice; tinha tirado o relógio do bolso e olhava nervosamente para ele, abanando-o de vez em quando e encostando-o ao ouvido.

o Chapeleiro foi o primeiro
a quebrar o silêncio

Alice pensou por uns momentos e respondeu: “O quarto”. “Dois dias errado!” – queixou-se o Chapeleiro. “Eu te disse que a manteiga não ia funcionar!” – acrescentou, olhando furiosamente para a Lebre de Março.

“Era a melhor manteiga que tínhamos”, respondeu a Lebre de Março humildemente.

“Sim, mas devia ter algumas migalhas”, resmungou o Chapeleiro, “não devias tê-la posto com a faca do pão”.

A Lebre de Março pegou no relógio e olhou-o de forma triste; depois molhou-o no seu copo de chá e voltou a olhar para ele, mas não lhe ocorreu nada melhor que repetir a sua primeira afirmação: “Era mesmo a melhor manteiga que tínhamos”.

Alice estava observando por cima do seu ombro com curiosidade. “Que relógio estranho!” – notou ela – “Diz o dia do mês, mas não diz as horas!”

“Por que teria que dizer as horas?” – resmungou o Chapeleiro. “O teu relógio diz o ano?”

“Claro que não”, Alice respondeu prontamente; “mas isso é porque o ano permanece o mesmo durante muito tempo”.

“Que é exatamente o que se passa com o meu”, disse o Chapeleiro.

Alice sentiu-se terrivelmente confusa. O comentário do Chapeleiro parecia não ter qualquer sentido, mas ele falara certamente em Inglês. “Não entendi muito bem”, disse ela, tão educadamente como lhe foi possível.

“O Arganaz adormeceu outra vez”, disse o Chapeleiro, e despejou um pouco de chá quente no nariz dele.

O Arganaz abanou a sua cabeça impacientemente, e disse, sem abrir os olhos: “Claro, claro; ia mesmo dizer isso”.

“Já descobriste a resposta à charada?” – disse o Chapeleiro, virando-se uma vez mais para Alice.

“Não, desisto”, respondeu Alice; “qual é a resposta?”

“Não faço a mínima ideia”, disse o Chapeleiro.

“Eu também não”, acrescentou a Lebre de Março.

Alice suspirou profundamente. “Não conseguem arranjar alguma coisa melhor para fazer”, disse ela, “do que perder tempo a perguntar charadas que não têm solução”.

“Se conhecesses o Tempo como eu o conheço”, disse o Chapeleiro, “não falavas em o desperdiçar. Ele é importante”.

“Não entendo o que quer dizer”, disse a Alice.

“Evidente que não!” – disse o Chapeleiro com ar de desdém – “E também aposto que nunca falaste com o Tempo!”

“Talvez não”, respondeu Alice com cautela, “mas sei que tenho que bater os tempos quando estou a estudar uma música”.

“Assim está tudo explicado!” – disse o Chapeleiro – “Ele não tolera que o batam. Mas se o tratares com boa educação, fará o que quiseres do relógio. Por exemplo, imagina que são nove horas da manhã, hora de entrar na aula: bastaria sussurrar um pedido ao Tempo e o relógio avançaria num instante! Uma e meia, hora de almoçar!”

(“Quem me dera que fosse assim”, suspirou a Lebre de Março.)

“Isso seria excelente, com certeza”, disse Alice com ponderação; “mas então, eu não teria fome, sabe?”

“A princípio, talvez não”, disse o Chapeleiro, “mas podias ficar na uma e meia por tanto tempo quanto quisesses”.

“É assim que você faz?” – perguntou Alice.

O Chapeleiro abanou a cabeça com tristeza. “Não!” – respondeu – “Tivemos uma discussão Março passado -- justamente antes dele enlouquecer” – (apontou a colher de chá para a Lebre de Março) –“Foi no grande concerto organizado pela Rainha de Copas, e eu tinha de cantar:

Brilha, brilha, morceguinho!

Como acho que você está!

Você conhece a música, quem sabe?”

"você conhece a música, quem sabe?

“Já ouvi alguma parecida com essa”, disse Alice.

“Ela continua, sabe”, disse o Chapeleiro, “assim:

Acima do mundo você voa,

como uma bandeja de chá no céu.

Brilha, brilha…”

Aqui o Arganaz estremeceu e começou a cantar enquanto dormia: “Brilha, brilha, brilha, brilha...”. Continuou por tanto tempo que tiveram de lhe dar um beliscão para o calar.

“Bem, mal tinha acabado o primeiro verso”, disse o Chapeleiro, “quando a Rainha deu um pulo e gritou: ‘Ele está a matar o tempo! Cortem-lhe a cabeça!’”

“Que barbaridade!” – exclamou Alice.

“E, desde então”, continuou o Chapeleiro com um tom de voz choroso, “não faz nada do que eu lhe peço! O tempo parou nas seis horas”.

Alice teve uma ideia brilhante: “É por isso que tem tanta louça em cima da mesa?” – perguntou.

“Sim, é isso”, disse o Chapeleiro desconsolado; “é sempre hora do chá, e portanto nunca temos tempo para lavar as coisas”.

“Então continuam a rodar?” – disse Alice.

“Exatamente”, disse o Chapeleiro, “a medida que as coisas vão ficando sujas, vamos mudando de posição”.

“Mas o que acontece quando dão a volta toda e voltam ao princípio?” – Alice se atreveu a perguntar.

“Suponho que mudamos de assunto”, interrompeu a Lebre de Março, bocejando: “Estou a ficar cansada disto. Proponho que a senhorita nos conte uma história”.

“Receio não conhecer nenhuma”, disse Alice, bastante alarmada com a proposta.

“Então que seja o Arganaz a contar!” – gritaram os outros dois. “Acorda, Arganaz!” – e beliscaram-no nos dois lados ao mesmo tempo.

O Arganaz abriu lentamente os olhos: “Não estava a dormir”, disse ele com uma voz cansada e frágil; “ouvi tudo aquilo que vocês disseram”.

“Conte-nos uma história!” – disse a Lebre de Março.

“Sim, por favor!” – pediu Alice.

“E depressinha”, acrescentou o Chapeleiro, “ou voltas a adormecer antes de acabar”.

“Era uma vez três pequenas irmãs”, começou apressadamente o Arganaz, “cujos os nomes eram Elsie, Lacie e Tillie; e viviam no fundo de um poço...”

“Como é que elas viviam?” – disse Alice, que sempre se interessara por questões de comida e bebida.

“Elas viviam num caldo de xarope”, disse o Arganaz, após pensar um minuto ou dois.

“Não poderiam fazer isso, sabe”, disse Alice gentilmente, “elas teriam ficado doentes”.

“E ficaram”, disse o Arganaz, “muito doentes”.

Alice tentou imaginar como seria viver de forma tão extraordinária, mas isso era muito difícil, pelo que perguntou: “Mas como é que elas viviam no fundo de um poço?”

“Tome mais chá”, disse a Lebre de Março, muito séria.

“Ainda não tomei nenhum”, respondeu Alice em tom ofendido, “portanto não posso tomar mais”.

“Quer dizer que não pode tomar menos”, disse o Chapeleiro; “é muito fácil tomar mais do que nenhum”.

“Ninguém pediu a sua opinião”, disse Alice.

“E quem é que está a fazer comentários pessoais agora?” – disse o Chapeleiro, triunfante.

Alice não sabia bem o que dizer, portanto serviu-se de algum chá e pão com manteiga, e depois virou-se para o Arganaz e repetiu a pergunta: “Como é que elas viviam no fundo do poço?”

O Arganaz levou um minuto ou dois pensando, e então disse: “Era um poço de xarope”.

“Isso não existe!” – disse Alice muito chateada, mas o Chapeleiro e a Lebre fizeram, “Chiu! Chiu!”, e o Arganaz disse azedamente: “Se não consegue se comportar educadamente, talvez seja melhor que eu encerre a história”.

“Não, por favor, continua!” – disse Alice humildemente – “Prometo não te interromper outra vez. Tenho a certeza que existe pelo menos um poço de xarope”.

“Um, de fato!” – disse o Arganaz indignado. Contudo, concordou em continuar: “E assim, as três irmãs, que estavam a aprender a desenhar...”

“O que é que elas desenhavam?” – perguntou Alice, esquecendo-se da sua promessa.

“Xarope”, disse o Arganaz, desta vez sem parar para pensar.

“Quero uma xícara limpa”, interrompeu o Chapeleiro, “vamos mudar de lugar”.

Enquanto falava já estava a se mudar, e o Arganaz o seguiu; a Lebre de Março mudou para o lugar do Arganaz, e Alice, contra a vontade, tomou o lugar da Lebre de Março. O Chapeleiro tinha sido o único a se beneficiar com toda a mudança, e Alice tinha ficado bastante desfavorecida, porque a Lebre tinha precisamente acabado de entornar a jarra do leite no seu prato.

Alice não queria ofender o Arganaz outra vez, por isso perguntou com muito cuidado: “Não entendo. De onde é que eles desenhavam o xarope?”

“Se pode desenhar a água de um poço de água”, disse o Chapeleiro, “também pode desenhar o xarope de um poço de xarope, estúpida!”

“Mas elas estavam dentro do poço”, disse Alice ao Arganaz, preferindo ignorar este último comentário.

“Claro que estavam dentro”, disse o Arganaz. Esta resposta confundiu tanto a pobre Alice que ela deixou o Arganaz continuar sem interrupções por algum tempo.

“Elas estavam aprendendo a desenhar”, continuou o Arganaz, bocejando e esfregando os olhos, pois estava ficando muito sonolento; “e desenhavam todo o tipo de coisa. Desenhavam tudo o que começa com um M..."

“Por que com um M?” – perguntou Alice

“E por que não?” – respondeu a Lebre de Março.

Alice ficou em silêncio.

O Arganaz tinha fechado os olhos e se preparava para adormecer; mas, beliscado pelo Chapeleiro, acordou com um pequeno grito e continuou: “...que começavam com um M, tal como madeira, molho, memória, muiticidade – sabe, quando se diz que as coisas são muito de uma muiticidade -- alguma vez viste um desenho de uma muiticidade?”

“Sério, agora que me pergunta”, disse Alice, muito confusa, “acho que nunca...”

“Então não devia falar”, disse o Chapeleiro.

Esta grosseria foi demais para Alice: levantou-se com desprezo e pôs-se a andar; o Arganaz adormeceu instantaneamente, e nenhum dos outros pareceu notar a sua partida, apesar de ela ter olhado para trás uma ou duas vezes, ainda esperançosa de que eles a chamassem de volta. Na última vez que olhou, estavam a tentar enfiar o Arganaz no bule do chá.

"estavam a tentar enfiar
o Arganaz no bule do chá

“De qualquer forma, nunca vou voltar ali!” – disse Alice enquanto escolhia o seu caminho pela floresta – “É a festa de chá mais estúpida em que já estive em toda a minha vida!”

Mal tinha acabado de dizer isto, reparou que uma das árvores tinha uma porta. “Isto é muito curioso!” – pensou ela – “Mas tudo tem sido curioso hoje. Acho que mais vale entrar de uma vez”. E entrou.

Achou-se uma vez mais no corredor comprido, e perto da pequena mesa de vidro. “Acho que agora já vou saber lidar melhor com isto”, disse para si mesma, e começou por apanhar a pequena chave dourada e abrir a porta que dava para o jardim. Depois começou a comer o cogumelo (tinha ficado com um pedaço no bolso) até medir cerca de trinta centímetros. Depois passou através da pequena porta, e do outro lado se viu num bonito jardim, entre canteiros de flores luminosas e fontes frescas.

8. O Campo de Croquet da Rainha

Uma roseira grande erguia-se perto da entrada para o jardim. As rosas que dela nasciam eram brancas, mas três jardineiros atarefavam-se a pintá-las de vermelho. Alice pensou que isto era muito curioso, e aproximou-se para observá-los; e justamente quando ela chegou perto deles, ouviu um a dizer: “Presta atenção, Cinco! Não salpiques tinta para cima de mim!”

"não salpiques tinta para cima de mim!

“Não posso evitar”, disse o Cinco, em um tom amuado, “Sete empurrou meu cotovelo”.

Nisso o Sete olhou para cima e disse: “Isso mesmo, Cinco! Sempre a colocar a culpa nos outros!”

“É melhor não falar!” – disse o Cinco – “Eu ouvi a Rainha dizer que ontem você merecia ser decapitado!”

“Para que?” – disse aquele que falou primeiro.

“Isso não é da sua conta, Dois!” – disse o Sete.

“Sim, isso é da conta dele!” – disse o Cinco – “e eu vou dizer-lhe, foi por trazer as raízes de tulipa do cozinheiro em vez das cebolas”.

O sete arremessou seu pincel, e tinha apenas começado a dizer – “Bem, de todas as coisas injustas...” – quando o seu olhar caiu por acaso na Alice, enquanto ela os observava, e ele calou-se subitamente; os outros olharam em volta também, e todos se curvaram.

“Vocês me diriam”, disse Alice, um pouco timidamente, “por que estão a pintar essas rosas?”

O Sete e o Cinto nada disseram, mas olharam para o Dois. O Dois começou a dizer em voz baixa: “Bem o fato é, você vê, senhorita, isto aqui deveria ter sido uma roseira vermelha e nós colocamos uma branca por engano; e se a Rainha descobrir isto, todos nós devemos ter as nossas cabeças cortadas, sabe. Então veja, senhorita, nós estamos a fazer o nosso melhor, antes que ela venha, para...” Neste momento o Cinco, que tinha estado a olhar ansioso sobre o jardim, gritou: “A Rainha! A Rainha!” – e os três jardineiros atiraram-se imediatamente de bruços no chão. Houve um som de muitos passos, e Alice olhou em volta, ansiosa por ver a Rainha.

Primeiro vieram dez soldados transportando estandartes; estes eram todos da forma dos três jardineiros, retangulares e lisos, com as suas mãos e pés nos cantos; a seguir dez cortesões, estes estavam ornamentados por todo o lado com diamantes, e caminhavam dois a dois, como os soldados faziam. Depois disto apareceram as crianças reais; havia dez delas, e os pequenos queridos vieram saltando alegremente de mãos dadas, em casais; eles estavam todos ornamentados com corações. A seguir vieram os convidados, na maioria Reis e Rainhas, e entre eles Alice reconheceu o Coelho branco: ele estava falando de uma maneira nervosa e apressada, sorrindo a tudo que era dito, e passou por ela sem se aperceber. Depois seguiu o Valete de Copas, transportando a coroa do Rei numa almofada de veludo carmesim; e, finalmente, após toda grande procissão surgiram o Rei e a Rainha de Copas.

Alice estava bastante em dúvida se deveria ou não permanecer deitada sobre o seu rosto assim como os três jardineiros, mas ela não conseguiu lembrar de alguma vez ter ouvido falar sobre algum tipo de regra em cortejos. “E, além disso, qual seria a utilidade de um cortejo”, pensou ela, “se as pessoas tivessem todas de deitar sobre o seu rosto, para que não pudessem vê-lo?” Então ela ficou quieta onde estava, e esperou.

Quando o cortejo passou por Alice, todos pararam e olharam para ela, e a Rainha disse severamente: “Quem é esta?” Ela disse isto para o Valete de Copas, que apenas se curvou e sorriu em resposta.

“Idiota!” – disse a Rainha, balançando a cabeça impacientemente; e, virando-se para a Alice, continuou: “Qual é o teu nome, criança?”

“Meu nome é Alice, prazer sua Majestade”, disse Alice muito educadamente; mas acrescentou para si mesma: “Bem, eles são apenas um conjunto de cartas, apesar de tudo. Não preciso ter medo deles!”

“E quem são estes?” – disse a Rainha, apontando para os três jardineiros que estavam deitados em volta da roseira; pois, você veja, enquanto eles estavam deitados sobre suas faces, o padrão nas costas era o mesmo que o do restante baralho, ela não poderia dizer se eles eram jardineiros, ou soldados, ou artesãos, ou três dos seus próprios filhos.

“Como posso saber?” – disse Alice, surpreendida com sua própria coragem – “Não é um assunto meu”.

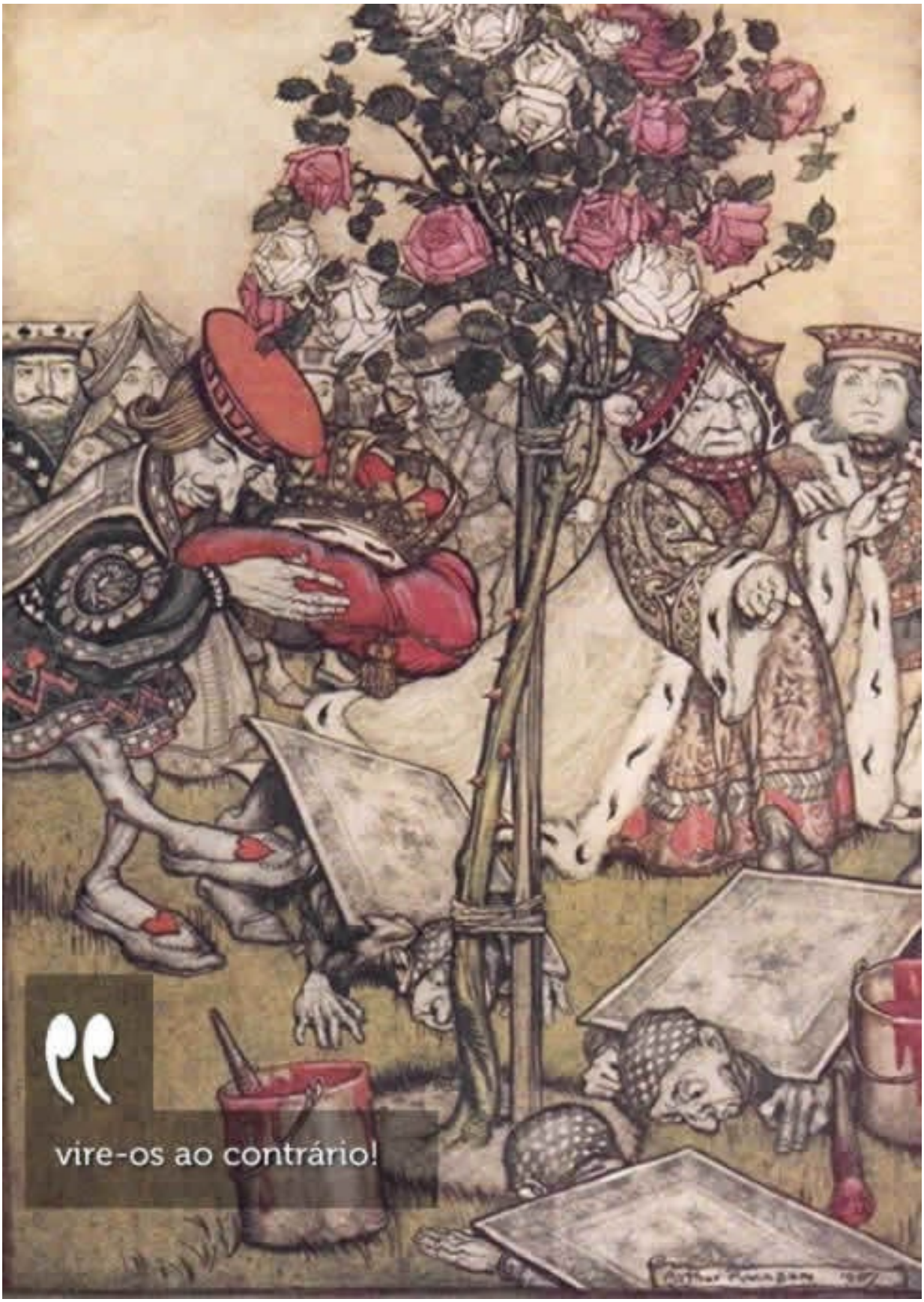
A Rainha tornou-se vermelha de raiva, e depois de encará-la por um momento, como uma besta selvagem, gritou: “Cortem-lhe a cabeça! Cortem...”

"cortem-lhe a cabeça!

“Absurdo!” – disse Alice, muito alto e decidida, e a Rainha ficou em silêncio.

O Rei pois a sua mão em cima do braço dela, e timidamente disse: “Reconsidera, minha querida: ela é apenas uma criança”.

A Rainha afastou-se furiosa dele, e disse ao Valete: “Vire-os ao contrário!”



"

vire-os ao contrário!

O Valete o fez, muito cuidadosamente, com um pé.

“Levantem-se!” – disse a Rainha, numa voz alta e estridente, e os três jardineiros levantaram-se instantaneamente e começaram a saudar o Rei, a Rainha, os príncipes e a todos os demais.

“Deixem disso!” – gritou a Rainha – “Vocês me deixam tonta”. E depois, virando-se para a roseira, ela continuou: “O que vocês têm feito aqui?”

“Permita-me explicar, sua Majestade”, disse o Dois, num tom muito humilde, baixando-se num joelho conforme falava, “nós estávamos a tentar...”

“Estou a perceber!” – disse a Rainha, que estava a examinar as rosas – “Cortem-lhes as cabeças!” E o cortejo prosseguiu, enquanto três dos soldados permaneceram atrás a fim de executar os infelizes jardineiros, que correram de encontro a Alice buscando proteção.

“Vocês não devem ser decapitados!” – disse Alice, e ela os colocou dentro de um grande vaso de flores que estava perto. Os três soldados permaneceram lá por cerca de um ou dois minutos, procurando por eles, e depois marcharam embora rapidamente atrás dos outros.

“As cabeças deles estão cortadas?” – gritou a Rainha. “As suas cabeças desapareceram, se isso agrada a vossa Majestade!” – os soldados gritaram em resposta.

“Está certo!” – gritou a Rainha – “Consegues jogar croquet?”

Os soldados fizeram silêncio, e olharam para Alice, uma vez que a pergunta era evidentemente dirigida a ela.

“Sim!” – gritou Alice.

“Anda então!” – rugiu a Rainha. Alice juntou-se ao cortejo, perguntando-se o que iria acontecer a seguir.

“É... É um dia muito bom!” – disse timidamente uma voz a seu lado. Ela estava caminhando com o Coelho Branco, que estava a espiar ansiosamente o seu rosto.

“Muito!” – disse Alice – “Onde está a Duquesa?”

“Silêncio! Silêncio!” – disse o Coelho num tom baixo e apressado. Ele olhou ansiosamente acima do seu ombro enquanto falava, e então elevou-se na ponta dos pés, pôs a sua boca perto do ouvido dela, e sussurrou: “Ela está sob sentença de execução”.

“Por que razão?” – perguntou Alice.

“Você disse ‘Que pena?’” – perguntou o Coelho.

“Não, eu não disse”, respondeu Alice; “Eu não acho que seja de todo uma pena. Eu disse ‘por que razão?’”

“Ela deixou a Rainha esperando...” – começou o Coelho. Alice deu um pequeno risinho. “Oh silêncio!” – sussurrou o coelho num tom assustado – “A Rainha vai ouvir-te! Veja, ela veio um pouco tarde, e a Rainha disse...”

“Voltem aos vossos lugares!” – gritou a rainha numa voz de trovão, e as pessoas começaram a correr em todas as direções, caindo uns contra os outros. Em todo caso, ficaram todos organizados num minuto ou dois, e o jogo começou. Alice pensou que nunca tinha visto um campo de croquet tão curioso na sua vida: era todo ondulado; as bolas eram ouriços vivos, as marretas eram flamingos vivos e os soldados tinham de se dobrar para cima se apoiando no chão apenas com as mãos e os pés, para formar os arcos.

as marretas eram flamingos vivos

A principal dificuldade que Alice inicialmente encontrou foi em controlar seu flamingo: ela teve sucesso em por o corpo alinhado, suficientemente confortável, debaixo de seu braço, com as suas pernas pendentes, mas geralmente, assim que ela tinha o pescoço endireitado, e ia dar uma tacada com a sua cabeça no ouriço, ele torcia-se em volta e olhava para o rosto dela, com uma expressão tão confusa que ela não podia evitar cair na gargalhada; e quando ela havia colocado a sua cabeça novamente para baixo, e ia recomeçar a tacada, foi muito irritante descobrir que o ouriço já havia se desenrolado e estava no ato de ir-se embora. Para além disto tudo, havia sempre uma cova ou sulco no caminho para o qual ela queria enviar o ouriço, e os soldados estavam sempre a levantar-se e andar para outras partes do campo... Alice cedo chegou à conclusão que aquele era um jogo bastante difícil de fato.

Os jogadores jogaram todos de uma vez sem esperarem pelos turnos, discutindo o tempo todo, e lutando pelos ouriços; e num curto espaço de tempo a Rainha estava furiosa, e começou a bater e a gritar: “Cortem esta cabeça!” ou “Cortem-lhe a cabeça!”, cerca de uma vez por minuto.

Alice começou a sentir-se muito apreensiva: claramente, ela ainda não tivera nenhuma disputa com a Rainha, mas sabia que poderia acontecer a qualquer instante. “E depois”, pensou ela, “o que seria de mim? Eles são terrivelmente entusiastas de decapitar pessoas aqui; a grande questão é: não há ninguém sendo deixado vivo!”

Ela estava a procura de alguma forma de escapar, e questionando-se se poderia fugir sem ser vista, quando notou uma curiosa aparição no ar: intrigou-a bastante no início, mas depois de olhar por um minuto ou dois, ela compreendeu que era um sorriso largo, e disse a si mesma: “É o gato Cheshire; agora eu devo ter alguém com quem falar”.

“Como está se saindo?” – disse o Gato assim que tinha boca o suficiente para

falar.

Alice esperou até que os olhos aparecessem e depois acenou com a cabeça. “É inútil falar com ele”, pensou ela, “até as suas orelhas surgirem, ou pelo menos uma delas”. Noutro minuto toda a cabeça surgiu, e então Alice abaixou seu flamingo e começou a contar o jogo, sentindo-se muito feliz por ter alguém que a ouvisse. O Gato pareceu ter achado que havia o suficiente da sua cabeça para ser visto, e voltou a sumir parcialmente.

noutro minuto toda a cabeça surgiu

“Não acho que eles joguem justo”, começou Alice, num tom de reclamação, “e todos eles discutem tão terrivelmente que um não consegue se ouvir a falar -- e não parecem ter nenhuma regra em particular; pelo menos, se as houver, ninguém as cumpre -- e tu não tens ideia do quão confuso é todas as coisas estarem vivas; por exemplo, tem um arco que tenho de atravessar a pé na outra extremidade do campo, e eu devia ter batido o ouriço da Rainha agora mesmo, só que ele fugiu quando me viu chegar!”

“E tu gostas da Rainha?” – disse o gato em voz baixa.

“De modo algum”, disse Alice, “ela é tão extrema...” Então ela apercebeu-se que a Rainha estava logo atrás dela, ouvindo tudo; daí continuou: “...e é provável que ganhe, que mal valha a pena jogar até o fim”.

A Rainha sorriu e passou.

“Com quem estas a falar?” – disse o Rei, dirigindo-se a Alice, e olhando para a cabeça do Gato com grande curiosidade.

“É um amigo meu, um gato Cheshire”, disse Alice, “permita que o apresente”.

“Não gosto do aspecto dele”, disse o Rei; “Contudo, ele pode beijar a minha mão caso deseje”.

“É melhor não”, o Gato advertiu.

“Não seja impertinente”, disse o Rei, “e não olhe para mim assim!” – ele colocou-se atrás de Alice enquanto falava.

“Um gato pode olhar para o Rei”, disse Alice; “eu li isso em algum livro, mas não me lembro onde”.

“Bem, deve ser removido”, disse o Rei muito decidido; e chamou a Rainha, que estava passando no momento: “Minha querida! Eu gostaria que você removesse este gato!”

A Rainha tinha apenas uma maneira de resolver todas as dificuldades, grandiosa ou pequena: “Fora com a cabeça dele!” – disse ela, sem sequer olhar em volta.

“Vou eu mesmo buscar o executor”, disse o Rei com entusiasmo, e apressou-se atrás dele.

Alice pensou que também poderia ir embora, e ver de fora como o jogo estava a correr, quando ela ouviu a voz da Rainha ao longe, gritando zangada. Ela já tinha ouvido a sua sentença: três dos jogadores seriam executados por terem falhado em suas tentativas; e ela não gostou do aspecto das coisas, uma vez que o jogo estava numa confusão tal que ela nunca sabia se era a sua vez ou não. Então ela foi em busca do seu ouriço.

O ouriço estava ocupado numa luta com outro ouriço, o que parecia a Alice uma excelente oportunidade para croquear um com o outro; a única dificuldade era que o seu flamingo tinha ido embora para o outro lado do jardim, onde Alice o

podia ver tentando voar para uma árvore, sem sucesso.

Quando ela apanhou o flamingo e o trouxe de volta, a luta tinha acabado e ambos os ouriços estavam fora de vista. “Mas isso não importava muito”, pensou Alice, “uma vez que todos os arcos tinham partido deste lado do campo”. Então ela enfiou ele debaixo de braço, para que não pudesse escapar de novo, e voltou para um pouco mais de conversa com o seu amigo.

Quando ela voltou de encontro ao gato de Cheshire, ficou surpreendida em encontrar uma multidão em sua volta: havia uma disputa a decorrer entre o executor, o Rei e a Rainha, que estavam todos a falar ao mesmo tempo, enquanto todos os outros estavam em silêncio, e a olhar muito desconfortáveis.

No momento que Alice apareceu, ela foi pressionada por todos para resolver a questão, e eles repetiram seus argumentos para ela considerar. Enquanto todos falavam ao mesmo tempo, ela apercebeu-se que era muito difícil, de fato, perceber exatamente o que eles diziam.

O argumento do executor era o de que não podia cortar uma cabeça a menos que houvesse um corpo de quem a cortar: que ele nunca teve de fazer uma coisa assim antes, e não ia começar nesta época da vida.

O argumento do Rei era o de que qualquer coisa que tivesse uma cabeça podia ser decapitado, e que todos estavam a falar bobagens.

O argumento da Rainha era o de que se nenhuma coisa fosse feita naquele segundo, todos em volta seriam executados. (E foi esta última observação que fez o grupo todo subitamente parecer sério e ansioso.)

Alice não conseguia pensar em mais nada melhor para dizer, então disse: “Mas ele pertence à Duquesa; é melhor perguntarem a ela sobre isso”.

“Ela está na prisão”, disse a Rainha para o executor, “encontrem-na lá”. E o executor saiu correndo como uma flecha.

A cabeça do Gato começou a desaparecer no momento em que o executor correu, e quando ele tinha retornado com a Duquesa, ela tinha desaparecido por completo; então o Rei e o executor correram feito loucos para cima e para baixo em busca da cabeça, enquanto os demais voltavam ao jogo.

9. A História da Tartaruga Falsa

“Você não consegue imaginar o quanto estou contente por te ver de novo, minha querida!” – disse a Duquesa, enquanto dobrou o seu braço afetivamente no de Alice, e saíram andando juntas.

Alice ficou muito contente em encontrá-la com aquele humor agradável, e pensou que talvez fosse apenas a pimenta que a tenha feito tão selvagem quando se conheceram na cozinha. “Quando for uma Duquesa”, disse a si mesma (embora não em um tom muito esperançoso), “não quero nenhuma pimenta na minha cozinha de modo algum. A sopa é muito boa sem -- talvez seja sempre a pimenta que torna as pessoas com um temperamento tão quente”, ela continuou, muito satisfeita por ter encontrado uma nova regra, “e vinagre que os torna azedos -- e camomila que os torna amargos – e... e açúcar de cevada e essas coisas são o que fazem as crianças docemente humoradas. Eu apenas desejava que as pessoas soubessem isso: então elas não seriam tão mesquinhas, sabe...”

Ela quase tinha esquecido a Duquesa a esta altura, e ficou um pouco assustada quando ouviu a sua voz perto da sua orelha: “Estás a pensar sobre alguma coisa, minha querida, e isso faz você se esquecer de falar. Eu não posso te dizer agora qual a moral disso, mas eu devo me lembrar num instante”.

“Talvez não tenha nenhuma”, Alice se atreveu a comentar.

“Tut, tut, criança!” – disse a Duquesa – “Tudo tem uma moral, e só você pode encontrá-la”. E ela apertou-se mais para o lado da Alice enquanto falava.

tudo tem uma moral, e só você
pode encontrá-la

Alice não gostava muito de se manter tão perto dela: primeiro, porque a Duquesa era bastante feia; segundo porque ela tinha a altura exata para descansar seu queixo sobre os ombros da Alice, e era um queixo desconfortavelmente pontiagudo. Contudo, ela não gostava de ser mal educada, então suportou aquilo tão bem como podia.

“O jogo estava a correr bastante melhor agora”, disse ela, de modo a continuar a conversa mais um pouco.

“É, então”, disse a Duquesa, “e a moral disso é: Oh, ‘este amor’, ‘este amor, que faz o mundo girar!’”

“Alguém disse”, Alice sussurrou, “que é feito por toda a gente cuidando de seus próprios assuntos!”

“Ah, bem! Isto significa quase a mesma coisa”, disse a Duquesa, empurrando o seu pequeno queixo pontiagudo no ombro de Alice enquanto ela acrescentava; “e a moral disso é: ‘Toma conta dos sentidos, e os sons cuidarão de si próprios’”.

“Como ela gosta de encontrar moral nas coisas!” – pensou Alice.

“Ouso dizer que está se perguntando por que eu não ponho o meu braço em volta da tua cintura”, a Duquesa disse depois de uma pausa; “a razão é, que eu tenho dúvidas a respeito do temperamento do seu flamingo. Devo tentar experimentar?”

“Ele pode morder”, respondeu Alice com cautela, não se sentido de todo ansiosa por ver a experiência.

“É verdade”, disse a Duquesa, “ambos, flamingos e mostarda, mordem. E a moral disso é: ‘Pássaros do mesmo bando voam juntos’”.

“Só que mostarda não é um pássaro”, comentou Alice.

“Certo, como de habitual”, disse a Duquesa; “que forma clara você tem de colocar as coisas!”

“É um mineral, acho”, disse Alice.

“Claro que é”, disse a Duquesa, que parecia pronta a concordar com tudo que Alice dizia; “existe uma grande mina de mostarda perto daqui. E a moral disso é: ‘Quanto mais há de mim, menos há de você’”.

“Oh, eu já sei!” – exclamou Alice, que não tinha prestado atenção neste último comentário – “É um vegetal. Não se parece com um, mas é”.

“Concordo inteiramente com você", disse a Duquesa, “e a moral disso é: ‘Seja o que você parece ser’ – ou, se você gostar de um enunciado mais simples: ‘Nunca se imagine ser de outra forma do que possa parecer aos outros que você era ou poderia ter sido não de outra forma do que você teria aparecido a eles para ser de outra forma’”.

“Acho que devo compreender isso melhor”, disse Alice muito educadamente, “se tivesse isso escrito; mas não consigo acompanhar direito enquanto você diz”.

“Isso não é nada comparado com o que eu poderia dizer se quisesse”, respondeu a Duquesa num tom educado.

“Ora, não se incomode em dizer isso num enunciado ainda mais longo”, disse Alice.

“Oh, não me fale em incomodar”, disse a Duquesa; “eu te faço um presente com tudo o que eu disse até agora”.

“Um tipo de presente barato!” – pensou Alice – “Estou contente que eles nunca me dão presentes de aniversário como esses!” – mas ela não se aventurou a dizê-lo em voz alta.

“Pensando de novo?” – perguntou a Duquesa, com outro empurrão do seu pequeno queixo pontiagudo.

“Tenho o direito de pensar”, disse Alice bruscamente, pois ela estava a começar a sentir-se um pouco preocupada.

“Quase tanto direito”, disse a Duquesa, “como os porcos têm de voar; e a m...”

Mas aqui, para grande surpresa de Alice, a voz da duquesa começou a sumir,

mesmo no meio da sua palavra favorita, moral, e o braço que estava ligado entre ambas começou a tremer. Alice olhou para cima, e ali estava a Rainha em frente a eles, com os seus braços dobrados, franzindo o semblante como uma tempestade.

“Um bonito dia, sua Majestade!” – disse a Duquesa em voz baixa e fraca.

“Agora, dou-te um aviso justo”, gritou a Rainha, saltando no chão enquanto falava; “ou tu ou a tua cabeça devem ir embora, e isso em cerca de metade de tempo algum. Tome a sua decisão!”

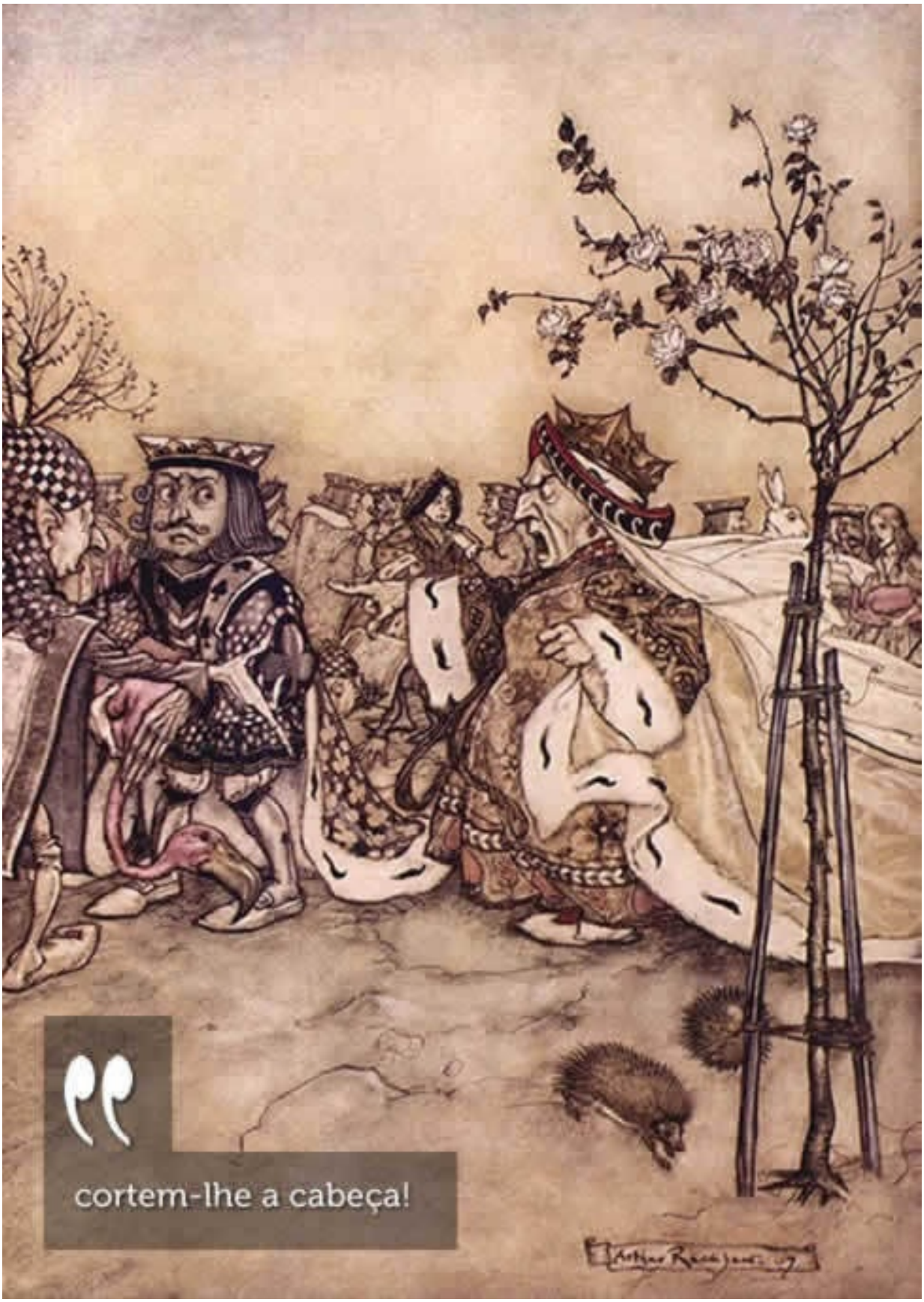
A Duquesa tomou a sua decisão e foi-se embora num instante.

“Vamos continuar com o jogo”, disse a Rainha para Alice; e Alice estava muito assustada para dizer uma palavra, mas lentamente seguiu-a para o campo de croquet.

Os outros convidados tinham tirado vantagem da ausência da Rainha, e estavam descansando na sombra: no entanto, no momento em que a viram, apressaram-se a regressar ao jogo. A Rainha apenas comentou que um momento de atraso iria custar-lhes a vida.

Durante todo o tempo em que estiveram a jogar a Rainha nunca deixou de discutir com os outros jogadores, gritando: “Cortem-lhe a cabeça!” ou “Fora com a cabeça dele!” Aqueles a quem ela sentenciava eram levados presos pelos soldados, que, claro tinham de deixar de ser arqueiros para fazer isso; de modo que pela meia hora ou perto disso não havia mais arqueiros, e todos os jogadores, exceto o Rei, a Rainha e Alice, estavam na prisão e sob sentença de

execução.



"cortem-lhe a cabeça!

A Rainha enfim parou, quase sem fôlego, e disse a Alice: “Já viu a Tartaruga Falsa?”

“Não”, disse Alice; “eu tampouco sei o que é uma Tartaruga Falsa”.

“É a coisa com que a Sopa de Tartaruga Falsa é feita”, disse a Rainha.

“Nunca vi uma, nem ouvi falar”, disse Alice.

“Anda então”, disse a Rainha, “e ele deve te contar a história dele”.

Enquanto elas saíam juntas, Alice ouviu o Rei dizer em voz baixa, para toda a companhia: “Todos vocês estão perdoados”. “Vamos, isso é uma coisa boa!” – disse ela para si, pois tinha se sentido bastante infeliz com o número de execuções que a Rainha tinha ordenado.

Em pouco tempo elas chegaram em frente a um Grifo, deitado e dormindo ao sol (se não sabe o que é um Grifo, veja a figura à seguir)...

um Grifo dormindo ao sol

“Levante-se, coisa preguiçosa!” – disse a Rainha – “Eu trouxe esta senhorita para ver a Tartaruga Falsa e para ouvir a história dele. Devo voltar e ver algumas execuções que ordenei”; e saiu, deixando Alice sozinha com o Grifo. Alice não gostava nada do aspecto da criatura, mas no geral, pensou ela, seria bem mais seguro ficar com ele do que ir atrás da Rainha selvagem: portanto, ela esperou ali mesmo.

O Grifo levantou-se e esfregou os olhos; então observou a Rainha até esta estar fora de vista, daí desatou a rir: “Que engraçado!” – disse o Grifo, meio para si mesmo, meio para Alice.

“Qual é a graça?” – disse Alice.

“Ora, ela”, disse o Grifo; “e toda a sua fantasia: eles nunca executam ninguém, sabe... Vamos!”

“Todos dizem ‘vamos’ aqui”, pensou Alice, conforme seguia devagar atrás dele; “eu nunca fui tão mandada em toda a minha vida, nunca!”

Eles não tinham ido longe antes de ver a Tartaruga Falsa à distância, sentada triste e sozinha num pequeno peitoril de pedra; e, conforme chegavam perto, Alice podia ouvi-lo suspirando como se seu coração fosse partir. Ela teve uma piedade profunda: “O que é a aflição dele?” – ela perguntou ao Grifo, e ele respondeu, quase com as mesmas palavras de antes: “É tudo fantasia: ele não tem nenhuma aflição, sabe... Vamos!”

Então eles foram até onde estava a Tartaruga Falsa, que olhou para eles com

grandes olhos cheios de lágrimas, mas não disse nada.

“Aqui está esta jovem senhorita”, disse o Grifo, “ela quer conhecer a sua história, se quer”.

“Eu irei contar a ela”, disse a Tartaruga em um tom vazio e profundo; “sentem-se, você dois, e não digam uma palavra até eu ter terminado”.

Então eles se sentaram e ninguém falou por alguns minutos. Alice pensou consigo mesma: “Eu não vejo como ele pode terminar se ainda não começou”. Mas ela esperou pacientemente.

“Uma vez”, disse finalmente a Tartaruga Falsa, com um profundo suspiro, “eu era uma tartaruga de verdade”.

uma vez, eu era uma tartaruga de verdade...

Estas palavras foram seguidas de um longo silêncio, quebrado apenas por uma exclamação ocasional de “Hjckrrh!” do Grifo, e o pesado e constante gemido da Tartaruga Falsa. Alice estava quase levantando e dizendo, “Obrigado senhor, por sua interessante história”, mas ela não podia deixar de pensar que devia haver mais por vir, então ficou sentada e não disse nada.

“Quando éramos pequenos”, finalmente disse a Tartaruga Falsa, mais calmamente embora ainda gemendo um pouquinho de vez em quando, “nós íamos à escola no mar. O mestre era uma velha Tartaruga -- costumávamos chamá-lo de Jabuti...”

“Por que vocês o chamavam de Jabuti, se ele não era um?” – perguntou Alice.

“Nós o chamávamos de Jabuti porque ele nos ensinou assim”, disse com raiva a Tartaruga Falsa; “realmente você é muito tola!”

“Você devia ter vergonha de si mesma por perguntar uma questão tão simplória”, acrescentou o Grifo; e ambos sentaram em silêncio e olharam para a pobre Alice, o qual se sentiu pronta para afundar na terra. Por fim o Grifo disse a Tartaruga Falsa: “Continue, velho amigo! Não leve o dia inteiro para isto!” – e ele continuou com estas palavras:

“Sim, nós fomos à escola no mar, de qualquer forma você não deve acreditar...”

“Eu nunca disse que não acreditei!” – interrompeu Alice.

“Você disse”, replicou a Tartaruga Falsa.

“Segure a sua língua!” – acrescentou o Grifo, antes que Alice pudesse falar novamente. A Tartagura Falsa continuou:

“Nós tínhamos a melhor educação – de fato, nós íamos à escola todos os dias...”

“Eu tenho ido à escola todos os dias também”, disse Alice; “você não precisa ser tão orgulhoso disso tudo”.

“Com aulas extras?” – perguntou a Tartaruga Falsa, levemente inquieta.

“Sim”, disse Alice, “nós aprendemos Francês e música”.

“E lavagem?” – disse a Tartaruga Falsa.

“Certamente não!” – disse Alice, indignada.

“Ah! então a sua escola não é realmente uma boa escola”, disse a Tartaruga Falsa em com um tom de alívio. “Já a nossa, no final das contas, tinha Francês, música e lavagem como aulas extras”.

“Vocês não deveriam precisar disso tudo vivendo no fundo do mar”, disse Alice.

“Eu não poderia bancar o custo de tantas aulas extras”, disse a Tartaruga Falsa suspirando, “eu fiz apenas o curso regular”.

“O que era isto?” – perguntou Alice.

“Cambalear e entortar, é claro, para começar”, a Tartaruga Falsa respondeu; “e os diferentes campos da Aritmética: Ambição, Distração, Enfeiamento e Zombaria”.

“Eu nunca ouvi falar de enfeiamento”, Alice se aventurou a dizer; “o que é isto?”

O Grifo levantou as duas patas em surpresa: “Quê! Nunca ouviu enfeiamento!” – exclamou – “Você sabe o que é embelezamento, não é?”

“Sim”, respondeu Alice com desconfiança, “significa: fazer – qualquer – coisa – mais – bonita”.

“Bem, então”, o Grifo continuou, “se você não sabe o que é enfeiar, você é uma tola”.

Alice não se sentiu encorajada a perguntar mais nenhuma questão sobre isso, então virou-se para a Tartaruga Falsa e disse: “O que mais você tinha para aprender?”

“Bem, existia o Mistério”, a Tartaruga Falsa replicou, contando as matérias em suas patas; “Mistério, antigo e moderno, com marografia, e também falar lentamente – no falar lentamente o mestre era uma velha enguia, que costumava vir uma vez na semana: ele nos ensinou a falar lentamente, a se esticar e a desmaiar em espiral”.

“Como isto se parece?” – disse Alice.

“Bem, eu não posso te mostrar”, disse a Tartaruga Falsa, “sou muito rígido; e o Grifo nunca aprendeu”.

“Não tive tempo”, disse o Grifo; “eu atendi as aulas sobre os Clássicos principais, de qualquer forma. O professor era um velho caranguejo, se era”.

“Eu nunca tive aula com ele”, disse a Tartaruga Falsa com um suspiro; “ele ensinava Risada e Tristeza, costumavam dizer”.

“Sim ensinava, sim ensinava”, disse o Grifo, suspirando outra vez; e ambas as criaturas esconderam o rosto em suas patas.

“E quantas horas por dia duravam as aulas?” – perguntou Alice, com pressa de mudar o assunto.

“Dez horas no primeiro dia”, disse a Tartaruga Falsa, “nove no seguinte, e assim por diante”.

“Que plano curioso!” – exclamou Alice.

“Esta é a razão porque eles chamam lições”, o Grifo observou, “porque eles diminuem o tempo de aula dia após dia”.

Esta era uma ideia bem nova para Alice, e ela pensou um pouco antes de fazer um novo comentário: “Então, o décimo primeiro dia deve ter sido um feriado?”

“Claro que era”, disse a Tartaruga Falsa.

“E o que vocês faziam no décimo segundo dia?” – Alice perguntou ansiosamente.

“Já chega de lições”, o Grifo interrompeu num tom bem decidido; “agora conte a ela alguma coisa sobre os jogos”.

10. A Quadrilha da Lagosta

A Tartaruga Falsa respirou profundamente, e colocou as costas de uma de suas nadadeiras em frente de seus olhos. Ele olhou para Alice e tentou falar, mas por um minuto ou dois o choro sufocou sua voz. “Como se tivesse um osso em sua garganta”, disse o Grifo – e começou a sacudi-lo e a bater em suas costas. Por fim a Tartaruga Falsa recuperou sua voz, e com lágrimas descendo pelas bochechas, continuou:

“Você pode não ter vivido muito embaixo do mar...” (“Não vivi”, disse Alice) “...e talvez você nunca tenha sido apresentada a uma lagosta...” (Alice começou a dizer, “Uma vez provei...”, mas se deteve rapidamente e disse: “Não, nunca”) “...então você não tem ideia que coisa deliciosa uma Quadrilha de Lagostas é!”

“Realmente, não”, disse Alice; “que tipo de dança é?”

“Porque”, disse o Grifo, “você primeiro forma uma linha ao longo do fundo do mar...”

“Duas linhas!” – gritou a Tartaruga Falsa – “Focas, tartarugas, salmões, e assim por diante; então, quando você limpou todas as águas-vivas do caminho...”

“Isto geralmente leva algum tempo”, interrompeu o Grifo.

“...você avança duas vezes...”

“Cada um com uma lagosta como parceiro!” – gritou o Grifo.

“Claro”, disse a Tartaruga Falsa, “avançam duas vezes, ajustam os parceiros...”

“...então mudam as lagostas, e se retiram na mesma ordem”, continuou o Grifo.

“Então, sabe”, a Tartaruga Falsa continuou, “você atira as...”

“As lagostas!” – gritou o Grifo, com gesto no ar.

“...tão longe do mar o quanto você pode...”

“Nadam atrás delas!” – gritou o Grifo.

“Dão um salto mortal no mar!” – gritou a Tartaruga Falsa, saltando loucamente.

“Mudam as lagostas novamente!” – berrou o Grifo com toda a sua voz...

“Voltam para terra novamente, e esta é toda a primeira parte”, disse a Tartaruga Falsa, de repente começando a abaixar a voz; e as duas criaturas, que haviam pulado como loucas todo o tempo, sentaram novamente muito tristes e quietas, e

olharam para Alice.

“Deve ser uma dança muito bonita”, disse Alice timidamente.

“Você gostaria de ver um pouco?” – disse a Tartaruga Falsa.

“Gostaria muito”, disse Alice.

“Venha, vamos tentar a primeira parte!” – disse a Tartaruga Falsa para o Grifo – “Nós conseguimos fazer sem lagostas, sabe. Quem deve cantar?”

“Oh, você canta”, disse o Grifo, “eu esqueci a letra”.

Então eles começaram a dançar solenemente em volta da Alice, sempre pisando nos pés dela quando passavam muito perto, e balançando suas patas para marcar o tempo, enquanto a Tartaruga Falsa cantava esta música, muito lenta e triste:

“Quem irá andar um pouco mais rápido?” – disse uma anchova para uma lesma;

“Tem um delfim perto de nós, e ele está pisando na minha cauda.

Veja quão avidamente as lagostas e tartarugas avançam!”

Elas estão esperando no seixo da praia – quem irá se juntar a dança?

Você vai, você não, você vai, você não, você vai se juntar a dança?

Você vai, você não, você vai, você não, você não vai se juntar a dança?

“Você realmente não tem a noção do quão delicioso será

Quando eles nos tomarem e atirarem, com as lagostas, para fora do mar!”

Mas a lesma respondeu: “Longe demais, longe demais!”, e deu um olhar descrente...

Disse que gentilmente agradeceu à anchova, mas não iria se juntar a dança.

Não iria, não poderia, não iria, não poderia, não iria se juntar a dança.

Não iria, não poderia, não iria, não poderia, não iria se juntar a dança.

“O que importa o quão longe nós vamos?” – seu amigo escamoso perguntou.

“Tem outra terra, sabe, do outro lado.

Quanto mais distante da Inglaterra mais próximo é da França...”

Então não fique pálido, querida anchova, mas venha e se junte a dança.

Você vai, você não, você vai, você não, você vai se juntar a dança?

Você vai, você não, você vai, você não, você não vai se juntar a dança?

"quem irá se juntar a dança?

“Obrigado, é uma dança muito interessante para assistir”, disse Alice, se sentido feliz por ter finalmente acabado; “e eu também gostei desta música curiosa sobre a anchova!”

“Oh, como para a anchova”, disse a Tartaruga Falsa, “elas... você já as viu, é claro?”

“Sim”, disse Alice, “algumas vezes as vi no jant...” – ela se deteve rapidamente.

“Eu não sei onde Jant pode ser”, disse a Tartaruga Falsa, “mas se as viu algumas vezes, claro que sabe como elas se parecem”.

“Acho que sim”, Alice respondeu pensativa; “elas têm suas caudas em suas bocas... e elas ficam sobre a farofa”.

“Você está errada sobre a farofa”, disse a Tartaruga Falsa, “ela seria varrida do mar. Mas elas têm suas caudas em suas bocas; e a razão é...” – aqui a Tartaruga Falsa bocejou e fechou os olhos – “Conte a ela sobre a razão e tudo isto”, ele disse para o Grifo.

“A razão é”, disse o Grifo, “que elas iriam com as lagostas para a dança. Então elas são atiradas fora do mar. Então elas tiveram que cair num longo caminho. Então elas têm suas caudas presas em suas bocas. Então elas não podem tirá-las novamente. Isto é tudo”.

“Obrigada”, disse Alice, “é muito interessante. Eu nunca soube tanto sobre uma

anchova antes”.

“Posso te contar mais do que isto, se você quiser”, disse o Grifo; “você sabe por que elas são chamadas anchovas?”

“Eu nunca pensei nisto”, disse Alice, “por quê?”

“É por causa das botas e sapatos”, o Grifo respondeu num tom solene.

Alice ficou muito intrigada: “Por causa das botas e sapatos!” – ela repetiu num tom de admiração.

“Por que, do que seus sapatos são feitos?” – disse o Grifo – “Quero dizer: o que os fazem tão brilhantes?”

Alice olhou para baixo e pensou um pouco antes de dar sua resposta: “Eles são escovados com graxa, eu acho”.

“Botas e sapatos debaixo do mar”, o Grifo continuou com uma voz grave, “são anchovados. Agora você sabe”.

“E do que eles são feitos?” – Alice perguntou num tom de grande curiosidade.

“Solhas e enguias, é claro”, o Grifo respondeu particularmente impaciente, “qualquer camarão poderia ter te dito isto”.

“Se eu fosse a anchova”, disse Alice, cujos pensamentos ainda estavam na música, “teria dito ao delfim: ‘Afaste-se, por favor, não queremos você conosco!’”

“Eles eram obrigados a tê-los com eles”, disse a Tartaruga Falsa; “nenhum peixe esperto iria a lugar algum sem um delfim”.

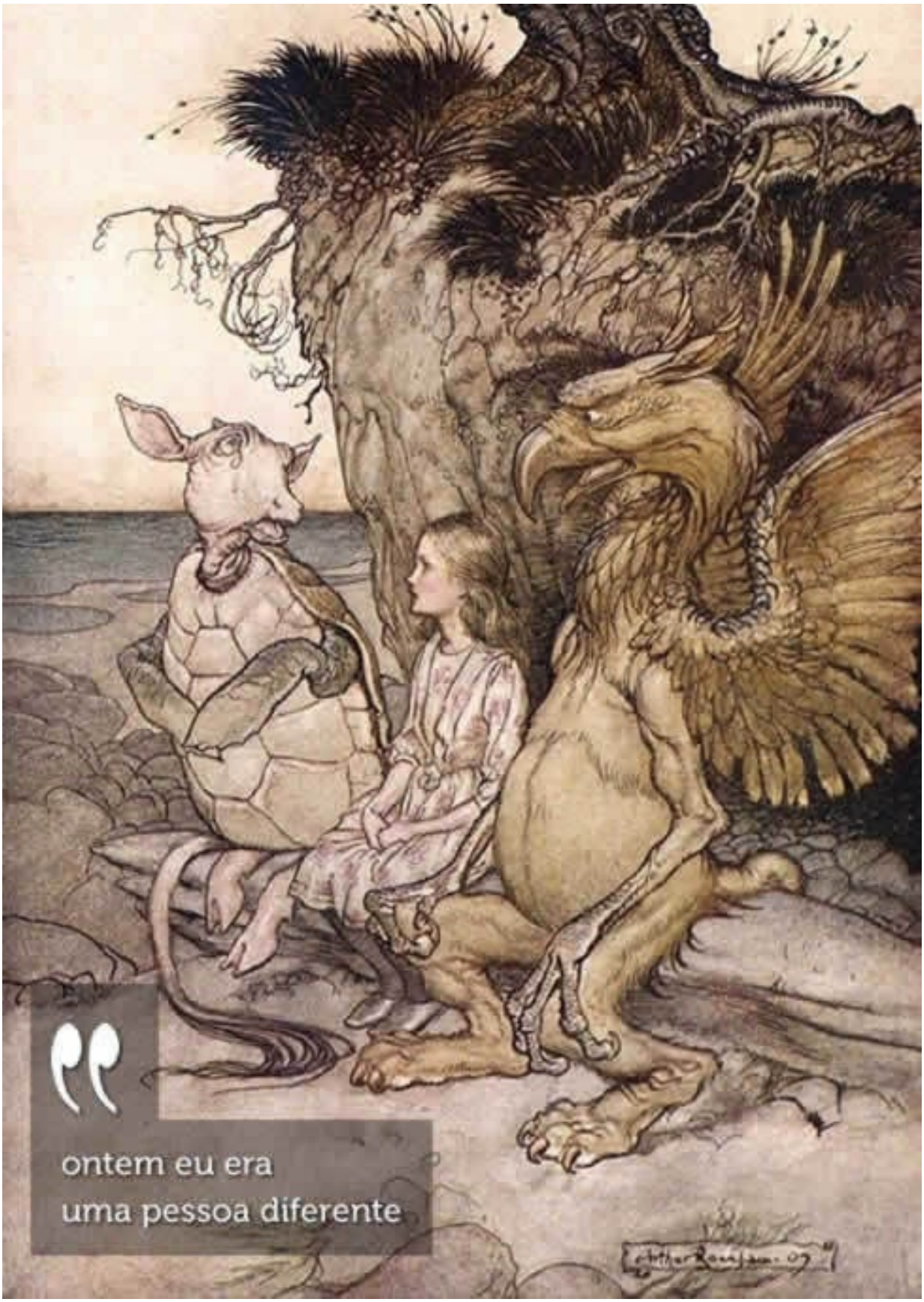
“Não iriam?” – disse Alice num tom de grande surpresa.

“Claro que não”, disse a Tartaruga Falsa, “porque, se um peixe viesse a mim, e me dissesse que estava indo em uma jornada, eu diria: ‘com que delfim?’”

“Você não quis dizer: ‘com que fim?’” – perguntou Alice.

“Quis dizer o que eu disse”, a Tartaruga Falsa respondeu num tom ofendido. E o Grifo acrescentou: “Venha, vamos ouvir uma de suas aventuras”.

“Poderia contar minhas aventuras... começando a partir desta manhã”, disse Alice um pouco tímida, “mas não seria útil voltar até ontem, porque eu era uma pessoa diferente”.



"ontem eu era
uma pessoa diferente

“Explique tudo isto”, disse a Tartaruga Falsa.

“Não, não! Aventuras primeiro”, disse o Grifo num tom impaciente, “explicações levam um tempo horrível”.

Então Alice começou a contar suas aventuras do momento em que viu o Coelho Branco. Ela estava um pouco nervosa sobre isto inicialmente – as duas criaturas estavam tão perto dela, uma de cada lado, e abriram seus olhos e bocas totalmente – mas ela teve coragem e continuou... Seus ouvintes estavam perfeitamente quietos até a parte dela tentando recitar [o poema] Você está velho, pai William para a Lagarta, mas as palavras saíam de sua boca diferentes, e então a Tartaruga Falsa respirou fundo e disse: “Isto é muito curioso”.

“Isto é tão curioso quanto pode ser”, disse o Grifo.

“Veio tudo diferente!” – a Tartaruga Falsa repetiu pensativa – “Eu gostaria de ouvi-la tentar recitar alguma coisa agora. Ordene-a que comece”. Ele olhou para o Grifo como se ele tivesse algum tipo de autoridade sobre Alice.

“Levante-se e recite The sluggard [O frouxo; outro poema de Isaac Watts]”, disse o Grifo.

“Como as criaturas mandam nas outras, e as fazem repetir lições!” – pensou Alice – “Eu bem poderia estar na escola todo este tempo”. Entretanto, ela se levantou, e começou a repetir, mas sua cabeça estava tão cheia da Quadrilha da Lagosta que ela mal podia saber o que estava dizendo, e as palavras vieram bem atrapalhadas de fato:

“Esta é a voz da Lagosta; eu a ouvi declarar:

Você me cozinhou muito tostada, devo adoçar meu cabelo.

Como um pato com suas pálpebras, faça o mesmo com seu nariz;

Adorne seu cinto e seus botões, e gire os seus dedos do pé.

Quando as areias estão todas secas, ele é fresco como um gracejo,

E irá falar em tons orgulhosos do Tubarão;

Mas, quando a maré sobe e tubarões estão em volta,

Sua voz tem um som tímido e trêmulo.”

esta é a voz da Lagosta

“Está diferente do que eu costuma ouvir quando era criança” – disse o Grifo.

“Bem, eu nunca ouvi antes”, disse a Tartaruga Falsa, “mas parece ser de uma tolice incomum”.

Alice não disse nada; ela tinha sentado com a sua face em suas mãos, imaginando se alguma coisa iria novamente acontecer de modo natural.

“Gostaria de ter isto explicado”, disse a Tartaruga Falsa.

“Ela não pode explicar”, disse o Grifo apressadamente; “continue logo com o próximo poema”.

“Mas e sobre os dedos do pé?” – a Tartaruga Falsa insistia – “Como alguém poderia virá-los com o nariz, sabe?”

“É a primeira posição na dança”, Alice disse, mas estava extremamente intrigada com tudo e desejava mudar o assunto.

“Continue com o próximo poema”, repetiu o Grifo impacientemente; “Comece com Eu passei por seu jardim”.

Alice não ousou desobedecer, embora estivesse segura de que viria tudo errado, e continuou com uma voz trêmula:

“Eu passei por seu jardim, e marquei, com um olho,

Como a Coruja e a Pantera estavam dividindo uma torta:

A pantera pegou a casca da torta, e molho de carne, e carne,

Enquanto a Coruja tinha as vasilhas como parte do trato.

Quando a torta estava terminada, a Coruja, como um conforto,

Foi gentilmente autorizada a embolsar uma colher:

Enquanto a Pantera recebeu a faca e o garfo com um rosnado,

E concluíram o banquete...”

“Qual é o sentido de recitar tudo isso”, a Tartaruga Falsa interrompeu, “se você não explica conforme continua? É de longe a coisa mais confusa que eu já ouvi!”

“Sim, acho que você devia desistir”, disse o Grifo – e Alice era, de fato, a única feliz em fazê-lo.

“Devemos tentar outra vez a Quadrilha da Lagosta?” – o Grifo continuou – “Ou você gostaria que a Tartaruga Falsa cantasse uma canção?”

“Oh, uma música, por favor, se a Tartaruga Falsa for tão gentil”, Alice replicou, tão ansiosamente que o Grifo disse, num tom particularmente ofendido: “Hum! Sem explicações para gostos! Cantaria para ela Sopa de Tartaruga, velho amigo?”

A Tartaruga Falsa respirou fundo, e começou, com uma voz às vezes sufocada com choros, a cantar assim:

“Linda Sopa, tão rica e verde,

Esperando em uma sopeira quente!

Para tal guloseima você não iria querer parar?

Sopa da noite, bela Sopa!

Sopa da noite, bela Sopa!

Belaaa Sooopa!

Belaaa Sooopa!

Sooopa da noooite,

Bela, bela sopa!

Bela Sopa! Quem liga para peixe,

Carne, ou qualquer outro prato?

Quem não daria tudo mais por somente

Dois bocados da bela Sopa?

Dois bocados da bela Sopa?

Belaaa Sooopa!

Belaaa Sooopa!

Sooopa da noooite,

Bela, BELA SOPA!”

“Refrão novamente!” – gritou o Grifo, e a Tartaruga Falsa tinha acabado de começar a repetir, quando um grito de “O julgamento começou!” foi ouvido a distância.

“Vamos!” – gritou o Grifo; e, pegando Alice pela mão, apressaram-se a sair sem esperar pelo término da música.

“Que julgamento é este?” – Alice ofegava enquanto corria; mas o Grifo apenas respondeu “Vamos!”; e corria mais rápido, enquanto de um modo cada vez mais fraco, carregado pela brisa que os seguia, as palavras melancólicas ecoavam:

“Sooopa da noooite,

Bela, bela sopa!”

11. Quem Roubou as Tortas?

O Rei e a Rainha de Copas estavam sentados em seus tronos quando eles chegaram, com uma grande multidão reunida com eles – todo tipo de pequenos pássaros e animais, assim como todo o baralho de cartas: o Valete estava de pé na frente deles, acorrentado, com um soldado de cada lado a guardá-lo; e perto do Rei estava o Coelho Branco, com um trompete em uma mão e um rolo de pergaminho na outra. Bem no meio da corte havia uma mesa, com um grande prato de tortas em cima – elas pareciam tão boas que deixaram Alice bastante faminta ao olhá-las: “Gostaria que terminassem o julgamento”, ela pensou, “e passassem a rodada de lanches!” Mas não parecia ter nenhuma chance disto acontecer, então ela começou a olhar tudo ao seu redor, para passar o tempo.

Alice nunca havia estado em uma corte da justiça antes, mas havia lido sobre ela em livros, e se sentiu satisfeita em perceber que sabia praticamente o nome de tudo ali. “Este é o juiz”, disse a si mesma, “por causa de sua grande peruca”.

O juiz, aliás, era o Rei; e como ele usava a coroa sobre a peruca, não parecia de modo algum confortável, e não era certamente conveniente.

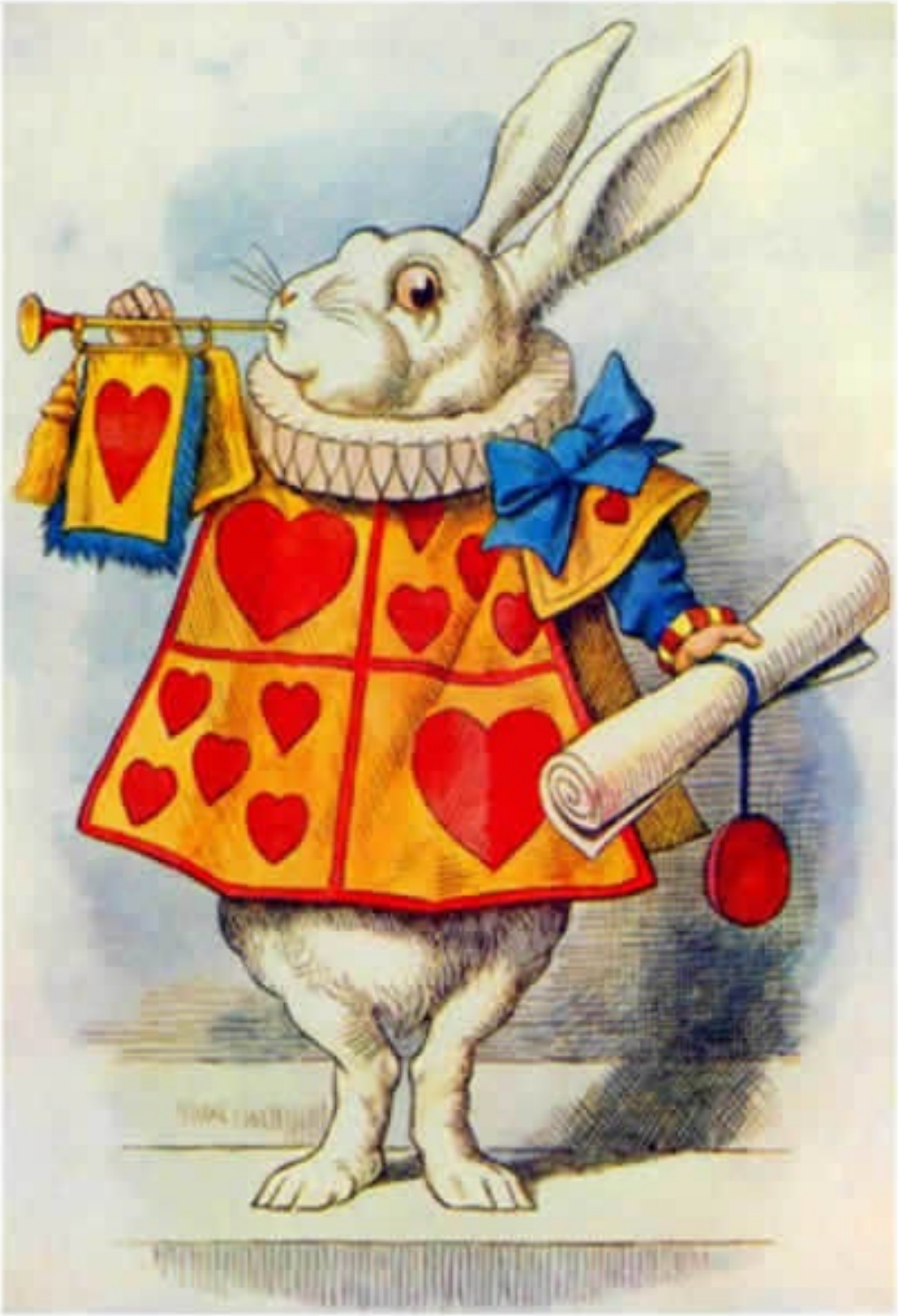
o Rei usava a coroa
sobre a peruca

“E esta é a bancada dos jurados”, pensou Alice; “e aquelas doze criaturas” – (ela foi obrigada a dizer “criaturas”, veja, porque algumas delas eram animais e outras eram pássaros) – “suponho que sejam os jurados”. Ela disse a última palavra duas ou três vezes para si mesma, ficando orgulhosa de si: ela pensou, e com justiça, que poucas meninas da idade dela sabiam o significado de tudo aquilo. Entretanto, “homens do júri” também teria servido muito bem.

Os doze jurados estavam todos ocupados escrevendo em lousas. “O que eles estão fazendo?” – Alice sussurrou para o Grifo – “Eles não podem ter nada nada para escrever ainda, afinal o julgamento nem começou”.

“Eles estão escrevendo os seus próprios nomes”, o Grifo sussurrou em resposta, “por medo de se esquecerem deles antes do final do julgamento”.

“Coisas tolas!” – Alice falou alto, com voz indignada, mas parou rapidamente após o Coelho Branco gritar alto: “Ordem no tribunal!” – e o Rei colocou seus óculos e olhou ansiosamente em volta, para ver quem estava falando.



“ ordem no tribunal!

Alice podia ver, tão bem quanto se ela estivesse olhado sobre os ombros deles, que todos estavam escrevendo “coisas tolas!” em suas lousas, e podia até ver que um deles não sabia soletrar “tolas’, e teve que perguntar ao seu vizinho como fazê-lo. “Suas lousas estarão uma bela bagunça antes do julgamento terminar!” – pensou Alice.

Um dos jurados tinha um giz que fazia barulho. Isto, é claro, Alice não podia aguentar, então ela deu a volta na corte e ficou atrás dele, e logo teve uma oportunidade de tomar o giz. Ela o roubou tão rápido que o pobre pequeno jurado (era Bill, o lagarto) não percebeu o que havia acontecido; então, após tudo isto, ele foi obrigado a escrever com o dedo o resto do dia; e isto tinha pouca utilidade pois não deixava nenhuma marca na lousa.

“Mensageiro, leia a acusação!” – disse o Rei.

Nisto o Coelho Branco assoprou três vezes a trombeta, e então desenrolou o papel pergaminho e leu como segue:

“A Rainha de Copas, ela fez algumas tortas,

Todas num dia de verão:

O Valete de Copas, ele roubou estas tortas,

E as levou bem para longe!”

“Considerem seu veredito”, disse o Rei para os jurados.

“Ainda não, ainda não!” – o Coelho rapidamente interrompeu – “Há muita coisa a lidar antes disto!”

“Chame a primeira testemunha”, disse o Rei; e o Coelho Branco assoprou três vezes a trombeta, e chamou alto: “Primeira testemunha!”

A primeira testemunha era o Chapeleiro. Ele veio com uma xícara de chá em uma mão e um pedaço de pão com manteiga na outra. “Peço perdão, sua Majestade”, ele começou, “por trazer isto: mas não tive tempo de terminar meu chá quando fui enviado para cá”.

“Você devia ter terminado”, disse o Rei; “quando começou?”

O Chapeleiro olhou para a Lebre de Março, que o havia seguido até a corte, e estava ao lado do Arganaz. “Catorze de Março, eu acho”, disse ele.

“Quinze”, disse a Lebre de Março.

“Dezesseis’, disse o Arganaz.

“Escrevam isto”, o Rei disse para os jurados, e eles avidamente escreveram todas as três datas em suas lousas, e então somaram elas, e reduziram a resposta a xelins [moeda inglesa da época] e centavos.

“Tire o seu chapéu”, disse o Rei para o Chapeleiro.

“Não é meu”, disse o Chapeleiro.

“Roubado!” – o Rei exclamou, virando para os jurados, os quais instantaneamente anotaram o fato.

“Eu os possuo para vender”, o Chapeleiro acrescentou como uma explicação; “não tenho nenhum meu. Sou um chapeleiro”.

Neste momento a Rainha colocou seus óculos e começou a encarar o Chapeleiro, que ficou pálido e inquieto.

“Dê a sua evidência”, disse o Rei; “e não fique nervoso, ou irei executá-lo imediatamente”.

Isto não pareceu encorajar a testemunha de modo algum: ele ficou trocando de um pé para o outro, olhando de modo constrangedor para a Rainha, e nesta confusão ele mordeu um pedaço grande de sua xícara de chá ao invés do pão com manteiga.

“ ele mordeu um pedaço de sua xícara

Neste momento Alice começou a sentir uma curiosa sensação, que a intrigou por um tempo até ela descobrir do que se tratava: ela tinha começado a crescer novamente, e primeiro pensou em levantar e deixar a corte; mas depois de refletir sobre o assunto decidiu permanecer onde estava, contanto que houvesse espaço para ela.

“Espero que você não espirre então”, disse o Arganaz, que estava próximo a ela; “eu mal posso respirar”.

“Não posso evitar”, Alice disse docemente, “estou crescendo”.

“Você não tem o direito de crescer aqui”, disse o Arganaz.

“Não diga bobagens”, disse Alice com coragem, “você sabe que está crescendo também”.

“Sim, mas eu cresço num ritmo razoável”, disse o Arganaz, “não deste jeito ridículo”. E ele se levantou de mau humor e foi para o outro lado da corte.

Todo este tempo a Rainha não havia deixado de encarar o Chapeleiro; e, justamente quando o Arganaz cruzou a corte, ela disse para um dos seus oficiais: “Traga-me a lista dos cantores do último concerto!” – no que o pobre coitado do Chapeleiro se tremeu tanto, que sacudiu ambos os sapatos para fora.

“Dê seu depoimento”, o Rei repetiu com raiva, “ou irei executá-lo, estando você nervoso ou não”.

“Sou um pobre homem, sua Majestade”, o Chapeleiro começou, com uma voz trêmula, “e eu não comecei meu chá... não mais do que uma semana atrás... e o que com o pão com manteiga ficando tão fino... e o brilho do chá...”

“O brilho do quê?”, disse o Rei.

“Começa com o chá”, o Chapeleiro respondeu.

“Claro que brilho começa com um B!” – disse o Rei rapidamente – “Você me toma como um tolo? Continue!” [Nota do Editor: mais um trocadilho intraduzível, e desta vez mais complexo: Brilho, em inglês (twinkling), começa com o mesmo T de chá em inglês (tea). Além disso, o próprio termo, tea, pode ser confundido com T ao ser soletrado. Daí o Rei entendeu de “começou com o chá” (it began with the tea) algo como “começa com o T” (como se o Chapeleiro estivesse soletrando o termo twinkling)]

“Sou um homem pobre”, o Chapeleiro continuou, “e a maioria das coisas brilha para mim... apenas a Lebre de Março disse...”

“Não disse!” – a Lebre de Março interrompeu com pressa.

“Você disse!” – disse o Chapeleiro.

“Eu nego!” – disse a Lebre de Março.

“Ele nega”, disse o Rei, “deixe de fora esta parte”.

“Bem, de qualquer modo, o Arganaz disse...” – e o Chapeleiro continuou, olhando ansiosamente em volta para ver se ele iria negar também: mas o Arganaz não negou nada, estando dormindo profundamente.

“Depois disso”, o Chapeleiro continuou, “cortei mais algum pão, e manteiga...”

“Mas o que o Arganaz disse?” – um dos jurados perguntou.

“Isto eu não consigo me lembrar”, disse o Chapeleiro.

“Você deve se lembrar”, o Rei advertiu, “ou irei executá-lo”.

O coitado do Chapeleiro derrubou sua xícara de chá e pão com manteiga, e se ajoelhou. “Sou um pobre homem, sua Majestade”, ele começou...

“Você é um pobre orador”, disse o Rei.

Aqui um dos Porquinhos da Índia se animou, e foi imediatamente suprimido pelos oficiais da corte. (Como esta é uma palavra difícil, irei apenas explicar como era feito: eles tinham uma grande bolsa de lona, que amarravam na boca com barbante; dentro dela eles deslizavam o Porquinho da Índia, cabeça

primeiro, e então sentavam em cima).

“Estou feliz por ter visto ser feito”, pensou Alice; “já li nos jornais que nos finais dos julgamentos, ‘Houve algumas tentativas de aplausos, que foram imediatamente suprimidos pelos oficiais da corte’, e eu nunca entendi o que significava até agora”.

“Se é tudo o que você sabe, pode descer”, o Rei continuou.

“Não posso descer mais”, disse o Chapeleiro; “já estou no chão”.

“Então você pode ir sentar”, respondeu o Rei.

Então outro Porquinho da Índia aplaudiu, e foi suprimido.

“Bem, isto acabou com os Porquinhos da Índia!” – pensou Alice – “Agora nós devemos progredir melhor”.

“Eu prefiro terminar meu chá”, disse o Chapeleiro, com um olhar ansioso para a Rainha, que estava lendo a lista de cantores.

“Você pode ir”, disse o Rei, e o Chapeleiro rapidamente deixou a corte, sem sequer esperar para colocar seus sapatos.

o Chapeleiro rapidamente deixou a corte

“...e cortem a sua cabeça lá fora”, disse a Rainha para um dos oficiais; mas o Chapeleiro já estava fora do alcance da visão antes que o oficial chegasse a porta.

“Chame a próxima testemunha!” – disse o Rei.

A próxima testemunha era a cozinheira da Duquesa. Ela carregava uma caixa com pimenta em sua mão, e Alice adivinhou quem era mesmo antes dela entrar na corte por conta das pessoas espirrando, todas de uma vez, perto da porta.

“Dê seu depoimento”, disse o Rei.

“Não”, disse a cozinheira.

O Rei olhou ansioso para o Coelho Branco, que disse em voz baixa: “Sua Majestade deve examinar esta testemunha”.

“Bem, se eu devo, eu devo”, disse o Rei, com um ar melancólico, e depois dobrando os braços e franzindo a testa para a cozinheira até que seu olhos estavam quase escondidos, assim dizendo com uma voz grave: “Do que as tortas são feitas?”

“Pimenta, principalmente”, disse a cozinheira.

“Xarope”, disse uma voz sonolenta atrás dela.

“Peguem este Arganaz!” – gritou a Rainha – “Contem a cabeça! Tirem o Arganaz da corte! Suprimam-no! Belisquem-no! Tirem seus bigodes!”

Por alguns minutos toda a corte estava em confusão, tirando o Arganaz; e, quando eles se sentaram novamente, a cozinheira havia desaparecido.

“Não faz mal!” – disse o Rei, com um ar de alívio – “Chame a próxima testemunha!” – e complementou em voz baixa para a Rainha: “Sério, minha querida, você deve examinar a próxima testemunha. Isto faz a minha testa doer!”

Alice observou o Coelho Branco conforme ele mexia na lista, sentindo muita curiosidade de saber qual seria a próxima testemunha, “Porque eles não tiveram muitos depoimentos ainda”, disse para si mesma. Imagine então a sua surpresa quando o Coelho Branco leu, o mais alto que a sua pequena voz estridente podia: “Alice!”

12. O Depoimento de Alice

“Aqui!” – gritou Alice, quase se esquecendo no calor do momento o quanto havia crescido nos últimos minutos, e pulou numa pressa tal que derrubou a bancada dos jurados com a ponta de sua saia, derrubando todos os jurados de cabeça no público abaixo, e ali eles se esparramaram, lembrando-a do aquário do peixe dourado que havia acidentalmente derrubado uma semana antes.

“ela pulou numa pressa tal
que derrubou a bancada dos jurados

“Oh, peço perdão!” – ela exclamou num tom de grande medo, e começou a pegá-los novamente o mais rápido que podia, com o acidente do peixe dourado ainda em sua mente, e com a ideia de que deviam ser coletados imediatamente e colocados de volta na bancada de jurados ou eles morreriam.

“O julgamento não pode proceder”, disse o Rei com uma voz bem grave, “até que todos os jurados estejam de volta em seus devidos lugares... todos”, ele repetiu com uma grande ênfase, olhando com severidade para Alice enquanto dizia.

Alice olhou para a bancada de jurados e viu que, em sua pressa, havia colocado o Lagarto de cabeça para baixo, e o coitadinho estava balançando sua cauda de um jeito melancólico, quase não podendo se mover. Rapidamente ela o tirou, e colocou novamente do jeito certo. “Não que isto signifique muito”, disse a si mesma, “acho que a participação dele no julgamento seria a mesma de um jeito ou de outro”.

Assim que os jurados se recuperaram do choque de terem sido derrubados, e suas louças e gizes haviam sido encontrados e entregues, eles começaram a trabalhar de modo diligente a escrever sobre a história do acidente, exceto a parte do Lagarto, o qual parecia muito cansado para fazer qualquer coisa além de sentar com sua boca aberta, encarando o teto da corte.

“O que você sabe sobre um julgamento?” – o Rei disse a Alice.

“Nada”, disse Alice.

“Absolutamente nada?” – insistiu o Rei.

“Absolutamente nada”, disse Alice.

“Isto é muito importante”, o Rei disse, virando-se para o júri. Eles estavam começando a escrever em suas lousas quando o Coelho Branco interrompeu: “Desimportante, Vossa Majestade quis dizer, é claro”, ele disse num tom respeitoso, mas franzindo a testa e fazendo careta para ele conforme falava.

“Desimportante, é claro”, o Rei apressadamente disse, e continuou para si em voz baixa, “importante... desimportante... desimportante... importante...” – como se estivesse testando qual palavra tinha um som melhor.

Alguns jurados escreveram “importante”, e alguns “desimportante”. Alice podia ver tudo, à medida que estava próxima o suficiente das pranchetas deles. “Mas isto não importa nem um pouco”, pensou consigo mesma.

Neste momento o Rei, que estava por algum tempo ocupado escrevendo em seu caderno, gritou “Silêncio!” e leu de seu caderno: “Regra Quarenta e Dois. Todas as pessoas com mais de um quilômetro de altura devem deixar a corte”.

Todos olharam para Alice.

“Eu não tenho um quilômetro de altura”, disse Alice.

“Você tem”, disse o Rei. “Quase dois quilômetros de altura”, acrescentou a Rainha.

“Bem, não irei, de modo algum”, disse Alice; “além disto, esta não é uma regra regular: você inventou agora”.

“É a regra mais antiga no livro”, o Rei disse.

“Então devia ser a Número Um”, disse Alice.

O Rei ficou pálido, e fechou o caderno rapidamente. “Considerem seu veredito”, disse aos jurados, com uma voz trêmula e baixa.

“Ainda existem mais evidências para se analisar – por favor, Vossa Majestade”, disse o Coelho Branco, pulando com pressa; “este papel acabou de ser apanhado”.

“O que tem nele?” – disse a Rainha.

“Ainda não abri”, disse o Coelho Branco, “mas parece ser uma carta, escrita por um prisioneiro para... para alguém”.

“Deve ter sido isto”, disse o Rei, “exceto se foi escrita para ninguém, o que não é usual, sabe”.

“Para quem é endereçada?” – disse um dos jurados.

“Não está endereçada”, disse o Coelho Branco; “de fato, não há nada escrito do lado de fora”. Ele desdobrou o papel conforme falava e acrescentou: “Não é uma carta, de todo modo, é um conjunto de versos”.

“Estão com a caligrafia do prisioneiro?” – perguntou outro jurado.

“Não, não estão”, disse o Coelho Branco, “e isto é a coisa mais esquisita sobre eles”. (Os jurados se olharam intrigados.)

“Ele deve ter imitando a letra de outra pessoa”, disse o Rei. (O júri todo se acalmou novamente.)

“Por favor, Vossa Majestade”, disse o Valete, “eu não escrevi, e eles não podem provar: não há nome assinado no final”.

“Se você não assinou”, disse o Rei, “isto apenas deixa as coisas piores. Você deve ter agido de má fé, ou teria assinado seu nome como um homem honesto”.

Houve uma aclamação geral neste ponto: foi a primeira coisa inteligente que o Rei disse naquele dia.

“Isto prova a sua culpa”, disse a Rainha.

“Não prova coisa nenhuma!” – disse a Alice – “Por que provaria? Você nem sabe do que se trata!”

“Leia a carta”, disse o Rei.

O Coelho Branco colocou seus óculos. “Por onde devo começar, Vossa Majestade?” – ele perguntou.

“Comece pelo começo”, o Rei respondeu rapidamente, “e continue até você chegar ao final; então pare”.

Houve um imenso silêncio na corte, enquanto o Coelho Branco lia estes versos:

“Eles me contaram o que você tem sido para ela,

E me mencionaram para ele:

Ela me deu um bom sinal,

Mas disse que eu não podia nadar.

Ele enviou uma sentença de que eu não tinha ido

(Nós sabemos ser verdade):

Se ela pudesse prosseguir com o assunto,

O que teria sido de você?

Dei a ela um, eles deram dois,

Nós demos três ou mais;

Todas elas voltaram dele para você,

Embora elas fossem minhas antes.

Se eu ou ela tivéssemos a chance

De ser envolvidos nestes assuntos,

Ele confiaria a você libertá-los,

Exatamente como nós fomos.

Minha noção foi que você tem sido

(Depois dela ter esta forma)

Um obstáculo que veio entre ele,

E nós, e ele.

Não deixe saber que ela gostava deles,

Pois isto deve sempre ser um segredo,

Mantido de todos os outros,

Entre você e eu.”

“Esta é a mais importante evidência que já ouvimos”, disse o Rei, esfregando as mãos; “então vamos deixar o júri...”

“Se algum deles puder explicar”, disse Alice (ela tinha crescido tanto nos últimos minutos que não tinha nem um pouco de medo de interrompê-lo), “eu darei a ele seis centavos. Eu não acredito que existe um átomo de significado nisto tudo”.

Todo o júri escreveu em suas lousas, “Ela não acredita que exista um átomo de significado nisto tudo”, mas nenhum deles tentou explicar o papel.

“Se não tem significado”, disse o Rei, “isto poupa muitos problemas, sabe, pois nós não tentamos encontrar nenhum. E ainda não sei”, ele continuou, estendendo os versos em seus joelhos e olhando com um olho, “parece que vejo algum significado nele, apesar de tudo... ‘Disse que eu não podia nadar...’ – você não pode nadar, pode?” – ele acrescentou, virando-se para o Valete.

O Valete balançou a cabeça com tristeza. “Parece que consigo?” – disse ele. (O que certamente não conseguia, sendo feito completamente de papelão.)

“Tudo certo, até agora”, disse o Rei, e continuou murmurando os versos para si mesmo: “‘Nós sabemos ser verdade...’ – que é o júri, é claro... ‘Dei a ela um, eles deram dois...’ – o que deve ser o que ele fez com as tortas, sabe...”

“Mas continua com ‘Elas retornaram todas para você’”, disse Alice.

“Bem, aqui estão elas!” – disse o Rei triunfando, apontando para as tortas sobre a mesa. “Nada pode ser mais claro do que isto. Por outro lado... ‘Antes ela tinha forma...’ – você nunca teve forma, minha querida, não é?” – ele disse para a Rainha.

“Nunca!” – disse a Rainha furiosamente, atirando um tinteiro no Lagarto enquanto falava. (O infeliz era o pequeno Bill, que tinha deixado de escrever na lousa com o dedo, quando descobriu que não deixava marca; mas agora havia começado novamente, usando a tinta que estava escorrendo de sua face, enquanto ela durava.)

“Então as palavras não formam você”, disse o Rei, olhando em volta da corte com um sorriso. Houve um silêncio fúnebre.

“É um trocadilho!” – o Rei acrescentou em um tom ofendido, e todos riram. “Deixem o júri considerar o veredito”, disse o Rei, pela vigésima vez naquele dia.

“Não, não!” – disse a Rainha. “Sentença primeiro... veredito depois”.

“Que coisa mais sem lógica!” – disse Alice em voz alta – “A ideia de ter uma sentença antes do veredito!”

“Segure sua língua!” – disse a Rainha ficando roxa.

“Não!” – disse Alice.

“Cortem-lhe a cabeça!” – a Rainha gritou com toda a sua voz. Ninguém se moveu.

“Quem liga para vocês?” – disse Alice (que havia crescido para seu tamanho normal neste momento.) – “Vocês não são nada além de um baralho de cartas!”

Neste momento todo o baralho subiu pelo ar, e veio voando sobre ela: ela deu um pequeno grito, metade de medo e metade de raiva, e tentou afastá-los com as mãos, e se encontrou deitada num banco com a cabeça no colo de sua irmã, o qual gentilmente removia com uma escova algumas folhas mortas que haviam caído da árvore em seu rosto.

o baralho veio voando sobre ela

“Acorde, querida Alice!” – disse sua irmã – “Bem, que longo cochilo você teve!”

“Oh, eu tive um sonho curioso!” – disse Alice, e contou para a irmã, tão bem quanto podia se lembrar, todas as estranhas aventuras que você acabou de ler; e quando tinha terminado tudo, sua irmã a beijou e disse:

“Foi um sonho certamente curioso, minha querida: mas agora corra para o seu chá; está ficando tarde”. Então Alice se levantou e correu, pensando enquanto corria, tão bem quanto podia, do belo sonho que havia tido.

Mas a sua irmã se sentou assim que ela saiu, inclinando suas mãos, vendo o pôr-do-sol e pensando na pequena Alice e em todas as suas maravilhosas aventuras, até que começou a sonhar de certa forma, e este foi o sonho dela:

Primeiro, ela sonhou com a própria pequena Alice, e viu que ela estava mais uma vez sentada com suas pequenas mãos sobre o joelho, e seus olhos ávidos e brilhantes levantaram-se assim que a percebeu chegar... ela podia ouvir cada tom de sua voz, e prender o pequeno arranjo atrás dos cabelos soltos que sempre caíam em seus olhos... e ainda enquanto ela ouvia, ou parecia ouvir, todo o lugar em volta se transformou nas estranhas criaturas do sonho da sua pequena irmã.

O longo gramado farfalhou em seus pés enquanto o Coelho Branco corria... o Rato assustado respingou seu caminho dentro da piscina próxima... ela podia ouvir a agitação das xícaras da Lebre de Março e seus amigos dividindo a interminável refeição e o Porco-Bebê espirrando no joelho da Duquesa, enquanto pratos e louças se quebravam em volta... mais uma vez o grito do Grifo, o grunhido da lousa do Lagarto e a chocante supressão dos Porquinhos da Índia preencheram o ar, misturados com os distantes soluços da Tartaruga Falsa.

Então ela se manteve quieta e sentada, com os olhos fechados, e metade dela acreditou no País das Maravilhas, embora soubesse que tinha de abri-los novamente, e que tudo iria mudar de novo para a tediosa realidade... a grama seria apenas o farfalhar do vento, e a piscina ondularia junto... o barulho das xícaras iria mudar para o tilintar dos sinos de carneiros, e o grito penetrante da Rainha para a voz do jovem pastor... e o espirro do Bebê, o grito do Grifo e todos os outros barulhos esquisitos iriam se transformar (ela sabia) no clamor confuso do ocupado jardim da fazenda... enquanto o mugido da vaca ao longe seria os soluços da Tartaruga Falsa.

Por fim, ela imaginou para si como esta mesma irmãzinha dela iria, após um tempo, ser como ela uma mulher adulta; e como ela iria manter, através de todos os seus anos, o simples e apaixonado coração de sua infância: e como ela iria reunir perto dela outras crianças pequenas e fazer seus olhos brilhantes e ávidos com muitos contos esquisitos, talvez até com o sonho do País das Maravilhas de muito tempo atrás: e como ela iria lidar com todas as suas mágoas mundanas, e encontrar satisfação em todas as coisas simples, se lembrando da sua vida de criança, e dos dias felizes de verão.

FIM

Arthur Rackham 07

Lewis Carroll

Esta foi uma edição
Textos para Reflexão

Muito obrigado por sua leitura.
Para mais obras de grandes autores pelo preço de um café, busque por textos para reflexao na mesma loja em que comprou este livro digital.

Algumas obras que já editamos com carinho...

Reinações de Narizinho
Monteiro Lobato

O Pequeno Príncipe
Antoine de Saint-Exupéry

A Arte da Guerra
Sun Tzu

O Príncipe
Nicolau Maquiavel

O Manual para a Vida
Epicteto

Cartas a um jovem poeta
Rainer Maria Rilke

A Metafísica do Amor
Arthur Schopenhauer

A Origem das Espécies
Charles Darwin

Faça-nos uma visita em
facebook.com/textosparareflexao